



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**  
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

THAYGRA MANOELLY SILVA DE PINHO

**POR UMA GRAMÁTICA DO ESPAÇO DA LÍNGUA WAPIXANA (ARUÁK)**

RIO DE JANEIRO

2023

THAYGRA MANOELLY SILVA DE PINHO

**POR UMA GRAMÁTICA DO ESPAÇO DA LÍNGUA WAPIXANA (ARUÁK)**

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kristine Sue Stenzel.

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo.

Linha de pesquisa: Estudos das Línguas Indígenas.

RIO DE JANEIRO

2023

# POR UMA GRAMÁTICA DO ESPAÇO DA LÍNGUA WAPIXANA (ARUÁK)

**Thaygra Manoelly Silva de Pinho**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kristine Sue Stenzel

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Aprovado em 28 de novembro de 2023

Comissão examinadora:

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kristine Sue Stenzel**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Orientadora

---

**Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Coorientador

---

**Prof. Dr. Marcus Antonio Rezende Maia**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

**Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Protti Christino**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

**Prof. Dr. Elder José Lanes**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

RIO DE JANEIRO

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

S724u Silva de Pinho, Thaygra Manoelly  
Por uma gramática do espaço da língua wapixana  
(aruák) / Thaygra Manoelly Silva de Pinho. -- Rio  
de Janeiro, 2023.  
194 f.

Orientadora: Kristine Sue Stenzel.  
Coorientadora: Paulo Jeferson Pilar Araújo.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, 2023.

1. Espaço. 2. Topologia. 3. Quadros de  
Referência. 4. Wapixana. 5. Aruák. I. Sue Stenzel,  
Kristine, orient. II. Pilar Araújo, Paulo Jeferson,  
coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

**Dedico esta tese às mulheres mais fortes que eu conheço, à minha vó Leonília (*in memoriam*), à minha mãe Deonides e à minha filha Sollara.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus agradecimentos vão para o povo wapixana, que acolheram meu trabalho e contribuíram com minha pesquisa, possibilitando o resultado presente. Quero agradecer principalmente ao senhor Sebastião, a Mary, ao senhor Sandro Leonardo, ao senhor James e a Miriam, que, além de ser uma colaboradora do trabalho, me ajudou muito na tradução dos dados, assim como a minha amiga Ceucilene, que colaborou muito na reta final desta tese.

Seguidamente, meus agradecimentos vão para minha orientadora, Kristine Stenzel, e meu co-orientador, Paulo Jeferson, ambos tiveram muita paciência comigo e com todos os obstáculos teóricos e pessoais que enfrentei na trajetória de construção da tese. Além disso, me instruíram com seus conhecimentos teóricos e práticos de forma bastante humanizada, respeitando meus limites e incentivando meu crescimento como pesquisadora.

Agradeço também aos professores da UFRJ que deixaram suas contribuições em meu trabalho, de forma direta e indireta. Principalmente, ao professor Gean e à professora Beatriz, que fizeram parte da minha qualificação e deram suas sugestões para este trabalho, me ajudando a melhorá-lo e torná-lo mais acessível.

Não posso deixar de mencionar aqui que esse estudo só foi possível de realizar graças à CAPES. Sinto-me grata e honrada por ser bolsista da CAPES desde a graduação, até o mestrado e parte do meu doutorado. Com as bolsas a que tive acesso, pude me manter, a maior parte do tempo, como pesquisadora e sustentar minha filha no decorrer desses quase doze anos em que estive na jornada acadêmica.

Sou grata à minha família, que me apoiou em todas as etapas que me propus a enfrentar, em especial à minha mãe, que sempre me ajudou com a minha filha para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, nunca medindo esforços e nunca se negando a me apoiar nos meus sonhos e metas.

Agradeço à minha filha Sollara, que foi paciente comigo e me compreendeu em vários momentos que deixei de estar com ela para estar lendo livros que ela não entende, escrevendo coisas que ela não entende, mas mesmo assim ela sabia que era importante para mim. Mamãe te ama muito, filha!

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo principal analisar as relações espaciais codificadas na língua wapixana. Assim, foi necessário identificar a estrutura da Construção Locativa Básica (CLB) dessa língua; verificar as situações de uso dos termos de localização utilizados pelos falantes de wapixana (verbo existencial, verbo de postura, verbo de posição, dêiticos, afixos e posposições); verificar se o uso desses fatores são obrigatórios ou não, identificar o fator motivador do uso de cada uma das classes de palavras e as combinações aceitáveis na referida língua; e, por fim, compreender as relações semânticas das informações espaciais expressas na estrutura das construções espaciais, observando os aspectos culturais e cognitivos próprios do povo wapixana. Para alcançarmos esses objetivos, utilizamos os conhecimentos da Semântica Cognitiva, a fim de compreendermos com maior totalidade as relações espaciais na língua em questão. Como resultado, percebemos que a língua wapixana possui dois tipos de estratégias semânticas para codificar espaço, a Topologia e os Quadros de Referência (Q.R.). As relações topológicas são consideradas mais complexas que os Q.R.s, pois são codificadas levando em consideração diversos fatores, como animacidade e forma líquida ou sólida de F, assim como consideram se G é de grande ou pequena escala, se G está total ou parcialmente fechado, entre outros. Já os Q.R.s utilizados levam em consideração basicamente se F tem características canônicas ou não para designar se é um Q.R. Intrínseco ou Relativo, já que o Q.R. Absoluto é utilizado apenas para G de grande escala.

**Palavras-Chave:** Espaço. Topologia. Quadros de Referência. Wapixana. Aruak.

## ABSTRACT

The objective of this thesis was to analyze the spatial relationships encoded in the Wapixana language. Thus, it was necessary to identify the structure of the Basic Locative Construction (BLC) of Wapixana, verify the situations in which localization terms (existential, posture, and position verbs, deictics, affixes, and postpositions) are used in Wapixana, investigate whether the use of these elements is obligatory; analyze which factors motivate the use of each of the word classes, and their acceptable combinations; and finally, understand the semantic relationships of spatial information expressed in the structure of spatial constructions, observing specific cultural and cognitive aspects of the Wapixana people. To achieve these objectives, we draw from the framework of Cognitive Semantics to better understand the spatial relationships in the Wapixana language and find that the Wapixana language uses two types of semantic strategies to encode space: Topology and Frames of Reference. Topological relationships are considered more complex than FORs, as they are coded taking factors such as animacy and liquid or solid form of a Figure (F), as well as whether a Ground (G) is large or small scale, whether G is totally or partially closed into account. Meanwhile, the basically used FORs take into account whether F has canonical characteristics or not to designate whether it is an Intrinsic or Relative FOR, since the Absolute FOR is only used for large-scale G.

**Keywords:** Spatial language. Topology. Frames of Reference. Wapixana. Aruak.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - F (xícara) em cima de G (mesa) .....	25
<b>Figura 2</b> - F (copo) em cima de G (mesa) .....	25
<b>Figura 3</b> - F (macaco) em cima de G (cavalo).....	27
<b>Figura 4</b> - Subdivisões conceituais do domínio espacial.....	40
<b>Figura 5</b> - Esquema de coincidência em que F está contido em G.....	41
<b>Figura 6</b> - F está contido em G .....	42
<b>Figura 7</b> - F está parcialmente contido em G .....	42
<b>Figura 8</b> - F está em contato com a superfície externa de G .....	43
<b>Figura 9</b> - F está na vizinhança de G (sem contato) .....	43
<b>Figura 10</b> - Quadro entre modalidades .....	48
<b>Figura 11</b> - Quadro de Referência Intrínseco .....	51
<b>Figura 12</b> - Quadro de Referência Relativo.....	52
<b>Figura 13</b> - Quadro de Referência Relativo Refletido.....	53
<b>Figura 14</b> - Quadro de Referência Absoluto.....	54
<b>Figura 15</b> - Representação da codificação do espaço.....	56
<b>Figura 16</b> - Representação do uso de partes do corpo em partes de objetos .....	64
<b>Figura 17</b> - Mapa das Terras Indígenas da região de Serra da Lua .....	68
<b>Figura 18</b> - Filiação genética da língua wapixana .....	77
<b>Figura 19</b> - Características de G .....	112
<b>Figura 20</b> - Aranha (F) pendurada pela teia embaixo da mesa.....	114
<b>Figura 21</b> - Aranha (F) está embaixo da mesa (em contato) .....	114
<b>Figura 22</b> - Movimento/direção de F em relação ao falante.....	128
<b>Figura 23</b> - Água (F) está embaixo da mesa (água está em um continente).....	135
<b>Figura 24</b> - Água (F) está embaixo da mesa (G) (água não está em um continente) .....	135
<b>Figura 25</b> - Representação da rotação do Quadro de Referência Intrínseco .....	138
<b>Figura 26</b> - Imagem de uma árvore em uma posição não canônica .....	142
<b>Figura 27</b> - Quadro de Referência Relativo de Admiraal (2016).....	143
<b>Figura 28</b> - Garoto (F) ao lado direito da mesa (G).....	148
<b>Figura 29</b> - Garoto (F) ao lado esquerdo da mesa (G).....	148
<b>Figura 30</b> - Garoto (F) de uma mesa quadrada (G) .....	150
<b>Figura 31</b> - Cachorro (F) ao lado de uma mesa redonda (G).....	150

<b>Figura 32</b> - Pássaro (F) próximo do coqueiro (G) .....	151
<b>Figura 33</b> - Pássaro (F) distante do coqueiro (G) .....	151
<b>Figura 34</b> - Papéis semânticos das posições da língua wapixana .....	157

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Inventário de esquemas imagéticos .....	32
<b>Tabela 2</b> - Fontes de partes do corpo de locativos oceânicos .....	66
<b>Tabela 3</b> - Verbos de posturas e posições da língua wapixana.....	110
<b>Tabela 4</b> - Termos de localização da língua wapixana (F embaixo de G).....	116
<b>Tabela 5</b> - Termos de localização da língua wapixana (F em cima de G).....	123
<b>Tabela 6</b> - Termos de localização da língua wapixana (F dentro de G) .....	129
<b>Tabela 7</b> - Termos de localização da língua wapixana (F atrás de G).....	140
<b>Tabela 8</b> - Morfema -nap na língua wapixana .....	155
<b>Tabela 9</b> - Termos de localização da língua wapixana (F ao lado de G).....	160
<b>Tabela 10</b> - Termos de localização e posposições da língua wapixana.....	162

## LISTA DE SIGLAS

<b>1</b>	Primeira pessoa
<b>2</b>	Segunda pessoa
<b>3</b>	Terceira pessoa
<b>A</b>	Absolutivo
<b>ABL</b>	Ablativo
<b>ACC</b>	Acusativo
<b>ADJR</b>	Adjetivador
<b>ANF</b>	Anáfora
<b>ART</b>	Artigo
<b>AT</b>	Atributivo
<b>CAUS</b>	Causativo
<b>CLB</b>	Construção Locativa Básica
<b>CL</b>	Classificador
<b>CLF</b>	Classificador
<b>CLV</b>	Sistema Verbal Classificatório
<b>CMP</b>	Completivo
<b>CONT</b>	Contínuo
<b>COP</b>	Cópula
<b>D1</b>	Proximal
<b>D2</b>	Distal
<b>DAT</b>	Dativo
<b>DEF</b>	Determinador definido
<b>DEIT</b>	Dêitico
<b>DEM</b>	Demonstrativo
<b>DIST</b>	Distância
<b>DUR</b>	Duração
<b>E</b>	Ergativo
<b>EP</b>	Epêntese
<b>ERG</b>	Ergativo
<b>EXIST</b>	Existencial

<b>F</b>	Feminino
<b>FIG</b>	Figura
<b>FONT</b>	Fonte
<b>GND</b>	Ground
<b>IMPF</b>	Imperfeito
<b>IN</b>	Inanimado
<b>INT</b>	Interrogativa
<b>INTERJ</b>	Interjeição
<b>LOC</b>	Locativo
<b>M</b>	Masculino
<b>MI</b>	Modo indicativo
<b>NCONT</b>	Não contido
<b>NEG</b>	Negativo
<b>NMRL</b>	Numeral
<b>NOM</b>	Nominalizador
<b>NPOSS</b>	Não possuído
<b>NPP</b>	Progressivo não passado
<b>NPRS</b>	Não presente
<b>O</b>	Objeto
<b>PL</b>	Plural
<b>POS</b>	Posicional
<b>POSP</b>	Posposição
<b>POSS</b>	Possuído
<b>PREP</b>	Preposição
<b>PROX</b>	Proximal
<b>PRV</b>	Perfectivo
<b>REFL</b>	Reflexivo
<b>REL</b>	Relacional
<b>REP</b>	Repetição
<b>RES</b>	Resultativo
<b>S</b>	Sujeito
<b>SG</b>	Singular
<b>SO</b>	Raiz do verbo classificatório
<b>TCL</b>	Termo de Classe

**V** Verbo  
**VR** Verbalizador

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
<b>1 CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
1.1 OBJETIVOS DA TESE .....	22
1.2 O PERFIL DOS COLABORADORES .....	23
1.3 OS INSTRUMENTOS, AS COLETAS, AS ANÁLISES E ALGUMAS DIFICULDADES .....	24
<b>2. A TEORIA LINGÜÍSTICA ADOTADA .....</b>	<b>29</b>
2.1 DEFININDO ESPAÇO .....	33
2.2 DEFININDO CONHECIMENTO, PENSAMENTO E ESTRUTURA ESPACIAL .....	35
2.3 PERGUNTAS-ONDE .....	37
2.4 ESTRATÉGIAS SEMÂNTICAS PARA RESPONDER ÀS PERGUNTAS-ONDE.....	38
<b>2.4.1 Topologia linguística .....</b>	<b>42</b>
<b>2.4.2 Quadros de Referência.....</b>	<b>47</b>
2.5 A CODIFICAÇÃO DE ESPAÇO NAS LÍNGUAS NATURAIS .....	55
<b>2.5.1 A codificação de espaço por meio da topologia.....</b>	<b>57</b>
2.6 AS RELAÇÕES ESPACIAIS E AS PARTES DO CORPO HUMANO.....	62
<b>3 LÍNGUA WAPIXANA.....</b>	<b>68</b>
3.1 QUEM SÃO E ONDE MORAM OS WAPIXANA?.....	68
3.2 ESTADO ATUAL DA LÍNGUA WAPIXANA .....	69
3.3 OS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA WAPIXANA .....	71
3.4 FILIAÇÃO GENÉTICA E TIPOLOGIA DA LÍNGUA WAPIXANA – ARUÁK.....	76
<b>3.4.1 Marcação morfológica no sintagma verbal.....</b>	<b>81</b>
<b>3.4.2 O alinhamento da língua wapixana .....</b>	<b>82</b>
3.5 ESBOÇO GRAMATICAL.....	84
<b>3.5.1 Posposições .....</b>	<b>84</b>
<b>3.5.2 Os demonstrativos .....</b>	<b>90</b>
<b>3.5.3 Verbo existencial.....</b>	<b>92</b>
<b>3.4.4 Verbos posicionais de movimento estacionários ou de estado.....</b>	<b>93</b>
<b>4 RELAÇÕES TOPOLÓGICAS DA LÍNGUA WAPIXANA .....</b>	<b>97</b>
4.1 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA NOMINAL DA LÍNGUA WAPIXANA .....	97
4.2 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBO EXISTENCIAL.....	98
4.3 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBOS DE POSTURA .....	100
4.4 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBOS DE POSIÇÃO .....	109
4.5 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: <i>F EMBAIXO DE G</i> .....	111
4.6 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: <i>F EM CIMA DE G</i> .....	116
<b>4.6.1 Relação topológica: <i>F (animado) em cima de G (animado)</i> .....</b>	<b>123</b>
4.7 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: <i>F DENTRO DE G</i> .....	125
<b>4.7.1 Relação topológica: <i>F em meio a G</i> .....</b>	<b>130</b>
<b>4.7.2 Relação topológica: <i>F encaixado em G</i> .....</b>	<b>131</b>
4.8 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: <i>F FORA DE G</i> .....	133

<b>4.8.1 Relação topológica: <i>F</i> contido/não contido em <i>G</i></b> .....	<b>134</b>
<b>5 QUADROS DE REFERÊNCIA EM WAPIXANA</b> .....	<b>137</b>
5.1 QUADRO DE REFERÊNCIA ABSOLUTO .....	137
5.2 QUADRO DE REFERÊNCIA INTRÍNSECO .....	138
<b>5.2.1 Quadro de Referência Intrínseco: <i>F</i> atrás de <i>G</i></b> .....	<b>138</b>
<b>5.2.2 Quadro de Referência Intrínseco: <i>F</i> está em frente a <i>G</i></b> .....	<b>140</b>
<b>5.2.3 Quadro de Referência Intrínseco: <i>F</i> ao lado de <i>G</i></b> .....	<b>141</b>
<b>5.2.4 Quadro de Referência Intrínseco: <i>F</i> abaixo de <i>G</i></b> .....	<b>141</b>
5.3 QUADRO DE REFERÊNCIA RELATIVO .....	143
<b>5.3.1 Quadro de Referência Relativo: <i>F</i> atrás de <i>G</i> e <i>F</i> em frente a <i>G</i></b> .....	<b>144</b>
<b>5.3.2 Quadro de Referência Relativo: <i>F</i> ao lado de <i>G</i></b> .....	<b>145</b>
<b>5.3.3 Quadro de Referência Relativo: Relação de proximidade e lateralidade na língua wapixana</b> .....	<b>148</b>
5.4 DÊITICOS ESPACIAIS DA LÍNGUA WAPIXANA .....	152
5.5 MORFEMA <i>-nap</i> : TERMOS DE CLASSE OU CLASSIFICADORES .....	154
5.6 AS POSPOSIÇÕES NAS RELAÇÕES DE ESPAÇO DA LÍNGUA WAPIXANA .....	156
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>168</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>171</b>

## INTRODUÇÃO

O espaço vem sendo estudado por diversos campos do conhecimento ao longo dos anos, em suas variadas áreas, assim, surgiram diferentes concepções de espaço. No que concerne à Linguística, área de estudo deste trabalho, entendemos que a codificação de espaço nas línguas naturais é um tema que permite a compreensão do funcionamento de uma língua e, conseqüentemente, da cosmovisão do povo ao qual ela pertence.

Muitos autores, como Klein (1994), pensam o espaço como universal, pois surge na percepção e cognição humana, sendo, assim, comum a todos os humanos, e, por sua vez, há estruturas comuns às línguas do mundo. Entretanto, o autor compreende que existe variabilidade decorrente da experiência subjetiva e da cosmovisão de cada grupo. Já para Levinson (1992) e Senft (1997), há muito mais variabilidade de conceituação e codificação linguística de espaço nas línguas naturais do que estudos realizados por universalistas podem sugerir como universal, o que implica dizer que nem todos os conceitos espaciais são universais e, portanto, não são anteriores às línguas naturais – justificativa básica de Klein (1994) sobre a universalidade do espaço.

Nesse sentido, esta tese tenta responder à seguinte pergunta: de que forma a língua wapixana codifica as suas relações espaciais? O objetivo principal é analisar as relações espaciais codificadas nessa língua. Para tanto, foi necessário identificar a estrutura da Construção Locativa Básica (CLB), ou seja, a forma mais recorrente e básica de resposta à pergunta-*onde* “Onde está X?”; verificar as situações de uso de tais termos de localização (verbo existencial, verbo de postura, verbo de posição, dêiticos, afixos e posposições); verificar se o uso desses fatores é obrigatório ou não na língua e o fator motivador do uso de cada uma das classes de palavras e as combinações aceitáveis na referida língua; e, por fim, compreender as relações semânticas das informações espaciais expressas na estrutura das construções espaciais, observando ainda se há aspectos culturais e cognitivos próprios do povo wapixana. Para alcançarmos esses objetivos, utilizamos os conhecimentos da Semântica Cognitiva, a fim de compreendermos com maior totalidade as relações espaciais na língua em questão, já que esta vertente teórica é uma das subáreas da Linguística Cognitiva, que estuda o significado linguístico e se preocupa em entender a concepção humana de espaço.

Com tais objetivos em mente, selecionamos cinco falantes nativos da língua wapixana que também falam português e inglês como segunda língua, possuem idades entre 37 e 65 anos e, em maioria, são analfabetos. Três desses indígenas são moradores da zona urbana do município de Boa Vista, enquanto dois moram em Bonfim, um na zona rural e

outro na comunidade indígena Maruranau. Todos são originários de comunidades indígenas da Guiana.

As coletas de dados foram realizadas na zona urbana de Boa Vista, exceto uma, que foi realizada na zona rural do município de Bonfim. Foi necessário coletar a maioria dos dados na capital de Roraima, pois, no período programado para essa etapa da pesquisa, estávamos na pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e, por isso, as comunidades indígenas roraimenses não estavam permitindo entrada de pessoas de fora. Por esse motivo, tivemos que organizar nosso material de coleta de dados levando em consideração essa situação atípica.

Em relação ao processo de construção do material utilizado para a coleta de dados, utilizamos as imagens de *Topological Relations Picture Series* (Bowerman; Pederson, 1992) como base e fizemos adaptações de acordo com a realidade dos wapixana, além de trazeremos imagens mais realistas das relações espaciais que pretendíamos analisar. Essas imagens foram organizadas através de um aplicativo chamado *Picsart*, que nos proporcionou montar as figuras utilizadas para a coleta de dados.

As análises realizadas aqui mostram como as Construções Locativas Básicas (CLBs) são formadas na língua wapixana. Em aspectos gerais, a pergunta-*onde* da língua wapixana é: *na'iam F?*, 'onde está F?'. As respostas para essa pergunta são as CLBs da língua em questão. Como resultado, percebemos que há algumas considerações a se fazer antes de tratarmos especificamente das CLBs. Por exemplo, os wapixana levam em consideração a animacidade de F, ou seja, tratam de maneira diferente quando F é um ser vivo e quando não é um ser vivo. Geralmente, quando F é um ser vivo, há a necessidade (sem obrigatoriedade) de especificar o tamanho, posição ou estado em que F se encontra, como em:

<i>kainha'a</i>	<i>daunaiura</i>	<i>sud</i>	<i>kadixicha-p-a-n</i>	<i>kabayn</i>	<i>dazab-'a</i>
EXIST	homem	pequeno	em.pé-CONT-EP-MI	casa	perto-POSP

'Existe menino pequeno em pé perto da casa.'

Já quando F é um ser não vivo, não há a necessidade de especificar tamanho, posição ou estado de F. Assim, temos construções do tipo:

<i>kainha'a</i>	<i>makinhaunii</i>	<i>coconut</i>	<i>dazab-'a</i>
EXIST	brinquedo	coqueiro	perto-POSP

‘Existe brinquedo perto do coqueiro.’

A língua wapixana também estabelece algumas condições para o objeto ser F ou G, tais como: 1) quanto maior e próximo ou inerente ao chão, o objeto tem maior tendência a ser o elemento G; 2) quanto menor em relação ao G e mais móvel, maior tendência a ser o elemento F. Logo, essas características estão de acordo com as concepções de Talmy (2000) sobre o que caracteriza F e G. Nesse sentido, por exemplo, se apontarmos com a seta vermelha (que indica o F nas imagens) para um objeto que é maior que outro e mais fixo ao chão, ele não será escolhido pelos wapixana como F, mas, sim, como G.

As construções de localização espacial, assim como outras construções da língua wapixana, possuem a presença do existencial *kainha'a* ‘existe’ sem flexão e atemporal. Santos (2006) menciona que o verbo existencial *kainha'a* possui outras funções semânticas além de indicar existência, como posse, por exemplo: *atamyn kanazuu kainha'a maba yriwyn inazu'ii* ‘a árvore oca tem mel dentro’. Entretanto, por mais que esse verbo tenha outras funções em algumas construções da língua wapixana, nas construções de relações analisadas neste estudo, o verbo apresenta-se somente como existencial, indicando a existência de F, tendo seu uso como não obrigatório, ou seja, pode aparecer ou não nas construções sem mudar o sentido da sentença.

A codificação de espaço na língua wapixana utiliza três tipos de verbos: o verbo existencial, o verbo de posição e verbo de postura. O verbo existencial utilizado em sentenças espaciais da língua em questão é o verbo *kainha'a*, que não é usado apenas para especificar localização, mas também para indicar existência e posse. Além do verbo existencial, os verbos de posição e postura são utilizados apenas para F que são animados, como seres humanos e animais.

Além da topologia, o wapixana utiliza os Quadros de Referência Absoluto, Intrínseco e Relativo para especificar localização. O Quadro de Referência Absoluto é o menos utilizado na língua, é usado somente para G quando este é um elemento de grande escala. Já o Q.R. Intrínseco é um dos quadros mais utilizados pela língua, assim como o Q.R. Relativo. A diferença do uso desses dois quadros é em relação as características de F: quando F possui características canônicas, é utilizado o Q.R. Intrínseco; quando F não possui características canônicas, ou seja, são simétricos, é utilizado o Q.R. Relativo.

Nesse sentido, esta tese está dividida em cinco capítulos: o primeiro capítulo, intitulado *Caminhos da Pesquisa*, evidencia a metodologia utilizada para alcançar os resultados desejados, trazendo informações sobre os objetivos estabelecidos para a tese, o

perfil dos colaboradores da pesquisa, os instrumentos utilizados para as coletas e análise de dados, além de algumas dificuldades encontradas para a realização de coleta de dados em meio à pandemia de COVID-19.

No segundo capítulo da tese, *A teoria linguística adotada*, discutiremos sobre os fundamentos teóricos adotados para análise dos dados e alguns conceitos importantes sobre o estudo do espaço, como as definições deste e de conhecimentos espaciais, perguntas-Onde e as estratégias semânticas para respondê-las, como a topologia e os Quadros de Referência, além de apresentar a relação entre as partes do corpo humano e as relações espaciais.

No terceiro capítulo da tese, *Língua wapixana*, trazemos informações sobre os wapixana, destacando as características culturais, geográficas, e socioambientais desse povo indígena. Além disso, esse capítulo informa ao leitor sobre as características da língua wapixana, como filiação genética, características tipológicas e o alinhamento da língua e um esboço das classes gramaticais (posposições, demonstrativos, verbo existencial, verbos posicionais) que são mais utilizadas nos estudos linguísticos espaciais.

O quarto capítulo é a primeira parte da análise de dados da tese, intitulado *Relações topológicas da língua wapixana*. Nesse capítulo, primeiramente damos foco ao verbo existencial do *kainha'a*, que é encontrado em muitas construções da língua, inclusive construções espaciais. No outro tópico, a ênfase é dada aos verbos de postura utilizados nas sentenças espaciais, tais como *waxatinpen* ‘deitar’, *kakurayn* ‘deitar’, *sakantapan* ‘sentar’, entre outros. Além disso, discutimos as diferenças de uso desses termos e a situação em que são encontrados. O outro tópico evidencia o único verbo de posição da língua wapixana que esta pesquisa pôde alcançar, *xuwan* ‘derramar’, e mostra a diferença entre verbos de posição e verbos de postura. Depois, discutiremos dados que são considerados topológicos pela língua, como relações espaciais: *F embaixo de G*; *F em cima de G*; *F dentro de G*; *F em meio a G*; *F encaixado em G*; e, por fim, *F fora de G*.

O quinto e último capítulo traz os demais tópicos relacionados à análise dos dados da tese. Intitulado *Quadros de Referência em wapixana*, traz informações sobre os Quadros de Referência utilizados pela língua wapixana na codificação do espaço. Assim, dividimos em tópicos: o primeiro trata do Q.R. Absoluto, utilizado apenas quando G é representado por elementos de grande escala, como rios e serras (pouco utilizado na língua, comparado aos demais quadros). O segundo tópico é referente ao Q.R. Intrínseco, esse quadro é utilizado apenas quando F possui características canônicas para os falantes de wapixana. As relações espaciais utilizadas nesse Q.R. são: *F atrás de G*; *F em frente a G*; *F ao lado de G*; e, por fim, *F abaixo de G*. Já o terceiro tópico mostra como o Q.R. Relativo é utilizado na língua em

questão, geralmente com F que não possui características canônicas, ou seja, objetos simétricos. As relações espaciais utilizadas nesse Q.R. são: *F atrás de G*; *F em frente a G*; e *F ao lado de G*. Também discutimos nesse capítulo sobre os dêiticos que geralmente são encontrados em sentenças espaciais, o morfema *-nap*, normalmente em palavras referentes a relações espaciais horizontais e, finalmente, as posposições utilizadas ao codificar o espaço na língua wapixana.

## 1 CAMINHOS DA PESQUISA

Existem várias maneiras de fazer pesquisas linguísticas, entretanto, em todas elas, é essencial escolher uma teoria que consiga abranger os dados e os objetivos definidos para se alcançar um resultado satisfatório. Assim, este tópico tem por finalidade apresentar os objetivos estabelecidos como meta desta pesquisa, o perfil dos colaboradores da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o método utilizado e o tratamento dos dados para, enfim, expormos a análise realizada.

### 1.1 OBJETIVOS DA TESE

O objetivo principal desta pesquisa é analisar as relações espaciais codificadas na língua wapixana, assim como muitos trabalhos linguísticos também se preocupam em verificar as formas como as línguas codificam o espaço, observando suas principais características. Assim, baseamos este trabalho em estudos como os de Bowden (1992), Levinson (1992; 2003; 2006), Talmy (2000), Wilkins (2006), Stolz e Bohnemeyer (2006) e Admiraal (2016), que mostram as diferenças estruturais e que servem de ferramentas na expressão de noções de espaço nas línguas naturais.

Para desenvolver o presente estudo, partimos de três objetivos específicos, que deram origem aos tópicos do capítulo de análise de dados. O primeiro é identificar a Construção Locativa Básica (CLB) da língua wapixana, ou seja, a forma mais recorrente e básica, nessa língua, de resposta à pergunta-*Onde* “Onde está X?”. O segundo objetivo é verificar os termos de localizações utilizados na língua wapixana (léxicos, verbos, afixos e posposições) na CLB, além de verificar se o uso desses termos são obrigatórios ou não, o fator motivador do uso de cada uma das classes de palavras e as combinações aceitáveis. Assim, temos como observar o que os wapixana levam em consideração ao estabelecer a CLB.

O terceiro objetivo é compreender as relações semânticas das informações espaciais, observando os aspectos culturais e cognitivos do povo wapixana, o que justifica a necessidade da teoria que escolhemos para essa pesquisa, exposta mais abaixo. Trata-se da inter-relação entre forma e significado, ou seja, o significado é identificado e a partir daí se investiga como ele é expresso na língua. Esse objetivo foi proposto tendo em vista que autores como Levinson e Wilkins (2006) mencionam que, nas línguas naturais, é bastante comum haver

preocupações culturais nas formas de localização topológica, além de impressões cognitivas e da cosmovisão de um povo.

Por fim, esses objetivos foram elaborados a partir de apontamentos feitos pelos autores mencionados acima sobre o espaço nas línguas naturais, além de servir como base para se chegar ao objetivo geral da tese, observar a codificação do espaço da língua wapixana como um todo.

## 1.2 O PERFIL DOS COLABORADORES

Os colaboradores da pesquisa são cinco falantes nativos de wapixana, escolhidos com base em alguns critérios, como: ser maior de 25 anos de idade, falar wapixana e não morar atualmente em comunidade indígena. O último critério foi levado em consideração porque, no período de coleta de dados, estávamos enfrentando a pandemia mundial de COVID-19. Os cinco colaboradores foram:

O senhor Sebastião João Santana, um senhor de 65 anos, analfabeto, originário da Guiana, agricultor, que mora na capital Boa Vista há mais de 14 anos com sua esposa, filhos, noras e netos. Todos moram em um mesmo terreno no bairro Senador Hélio Campos. Ele tem como primeira língua o wapixana, mas também fala o português e o inglês.

Mary Wapichana, nora do senhor Sebastião, tem 39 anos, analfabeta, originária da Guiana, dona de casa, mora em Boa Vista há 9 anos, no bairro Senador Hélio Campos, em uma casa dentro do mesmo terreno do senhor Sebastião. Mary também tem o wapixana como primeira língua, mas fala muito bem português e inglês.

Sandro Leonardo tem 40 anos, caseiro<sup>1</sup>, analfabeto, atualmente é morador do Projeto de Assentamento Nova Esperança, na região rural do município de Bonfim. Ele morava em uma comunidade indígena na Guiana, mas se mudou para onde vive atualmente há 10 anos. Ele, assim como os outros, tem o wapixana como primeira língua e fala português e inglês.

O senhor James da Silva tem 60 anos, mora na comunidade indígena Maruranau, município de Bonfim. Ele é gricultor, analfabeto, fala wapixana como primeira língua, além do inglês e do português. Apesar de o senhor James morar em uma comunidade indígena, nós fizemos a coleta de dados enquanto ele estava na capital Boa Vista.

Mirian Chaves de Souza é uma wapixana que tem 37 anos, mora em Boa Vista há 17

---

<sup>1</sup> Caseiro é um termo comumente utilizado em Roraima para designar um funcionário que reside e cuida (animais, plantas, limpa o local) de um sítio ou fazenda.

anos, trabalha em um supermercado como caixa, possui ensino médio e já foi professora de língua wapixana temporária na Universidade Federal de Roraima – UFRR. Mirian atua também como consultora da língua wapixana; ela fala a língua e traduz o que escuta em gravações, ajudando a pesquisadores na transcrição de sentenças em wapixana.

Concluindo, todos os colaboradores são falantes nativos de wapixana, mas falam português e inglês, possuem idade entre 37 e 65 anos e a maioria deles é analfabeta. Diagnosticamos que os colaboradores são falantes de wapixana com base nos conhecimentos da nossa consultora Mirian. Em relação ao português, mantivemos contato durante toda a coleta de dados utilizando essa língua, da qual todos os colaboradores mostraram domínio. Em relação ao inglês, nós não testamos se os falantes possuem proficiência, pois não era o foco do nosso trabalho.

Três desses indígenas são moradores da zona urbana da cidade de Boa Vista-RR, enquanto dois moram em Bonfim, um em assentamento da zona rural e outro na comunidade indígena Maruranau, este último estava passando um período em Boa Vista. Todos são originários de comunidades indígenas da Guiana<sup>2</sup>, de acordo com eles.

### 1.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Para construirmos o material de coleta de dados, primeiramente foi necessário mudar alguns objetivos para nos adequar à nova realidade de pesquisa (imposta pela pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2022). A primeira ação precisamos fazer foi a delimitação do estudo, já que não sabíamos se conseguiríamos ou quantas vezes poderíamos ir a campo, nesse período incerto. Pensamos, primeiramente, em um objetivo que nos proporcionasse uma gramática do espaço em wapixana. Entretanto, tivemos que reduzir nossa pretensão para somente a relação espacial topológica estática da língua. Assim, deixamos esse projeto mais amplo para uma pesquisa futura.

Outra mudança necessária foi em relação à pesquisa de campo. Pensamos em realizar a pesquisa *in loco*, ou seja, indo à comunidade indígena Canauani para a coleta de dados; entretanto, não foi possível devido ao momento tenso e crítico pelo qual o mundo passava. As

---

<sup>2</sup> Não foi proposital todos serem originários da Guiana, mas, nesse caso, acreditamos que os dados dessa pesquisa seriam basicamente os mesmos se fossem coletados com indígenas brasileiros, já que alguns trabalhos afirmam que não há grandes mudanças do wapixana da Guiana para o wapixana do Brasil, apenas poucas variações dialetais que envolvem os habitantes do vale do rio Uraricoera e os do rio Tacutu/Rupununi. (Santos, 2006; Farage, 1997).

comunidades indígenas de Roraima tiveram suas terras fechadas (*lockdown*) como modo de prevenção, já que os casos estavam se intensificando muito rapidamente e causando morte em peso de muitos indígenas por causa do vírus.

Nesse sentido, resolvemos esperar os casos diminuíssem para realizar a primeira coleta de dados na capital Boa Vista. Em março de 2021, iniciamos os procedimentos nos bairros boa-vistenses Senador Hélio Campos e Cidade Satélite, e na zona rural do município do Bonfim (no Projeto de Assentamento Nova Esperança). Depois, realizamos a segunda e a terceira coleta, em fevereiro de 2022 e em janeiro de 2023, respectivamente. As duas últimas coletas de dados tiveram os objetivos de tirar algumas dúvidas sobre alguns termos linguísticos utilizados nos dados do espaço topológico, assim como coletar informações sobre os Quadros de Referências utilizados na língua Wapixana.

Antes da coleta de dados, tivemos que construir o material para realizar essa ação. Esse processo se deu por meio da adaptação de figuras retiradas da *Topological Relations Picture Series* (Bowerman; Pederson, 1992) para a realidade dos wapixana, além de trazeremos imagens mais realistas das relações espaciais que pretendíamos analisar.

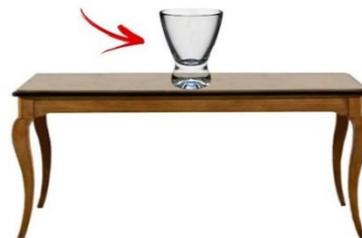
Para construirmos as imagens que mostram as relações topológicas que queríamos entender, a princípio, a parte mais básica das relações topológicas (ao lado, na frente, atrás, embaixo, em cima, dentro e fora), utilizamos um aplicativo de edição de imagens chamado *Picsart*, que permite a construção de imagens a partir de figuras disponibilizadas no próprio aplicativo ou na internet.

A criação dessas imagens permitiu uma fácil compreensão da relação espacial que buscávamos. Abaixo mostramos a figura 1, retirada da *Topological Relations Picture Series*, e ao lado a figura 2, que criamos baseada na primeira figura<sup>3</sup>.

**Figura 1-** F (xícara) em cima de G (mesa)



**Figura 2 -** F (copo) em cima de G (mesa)



**Fonte:** (Bowerman; Pederson, 1992, p.3).

**Fonte:** Elaborado pela autora da tese

<sup>3</sup> Todas as imagens utilizadas na coleta de dados dessa pesquisa estão disponibilizadas no Anexo I desta tese.

Observe que a *Figura F* (xícara), na figura 1, está sendo indicada pela cor amarela, enquanto que, na figura 2, F é indicada por uma seta vermelha. Acreditamos que essa maneira de indicar F e a relação espacial é mais realista para os colaboradores, facilitando a percepção da *Figure* (o referente a ser localizado) e do *Ground* (G) (a referência de localização)<sup>4</sup>.

Depois de dedicarmos cerca de um mês para a criação dos instrumentos de coleta de dados, fomos realizar a coleta, que não foi tão fácil devido à necessidade de aguardar a diminuição dos casos de Covid-19, além de esperar alguns colaboradores (senhor Sebastião, Mary e Mirian) se recuperarem fisicamente dessa doença.

#### 1.4 O PROCESSO DE COLETA DE DADOS E ALGUMAS DIFICULDADES

Durante a coleta de dados, tivemos o cuidado de utilizar máscaras faciais, álcool em gel e respeitamos o distanciamento social sugerido pelo Ministério da Saúde. Apresentamos cerca de duzentas e sete imagens aos participantes, de forma individual. Dividimos essas imagens por relações espaciais, primeiro expusemos aos colaboradores as relações topológicas básicas: *F em cima de G*, *F embaixo de G*, *F atrás de G*, *F em frente de G* e *F ao lado de G*. Depois, em outra seção de coleta de dados, exibimos as relações espaciais mais complexas, como *F dentro de G* e *F fora de G*. Além de imagens que possuíam o objetivo de verificar os verbos de posturas e posições, conforme o anexo desse trabalho.

Observamos que, além das adequações que fizemos em relação à estética do material de coleta de dados, tivemos também que inserir algumas relações que não continham no *Topological Relations Picture Series*; a figura 3, por exemplo, em que F é um ser animado (ser vivo: macaco) e G também é um ser animado (ser vivo: cavalo):

---

<sup>4</sup> Preferimos utilizar F para *Figure* e G para designar *Ground*, pois na tradução para português a palavra ficaria *Fundo*, também iniciada por F, assim, para distinguir entre "figura" e "fundo" em português, *Ground* é a nossa preferência. Explicaremos mais detalhadamente a relação entre F e G no tópico 2.3 que tratamos sobre as *Perguntas-Onde*.

**Figura 3** - F (macaco) em cima de G (cavalo)



**Fonte:** Elaborado pela autora da tese

Essa inserção foi necessária, visto que, ao coletarmos os primeiros dados, percebemos que os falantes adicionavam verbos de posição (sentado, em pé, deitado) à F quando este era representado por um ser animado. Assim, sentimos a necessidade de testar se os falantes também adicionariam posição à G se também fosse animado. Criamos ainda imagens que utilizam o corpo humano como G, já que, nos primeiros dados, os colaboradores fazem bastante referência ao corpo humano como marcador de espaço.

Nesse sentido, tivemos o cuidado de colocar F e G classificados em seres vivos, seres não vivos, pequenos, grandes, redondos, quadrados, F próximo de G, F distante de G, F sendo representado por grãos, água, objetos *etc.*, assim como podemos visualizar no anexo desse trabalho.

Na aplicação do material de coleta de dados, realizamos várias seções com os colaboradores, de forma individual, durante as quais colocávamos um grupo de imagens com a mesma relação espacial, tal qual está dividido no nosso anexo (por relação espacial), entretanto, na coleta, apenas uma imagem por vez. Acreditamos que essa maneira (por grupo de imagens com a mesma relação espacial) nos permitiria perceber detalhes específicos, por exemplo, nos dados em que a relação espacial era F *ao lado de* G, tínhamos F de forma mais próxima de G e F mais distante de G. Mas, para que o falante pudesse perceber essa diferença, foi necessário mostrar apenas essa relação espacial, além de enfatizar tal diferença de localização nas imagens. Tal abordagem nos possibilitou perceber que em wapixana existe uma posposição, *ai*, utilizada somente quando há uma certa distância de F em relação a G.

Durante o processo de coleta de dados, começamos com as relações espaciais mais básicas para depois irmos para as relações mais complexas. Perguntamos o que o falante via na imagem, destacando o elemento F com uma seta vermelha (*O que é isso?* e *Onde isso se encontra?*), contrastando diferentes tipos de F e G, animados, inanimados, de diferentes

formas geométricas e diferentes localizações. As perguntas feitas aos participantes, ao apresentarmos as imagens, foram gravadas em áudio, assim como todas as respostas. Os dados gravados em áudio foram autorizados previamente pelos colaboradores da pesquisa.

Além das coletas de dados realizadas com os colaboradores da pesquisa, também contamos com a consultoria da indígena wapixana Mirian, para nos esclarecer algumas dúvidas que surgiram sobre os dados coletados nas primeiras seções e, assim, preparar o material para as próximas. Ademais, Mirian nos auxiliou na tradução dos dados coletados. Uma das dificuldades que tivemos em relação à consultoria é que Mirian percebeu que a pesquisadora buscava encontrar padrões. Então, essa colaboradora tentou ao máximo construir cenários em que ficavam evidentes as informações buscadas pela pesquisadora. Apesar de as coletas de dados serem feitas primeiramente com a consultora, a mesma já estava acostumada a ser colaboradora em outras pesquisas linguísticas, e talvez, por isso, tentou padronizar os dados da língua. Entretanto, apesar disso, os dados dos demais colaboradores mostraram complexidades próprias da língua wapixana.

Junto com a coleta, transcrições e traduções, armazenamos os dados em um banco de dados lexicais no programa *Field Works Language Explorer 9*, ação que também facilitou a análise, já que essa ferramenta permite o reconhecimento posterior de lexemas que se repetem a partir da identificação e registro das características destes pelo pesquisador. Dessa forma, promove controle dos dados e facilidade nas análises.

Por fim, analisamos os dados e obtivemos os resultados presentes neste estudo, que apresenta a primeira análise da codificação do espaço estático na língua wapixana. Em termos da família Aruák, este é o segundo estudo, até o presente momento, que trata dessa temática, o primeiro trata da língua Baure. O estudo também indica que é necessário uma análise mais global sobre dados que possuam movimento para se ter uma gramática espacial da língua wapixana de forma completa e integrada.

## 2 A TEORIA LINGUÍSTICA ADOTADA

A partir dos objetivos estabelecidos, acreditamos que o recomendável seria classificar a pesquisa em questão como descritiva, já que o objetivo principal estabelecido é descrever as relações espaciais codificadas na língua wapixana, buscando responder a seguinte questão: como se expressam as relações espaciais na língua wapixana? Para tanto, entendemos que é necessário utilizar a Semântica Cognitiva para compreendermos com maior abrangência as relações espaciais nessa língua.

A Semântica Cognitiva é uma das subáreas da Linguística Cognitiva (LC). Como o próprio nome diz, é um campo que estuda o significado linguístico. Essa teoria sempre se preocupou em entender a concepção humana de espaço e se desenvolveu ativamente por volta de 1980, ou seja, é uma linha de pesquisa relativamente recente. Nesse período, a maioria dos estudos em LC se concentrou na semântica, porém uma proporção teve como foco a sintaxe e a morfologia. No últimos anos, têm crescido os estudos em outras áreas, como aquisição de língua, fonologia e linguística histórica.

De acordo com Ferrari (2020), a LC surgiu a partir de pesquisas de Lakoff, Talmy, Langacker, Fillmore e Fauconnier, estudiosos que não estavam satisfeitos com o modo como a Semântica Gerativa lidava com a semântica/pragmática. Eles concordavam com Chomsky quando este afirmava que “a linguagem é o espelho da mente”; entretanto, buscaram um modelo que acreditavam dar conta da relação entre sintaxe e semântica, principalmente quanto à relação entre forma e significado.

Ainda de acordo com Ferrari (*ibid*), os estudiosos afastaram-se do modelo modular da Gramática Gerativa, adotando uma perspectiva não modular que acreditando que os princípios cognitivos mais gerais são compartilhados entre linguagem e outras capacidades cognitivas, mais especificamente entre estrutura linguística e conteúdo conceitual.

De acordo com Croft e Cruse (2004, p. 1), a LC possui três princípios básicos: “A linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; Gramática é conceituação; Conhecimento da linguagem emerge do uso da linguagem”. A partir dos princípios que regem à LC, são formados os quatro princípios da Semântica Cognitiva: a rejeição a uma visão modular; a identificação do significado com a estrutura conceitual; a rejeição da distinção entre sintaxe e semântica; e a rejeição da distinção entre semântica e pragmática (Reimer, 2010).

O primeiro princípio, como já foi mencionado aqui, argumenta que a linguagem e os demais domínios psicológicos são governados pelos mesmos princípios cognitivos. É por isso

que, na Semântica Cognitiva, mais especificamente nos princípios três e quatro, não há a necessidade de separação em áreas como sintaxe, semântica e pragmática (tem a ver com a natureza da conceituação da língua). Por sua vez, o segundo princípio afirma que o significado linguístico se equipara à conceituação da natureza humana (Brangel; Miranda, 2013). Dessa forma, o significado linguístico na LC é visto como “uma construção cognitiva através da qual o mundo é aprendido e experienciado” (Ferrari, 2020, p.14).

Várias abordagens priorizam a semântica, mas a Semântica Cognitiva se difere das demais no seguinte aspecto: enquanto os estudos semânticos funcionalistas e formalistas se concentram no significado e assumem (implícita ou explicitamente) uma visão objetivista do significado baseado na semântica de condições de verdade e na relação direta entre palavra e mundo, “a Semântica Cognitiva vê o significado como uma construção mental (categorização e recategorização de mundo) a partir da interação das estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (Ferrari, 2020, p. 15). Assim, a Semântica Cognitiva se preocupa com uma visão enciclopédica do significado linguístico (conhecimento de mundo), enquanto outras abordagens focam numa visão de dicionário (significado das palavras).

Para a Gramática Cognitiva, a construção do significado é realizada na cognição humana. A partir dessa base, foram criados modelos de análise que permitem estruturar modos alternativos de conteúdo de um domínio conceptual. Como exemplo, podemos citar os modelos de Langacker (2008), *Domínio, Domínio Matriz e Imagética Convencional* ou o *Sistema Imagético* de Talmy (1983); ou ainda o *Esquema Imagético* de Lakoff (1987), Johnson (1987), Lakoff e Turner (1989).

Nos modelos de análise de Langacker (2008), as estruturas semânticas (predicações) são caracterizadas como Domínio, “que pode incluir experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento” (Ferrari; Soares, 2021, p. 69); ou seja, a descrição parte de uma concepção integrada e abrangente (enciclopédica). O Domínio Matriz para Langacker é uma noção que defende que as estruturas semânticas são caracterizadas em mais de um domínio, organizados em hierarquia. Um exemplo de Ferrari (2020) é o grupo: cotovelo, braço, corpo humano e espaço, em que o significado de cotovelo depende do entendimento do significado de braço e este, por sua vez, do significado de corpo humano, que está atrelado ao domínio de espaço.

Já a Imagética Convencional estrutura o conteúdo de um domínio de modos alternativos nas seguintes dimensões imagéticas: nível de especificidade, perspectiva e proeminência. O nível de especificidade, como o próprio nome diz, se refere a um domínio

em que percebemos uma hierarquia na qual cada vez mais vai se especificando, como no exemplo de Ferrari (2020): animal, mamífero, cachorro, pastor-alemão, em que, da direita para a esquerda, há um detalhamento maior (ao contrário do domínio de matriz). No nível de proeminência, palavras ou expressões que possuem o mesmo domínio conceitual podem apresentar significados diferentes, dependendo da saliência que dermos para eles. No exemplo “João viu o carrocho”, o sujeito João está em proeminência em relação ao cachorro, e se o cachorro ocupasse o lugar de sujeito da sentença a proeminência seria do cachorro. Por fim, no nível da perspectiva, para a conceitualização de uma cena, é levada em consideração a perspectiva ou a localização do falante (ponto de vantagem). Por exemplo, em “A nuvem está na frente da árvore”, a cena é montada a partir do ponto de vantagem do falante, mas a expressão “na fernet” poderia mudar se a localização desse falante fosse outra (Ferrari, 2020).

O Sistema Imagético argumenta que as representações cognitivas são realizadas por noções semânticas que podem ser especificadas pelos dois subsistemas (gramatical e lexical). Assim, Talmy (1988) contribuiu para os modelos de Langacker propondo um sistema que envolve quatro categorias de noções semânticas gramaticais: dimensão, plexidade, delimitação e divisão. A dimensão refere-se ao espaço e ao tempo, que cruza todas as outras categorias, podendo ser discretas ou contínuas. Por exemplo, “água” é uma matéria que está/ou pode ficar em um espaço contínuo (rio), “pássaro” é um objeto que está em um espaço discreto, ou seja, não tem continuidade; “dormir” é uma ação que está em um tempo contínuo, enquanto, “suspirar” é um evento que está em um tempo discreto. Enquanto a plexidade diz respeito à quantidade de matéria/objetos ou ação/eventos; quando trata-se de matéria, a plexidade refere-se a números (singular e plural), mas quando se trata de ação, não há correspondência para noções tradicionais, ou seja, a noção de aspecto envolve várias facetas da estrutura temporal das ações, como no exemplo: as flores (matéria) se abriram (ação perfectiva). A delimitação corresponde à distinção entre entidades contáveis e não contáveis, e, em relação aos verbos, concerne aos perfectivos e imperfectivos, como nos exemplos: água (não contável) e dormir (não delimitado); lago (contável) e acordar (delimitado). A divisão, por sua vez, se relaciona à segmentação interna de uma quantidade, sendo classificada como discreta ou contínua, por exemplo: água (contínua), “*partículas de água* recobriram a jarra” (Ferrari, 2020, p. 81).

Os Esquemas Imagéticos surgiram a partir de estudos de Lakoff (1987), Johnson (1987), Lakoff e Turner (1989). Esses autores são considerados pais desse modelo, entretanto, Batoréo (2017) contesta essa paternidade. A autora argumenta que Talmy (1983) traz vários conceitos presentes nesse modelo e que os autores acima os utilizam sem citar devidamente

Talmy, como a “esquematização”, que são “abstrações individuais com carácter esquemático que correspondem a expressões linguísticas espaciais” (Batoréo, 2017, p.11 ).

A importância da esquematização de um domínio semântico e, muito especialmente, do Espaço, assim como as propostas acerca da sua conceptualização, idealização, abstracção e da existência de um sistema imagético mostram-se muito produtivas em Linguística Cognitiva. É, sem dúvida, em Talmy que se devem procurar as raízes do Esquema Imagético (image schema), largamente operacionalizado e discutido por Lakoff (1987), Johnson (1987) e outros autores, sem que se mencione a paternidade talmiana (Batoréo, 2017, p. 11).

Os Esquemas Imagéticos são definidos por Johnson (1987) como pré-conceitual e não proposicional, enraizados na experiência humana, no corpo humano, na percepção, movimento, manipulação de objetos e decorrentes de experiências de mundo. Para Araújo (2008, p. 18), “os Esquemas Imagéticos são estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes da experiência sensorio-motora”, ou seja, eles traduzem a imagem contida em um modelo para um esquema totalmente estruturado. “Trata-se, assim, não de uma representação semântica específica, nem de uma imagem estática, mas de um esquema dinâmico e flexível para a organização da nossa experiência e compreensão” (Batoréo, 2017, p. 12).

Todos os Esquemas Imagéticos surgem da percepção que temos a partir do nosso corpo. O Esquema Imagético CONTÊINER, por exemplo, surge a partir da percepção de que temos de estar cercados (ou não) por ambientes ou espaços físicos e reflete domínios como: contenção, dentro-fora, superfície, cheio-vazio, conteúdo. Conforme podemos perceber na Tabela 1, um inventário de Esquemas Imagéticos elaborada por Croft e Cruse (2004), com base nos estudos de Johnson (1987) e Lakoff e Turner (1989), nos ajuda a entender melhor os domínios dos Esquemas Imagéticos:

**Tabela 1-** Inventário de esquemas imagéticos

ESPAÇO	CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PERTO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO.
ESCALA	TRAJETÓRIA.
CONTÊINER	CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO.
FORÇA	EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE, BLOQUEIO, ATRAÇÃO.

UNIDADE	FUSÃO, COLEÇÃO, DIVISÃO, ITERAÇÃO.
MULTIPLICIDADE	PARTE-TODO, LIGAÇÃO, CONTÁVEL, NÃO CONTÁVEL.
IDENTIDADE	COMBINAÇÃO, SUPERIMPOSIÇÃO.
EXISTÊNCIA	REMOÇÃO, ESPAÇO DELIMITADO, CICLO OBJETO, PROCESSO.

(Croft; Cruse, 2004, p.45)

Há alguns trabalhos que mostram agrupamentos de certos Esquemas Imagéticos, até porque eles são dinâmicos apesar de sempre serem entendidos como estáticos (Araújo, 2008). Um exemplo desta dinamicidade é quando um grupo de animais vai se distanciando tanto que não se consegue mais vê-los como unidade, mas como um aglomerado indistinguível; ou seja, um grupo de objetos contáveis passa a ser interpretado como uma massa (Lakoff, 1987).

Dessa forma, Araújo (2008) afirma que existem vários tipos de representação dos Esquemas Imagéticos, que podem influenciar no modo como o pesquisador analisa os dados. É importante levar em consideração a natureza dinâmica dos Esquemas Imagéticos para não se deter em uma falsa representação estática.

Portanto, a Semântica Cognitiva, área linguística que possui uma preocupação muito forte com a representação e categorização do espaço nas línguas naturais, é a teoria que norteou este trabalho e serviu como base para compreendermos melhor esse fenômeno linguístico. Para tanto, faz-se necessário também explicitar com maior aprofundamento os conceitos de espaço, a tipologia de codificação do espaço nas línguas naturais, as perguntas-ONDE e as respostas básicas a essas perguntas - as Construções Locativas Básicas (CLB). Enfim, no decorrer deste capítulo, delinearemos melhor a relação entre espaço, mente e língua.

## 2.1 DEFININDO ESPAÇO

A sobrevivência e a preservação da espécie humana estão intimamente associadas às ações e habilidades de locomoção e de se comunicar, que envolvem, por exemplo, encontrar água e alimentos, reconhecer a localização do inimigo e alcançar um objetivo. Os seres humanos costumam conceituar seus arredores e classificá-los em categorias espaciais relacionadas a toques, vizinhanças, distâncias, arredores e afins.

Nesse sentido, compreender a relevância da localização e da trajetória, conceituar e definir *espaço* foi uma tarefa que deteve a atenção de estudiosos de diversas áreas, para citar algumas: matemática, psicologia, física, filosofia e geologia. O pensamento grego antigo, por exemplo, estava preocupado em discutir se o espaço deveria ser pensado como material ou como vazio, diferença atrelada à ideia de extensão: se o espaço fosse visto como material, era considerado com limite de extensão; já enquanto vazio, era visto como infinito, ou seja, sem limite de alcance. Concepções de espaço como a de Lefebvre (1991) assumem que espaço e tempo não existem de forma universal, podendo ser compreendidos apenas em um contexto de uma sociedade específica, sendo relacionais e históricos.

Alguns pensadores embasaram seus conceitos de espaço em locuções para *local* (onde as coisas estão ou a que pertencem), como Aristóteles, que via o espaço como uma série aninhada de lugares, até a esfera externa, que contém o universo. A partir dessa ideia, o filósofo grego estabeleceu dois fatores primordiais para a compreensão do conceito: 1) o lugar deve conter a superfície imóvel, ou seja, se um barco está amarrado à beira de um rio com correnteza, a água estaria em constante mudança, e por isso, não seria a referência; então, o lugar do barco seria a beira do rio, a terra onde está amarrado; e 2) o espaço/lugar possui seis dimensões fenomenológicas: acima, abaixo, à esquerda, à direita, à frente, atrás. Aristóteles afirmou ainda que essas orientações são relativas, em termo da orientação de estrutura humana e em termos de cosmos (Levinson, 2003, p. 7).

Klein (1994) afirma que muitos estudiosos da linguagem espacial tentaram estabelecer uma definição de “espaço básico” a partir do espaço perceptivo (gravidade, tridimensionalidade). Para isso, foi importante compreender que o espaço básico possui três aspectos: 1) é formado por locais definidos por um conjunto de pontos ou apenas um ponto; 2) pode incluir ou conter total ou parcialmente *Figure* e *Ground* entre si (estrutura topológica); e 3) é formado por três dimensões (duas horizontais e uma vertical). Para o autor, a noção de espaço básico é universal, haja vista que surge na percepção e na cognição humana, sendo, portanto, codificado em todas as línguas naturais com variabilidade, advinda da experiência subjetiva de cada grupo humano, ou seja, sua cosmovisão.

Para Neisser (1979), o “espaço perceptivo” constitui-se na interação de observação e na ação, pois o ser humano aprende seu ambiente físico a partir da visão e do automovimento (andar, ficar em pé) e ao lidar com ele (procurar, encontrar, agarrar, voltar). Tendo em vista que existem vários conceitos sobre espaço, esta pesquisa o define como perceptível, pois, assim como Cablitz (2006), percebemos o espaço como visualmente concreto e, conseqüentemente, acessível aos nossos órgãos, principalmente pelos sentidos de visão e tato.

Cablitz (2006) afirma ainda que muitos pesquisadores linguistas e psicolinguistas assumem a cognição espacial como inata, ou seja, como geneticamente predisposta e, portanto, como conceito universal que não precisa ser aprendido. Para a autora, linguistas que assumem uma posição universalista na pesquisa da língua e do espaço limitam-se a estudar línguas da família indo-europeia e fazem generalizações de suas descobertas, presumindo que devem ser válidas para todas as línguas.

Entretanto, essa visão tem sido contestada por vários linguistas e antropólogos linguistas que trabalham com línguas menos conhecidas e não pertencentes à família indo-europeia (Levinson, 1992; Senft, 1997; entre outros). Esses estudos afirmam que há muito mais variabilidade na conceitualização e na codificação linguística, do que podem sugerir como universal aqueles sobre línguas indo-europeias, implicando dizer que, se nem todos os conceitos espaciais são universais, eles não necessariamente fundamentam as línguas naturais e, portanto, não são anteriores a elas.

## 2.2 DEFININDO CONHECIMENTO, PENSAMENTO E ESTRUTURA ESPACIAL

*Conhecimento espacial* é o conhecimento que temos sobre um ambiente, um local, sobre objetos e relações que eles podem ter entre si (Cablitz, 2006). Para se ter conhecimento espacial (e poder se orientar corretamente), é necessário perceber que os ambientes possuem propriedades, como marcos naturais e marcos feitos pelo homem, e entender que os pontos de referência estão relacionados uns aos outros. Quando obtemos o conhecimento espacial de determinado lugar e conseguimos nos orientar corretamente, temos o chamado *mapa cognitivo*<sup>5</sup>.

Atualmente, entendemos como *pensamento espacial* a capacidade cognitiva primitiva abstrata de representar o espaço geométrico na base das ideias. Levinson (2003) afirma que o pensamento espacial pode ser representado por meio da língua ou não (por exemplo, gestos, mapas, diagramas, gráficos), fornecendo ferramentas e analogias para compreensão de vários outros domínios, como a leitura de diagramas, geometria, metáforas espaciais da linguagem cotidiana, entre outros. Cablitz (2006) menciona que, nos domínios mais abstratos da linguagem, inúmeras metáforas estruturam outras semânticas. Alguns

---

<sup>5</sup> A diferença de Mapa Cognitivo e Memória Espacial está atrelada ao armazenamento de informações espaciais. Enquanto, o mapa cognitivo obtém essas informações e cria orientações, a memória espacial utiliza o armazenamento dessas informações para a locomoção.

exemplos são as expressões espaciais usadas quando nos referimos a relações de tempo (*próxima* semana), a emoções (estou me sentindo para *baixo*), às relações sociais (classe *alta*, *média* e *baixa*), ao parentesco (parente *próximo* ou *distante*) ou ao domínio da música (notas *altas* e *baixas*). Apesar de não ser exclusivamente atribuído ao ser humano, apenas os humanos têm a capacidade de expressar experiência espacial mediante a linguagem.

O pensamento espacial é algo muito importante para a humanidade, pois desempenha um papel crucial na nossa vida cotidiana. O espaço está em todas as nossas ações diárias, experiências e movimentos, nós estamos cercados de espaço. É corriqueiro conversar sobre e conhecer locais (Cablitz, 2006). Percebemos a importância da utilização da nossa *memória espacial* na necessidade de localização e de trajeto, como ir ao banheiro com as luzes apagadas, situação em que o sentido da visão não é utilizado, mas, mesmo assim, conseguimos ter noção da localização (em que estamos) para percorrer o trajeto (da localização inicial até a final). Ou seja, a visão não é algo indispensável para alcançarmos a nossa memória espacial, apesar da competência espacial envolver diversas habilidades, como o reconhecimento da forma, e da localização do nosso corpo em relação ao lugar ao qual queremos ir, entre outras (Levinson, 2003, p. 1).

De acordo com Levinson (2003, p. 2), o pensamento espacial possui mais precisão métrica e detalhes visuais do que a língua consegue expressar. Por exemplo, eu posso pensar onde deixei as chaves (dentro de uma caixa, ao lado direito da televisão, que está no quarto), mas posso não ter recursos linguísticos suficientes para expressar precisamente esse pensamento espacial em palavras. Cablitz (2006) explica que, além do mapa cognitivo, necessitamos de capacidade de nos adaptar a novos ambientes e, para isso, é preciso estruturar o espaço de acordo com alguns princípios ou processos cognitivos. Assim, temos que selecionar informações sobre o espaço que sejam mais relevantes, isso faz parte da nossa conceituação espacial.

Apesar de entender a imposição de uma forma de estrutura fixa ao sistema espacial das línguas naturais em praticamente todas as cenas espaciais, Talmy (2000) assume que as cenas não podem ser representadas como um complexo de muitos componentes que sustentam uma rede particular de relações entre si. Em vez disso, Talmy acredita que o sistema linguístico deve marcar uma parte de uma cena como o foco principal, *Figure* (por meio dos seus elementos de classe fechada e da própria estrutura de sentenças), e caracterizar sua disposição espacial<sup>6</sup>, *Ground*, em termos de uma segunda parte. Às vezes, há também

---

<sup>6</sup> A disposição espacial do objeto principal, conforme o autor, refere-se ao seu local quando estacionário, ao seu caminho, ao se mover e à sua orientação durante qualquer um dos estados, parado ou em movimento.

uma terceira parte, selecionada do restante da cena.

Levinson (2003) considera que a língua e o pensamento espacial se aproximam muito; entretanto, línguas com sistema de coordenadas, por exemplo, possuem pensamento espacial diferente das que não possuem. Portanto, assim como línguas codificam sentidos através de diversas formas estruturais, “diferentes grupos humanos usam diferentes estruturas espaciais, muitas vezes com conjuntos distintos de sistemas de coordenadas tanto na linguagem quanto na cognição” (Levinson, 2003, p. 19, tradução nossa)<sup>7</sup>.

O conceito de estrutura espacial, para Talmy (2000), contém dois subsistemas principais. O primeiro pode ser pensado como uma matriz ou estrutura que contém e localiza conceitos estáticos (incluindo região e localização) e conceitos dinâmicos (incluindo caminho e posicionamento). Já o segundo subsistema é pensado como o conteúdo do espaço. Esses conteúdos podem se constituir de um objeto (uma porção de material conceituada como tendo um limite em torno dele) ou uma massa (conceituada como não tendo limites intrínsecos à sua identidade).

Os distintos papéis desempenhados pelos subsistemas descritos para a esquematização linguística parecem estar intimamente relacionados às noções de *Figura* e *Fundo* descritas na psicologia Gestalt<sup>8</sup>, com os mesmos termos podendo ser aplicados a eles. No decorrer do texto, atribuiremos os nomes em inglês *Figure* (F) e *Ground* (G) para distinguir melhor esses conceitos. Talmy (2000) sustenta que, para a sua aplicação especificamente linguística, as duas concepções devem receber as seguintes caracterizações: *Figure* – uma entidade móvel cujo local, caminho ou orientação é variável; *Ground* – uma entidade de referência, estacionária em relação a um quadro de referência, que orienta ou caracteriza a Figura.

### 2.3 PERGUNTAS-ONDE

Em muitas línguas naturais não existem conceitos abstratos sobre espaço, entretanto, existe um universal impressionante na linguagem espacial: todas as línguas possuem *Perguntas-Unde* (*Where-Questions*). A Pergunta-Unde da língua wapixana, por exemplo, é: *Na'iam* (F)? ‘onde está (F)?’.

<sup>7</sup> *Different human groups use different spatial frameworks, often with distinctive sets of coordinate systems in both language and cognition* (Levinson, 2003, p. 19).

<sup>8</sup> É a psicologia da forma, estuda a percepção e a sensação do movimento, os processos psicológicos envolvidos diante de um estímulo e como este é percebido pelo sujeito.

Levinson (2003, p. 64-65) menciona que, a partir das Perguntas-Onde, é possível afirmar que os domínios espaciais abrangem essencialmente a direção e a localização, logo, a tridimensionalidade não é fundamental para esse conceito. Portanto, na concepção desse autor (2003, p. 65), o domínio espacial possui tanto uniformidades como divisões internas ou subdomínios. Isso equivale a dizer que, além das Perguntas-Onde, há outra uniformidade principal, que é a distinção entre *Figure* (Figura) e *Ground* (Fundo). Partindo das ideias de Talmy (2000), entende-se *Figure* como o referente a ser localizado e *Ground* como a referência de localização (onde *Figure* está localizada). Por exemplo: a xícara está em cima da mesa – nesse caso, *Figure* é representada pela xícara e o *Ground* representado pela mesa. A maioria das línguas utilizam os dois elementos (F e G) para descrever relações espaciais.

Talmy (2000) explica ainda que F também pode ter certas relações dinâmicas para com G. Várias relações podem existir diretamente entre F e G: primeiro, a Figura pode, por exemplo, mover-se através de uma região ou ao longo de um caminho, ou exibir uma transposição de um local para outro. Para o autor, uma única entidade material (F) pode exibir propriedades espaciais dinâmicas em si mesma, como mudança de forma, torção ou inchaço. Em segundo lugar, uma entidade (F) pode executar vários caminhos relativos à outra entidade (G). Terceiro, um conjunto ou conjuntos de entidades podem alterar seu arranjo, exemplos disso são a dispersão e a convergência (grãos de arroz juntos/dispersos em cima de uma mesa).

#### 2.4 ESTRATÉGIAS SEMÂNTICAS PARA RESPONDER ÀS PERGUNTAS-ONDE

Compreender as noções e as expressões de localização no espaço, nas línguas naturais, tem um papel crucial nos estudos das línguas, principalmente na área da semântica. Para Bowden (1992), a semântica de localização possui maneiras que podem ser usadas para fornecer uma base para a compreensão de outros domínios semânticos. Por exemplo, a Construção Locativa Básica (CLB) é vista como a resposta predominante à Pergunta-Onde. Em inglês, a CLB é formada por (FN<sup>9</sup> be FP<sup>10</sup>), como em *the apple is in the bowl*, em que o Sintagma Nominal (substantiva) é a Figura e o Sintagma Preposicional é o *Ground*. Assim temos: *the apple* [FN] *is* [be] *in the bowl* [FP]. Geralmente, as línguas naturais apresentam diversos tipos de CLB. Algumas por meio de adposições e outras, por marcações de caso e/ou

---

<sup>9</sup> Sintagma Nominal

<sup>10</sup> Sintagma Preposicional

nominais espaciais (Levinson; Wilkins, 2006, p. 15).

Há ainda línguas que possuem um pequeno conjunto de verbos locativos ou posicionais, geralmente relacionados a verbos de postura, como *sentar* (como veremos na seção de análise de dados da língua wapixana) e *ficar*, incluindo também predicados como *pendurar*. Comumente, o uso desses verbos é determinado pela forma e função do sujeito (tem clara conotação sintática), de acordo com certas restrições de orientação. Existem também línguas que possuem um conjunto muito maior de predicados posicionais usados na CLB, os quais demonstram a orientação e a disposição precisa do sujeito (Figure) em relação ao *Ground* (Levinson; Wilkins, 2006). Por exemplo, dentre os posicionais da língua tzeltal, estão *-ba*, que indica o teto de G (casa), no exemplo (01), e *-util*, que indica dentro de G (tigela de cabaça), em (02).

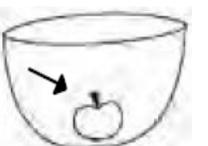
TZELTAL

(01)	<i>kajal-ø</i>	<i>ta</i>	<i>s-ba</i>	<i>na</i>	<i>(te winik-e)</i>	
	montado_em-	PREP	3E-topo	casa	(ART-homem-CL)	
	3A <sup>11</sup>					

‘Ele está em cima da casa.’ (o homem)

(Brown, 2006, p. 247)

TZELTAL

(02)	<i>tik'il-ø</i>	<i>ta</i>	<i>y-util</i>	<i>bojch</i>	<i>(mantzana)</i>	
	inserido-3A	PREP	3E-dentro	tijela de cabaça	(maçã)	

‘Está inserido no interior da tigela.’ (maçã)

(Brown, 2006, p. 247)

Levinson e Wilkins (2006) declaram que, para identificar a CLB, deve-se ter em mente um tipo de cena prototípica (um objeto móvel em uma superfície restrita). Os autores afirmam ainda que, quando os falantes têm que descrever cenas espaciais como: um anel em um dedo ou uma rachadura em um vaso, eles usam outras construções especializadas ou construções resultantes. Nesse sentido, existe uma hierarquia de acordo com a probabilidade de codificação por meio de uma CLB, em que o elemento que estiver acima tem maior

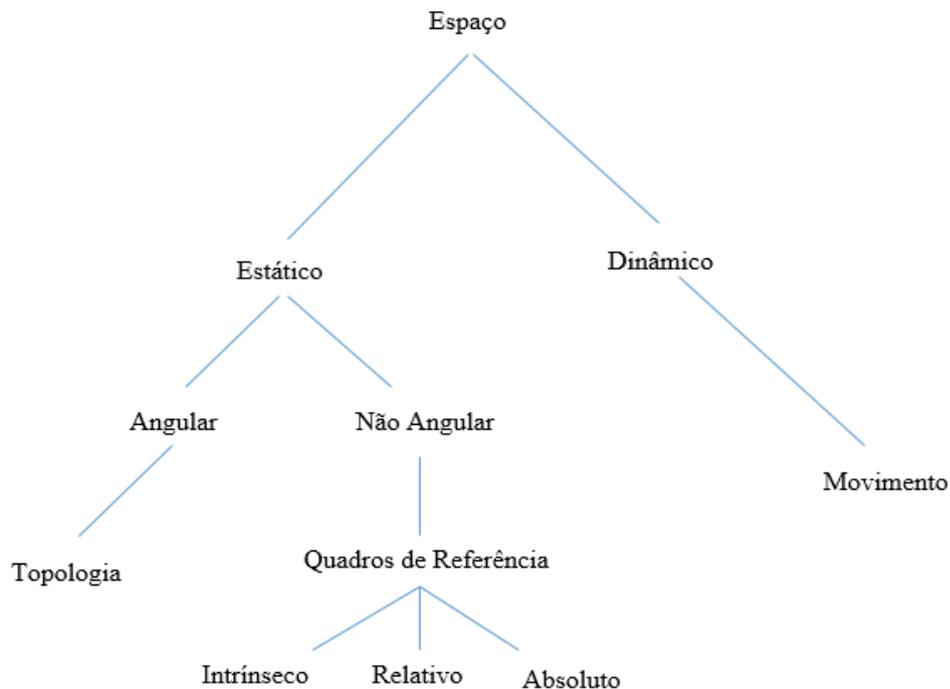
<sup>11</sup> Os exemplos são traduzidos para a língua portuguesa para facilitar a leitura. Entretanto, as glosas continuam sendo utilizadas conforme o exemplo original. Sendo assim, as abreviaturas para as glosas são as seguintes: 1, 2, 3 E – indicam prefixos ergativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa (que marcam ambos os sujeitos de verbos transitivos e posse de substantivo); 1, 2, 3 A – os sufixos absolutivos correspondentes.

probabilidade de conseguir respostas do tipo CLB, conforme a seguir: a) Figura é inanimada, uma entidade móvel em contato (ou próximo) com *Ground*; b) Figura é um adorno ou roupa; c) Figura faz parte do todo (parte do *Ground*); d) Figura é um *dano* ou espaço negativo (rachadura, furo); e) Figura presa ao *Ground*; f) Figura espetada pelo *Ground* (Levinson; Wilkins, 2006, p. 16).

A expressão de relações espaciais também pode ser tarefa de um conjunto de relacionadores espaciais (geralmente adposições, que possuem limitação no conteúdo semântico). As informações de espaço são geralmente distribuídas pela cláusula, no entanto, algumas línguas colocam toda a informação de espaço no verbo locativo (Levinson; Wilkins, 2006, p. 17).

Além das CLBs, as línguas naturais encontram diferentes soluções para responder às Perguntas-Onde. Na Figura 4, Levinson e Wilkins (2006, p. 3) trazem uma representação do sistema semântico de espaço das línguas, o que nos permite melhor compreensão dessas estratégias:

**Figura 4** - Subdivisões conceituais do domínio espacial



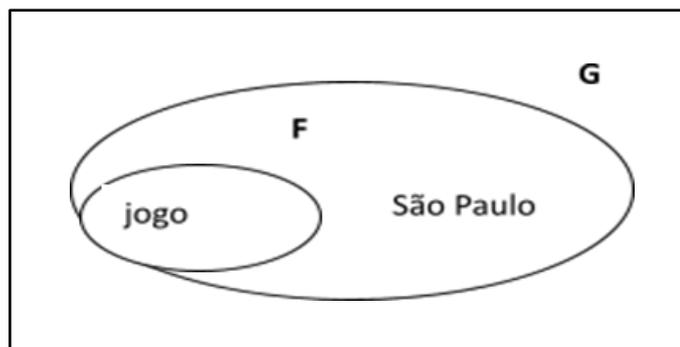
**Fonte:** Levinson (2006, p. 3), (adaptado pela autora).

Esse esquema semântico foi pensado para evidenciar as estratégias utilizadas pelas línguas naturais para responder à Pergunta-Onde. Nesse sistema, optamos por destacar e explicar especificamente a área que iremos pesquisar, no caso, a localização, a coincidência, lugares e topologia.

O esquema semântico de espaço se divide, primeiramente, em *localização* e *movimento*. A localização refere-se ao local estático, porque é estável em um determinado ponto no tempo. Por sua vez, o segundo grupo, como o próprio nome diz, relaciona-se ao trajeto de locomoção, em que a Figura em  $t_1$ <sup>12</sup> encontra-se em determinado local e em  $t_2$ <sup>13</sup>, em outro. Se pensarmos isoladamente em  $t_1$  e em  $t_2$ , as localizações são estáticas, entretanto a mudança de localização de F geralmente é por meio de uma trajetória, chamada de localização dinâmica ou movimento. Exemplo: João colocou a xícara (da mesa) na pia (Cablitz, 2006, p. 228).

Dentro do grupo de localização estática, há uma divisão em dois subgrupos. No primeiro, chamado de *coincidência*, não há uma especificação angular para a localização de F em relação ao G. A figura coincide com um contínuo, possui contato ou proximidade com o *Ground* ou, ainda, faz parte dele. É mais comum perceber isso em nomes de lugares, simplesmente localizando a Figura em *Ground*, como: O jogo (F) está em São Paulo (G).

**Figura 5** - Esquema de coincidência em que F está contido em G



Fonte: a autora.

Em português, como podemos perceber no exemplo acima, a preposição *em* assimila o nome de lugar para o sistema de topologia, mas nem todas as línguas utilizam adposições, algumas apenas expressam algo como: *o jogo está São Paulo* (sem a adposição *em*) ou utilizam um caso locativo especial ou outra construção distinta. Cablitz (2006, p. 259) defende que a literatura sobre conceitualização e referência espacial muitas vezes não

<sup>12</sup> Tempo 1

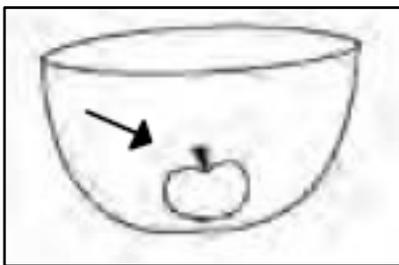
<sup>13</sup> Tempo 2

distingue lugares (*A torre Eiffel fica em Paris, João colocou as cadeiras no jardim*) de uma região de objeto atribuída (*a xícara está sobre a mesa, uma bola está em frente da árvore*). Assim, localização é um termo geral para lugares e região de objeto. O que difere os dois domínios são os diferentes tamanhos, ou seja, a localização de F em G (lugar/ambiente) é mais vaga em relação à localização de F em G (região de objeto). No subgrupo lugares, há dois ramos, a topologia e a toponímia. No próximo tópico, focaremos na topologia, interesse deste estudo.

### 2.4.1 Topologia linguística

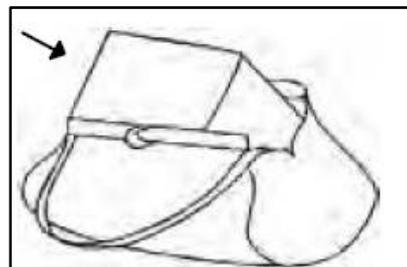
A *topologia* linguística é considerada uma abordagem mais geral das relações espaciais, podendo ser baseada na relação entre *parte* e *todo* ou nos conceitos de *ser-incluído* (Lewin, 1936, p. 87-88). Assim, Cablitz (2006, p. 242-243) define a topologia como locais que se incluem (total ou parcialmente). Por exemplo, a região característica de F: (i) pode ser totalmente incluída pela região de G, como na Figura 6; (ii) pode ser parcialmente incluída pela região característica de G, como na Figura 7; (iii) F pode estar em contato com a superfície externa de G, como na Figura 8; ou (iv) F pode estar na vizinhança de G (sem manter contato), como na Figura 9. Assim, a autora afirma que a relação topológica define-se com base na inclusão/exclusão, vizinhança/proximidade e contato.

**Figura 6** - F está contido em G



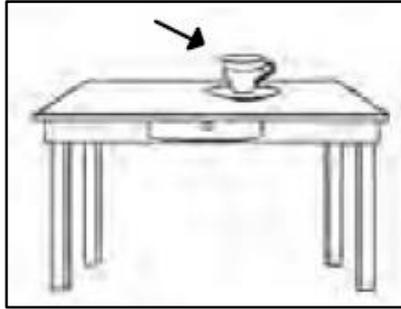
**Fonte:** Levinson e Wilkins (2006, p. 570).

**Figura 7** - F está parcialmente contido em G



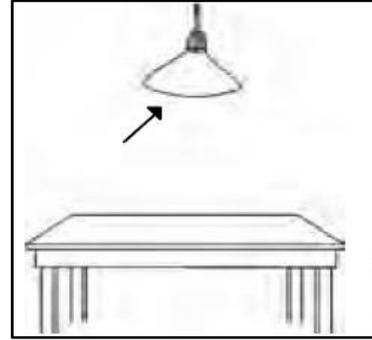
**Fonte:** Levinson e Wilkins (2006, p. 571).

**Figura 8** - F está em contato com a superfície externa de G



Fonte: Levinson e Wilkins (2006, p. 570).

**Figura 9** - F está na vizinhança de G (sem contato)



Fonte: Levinson e Wilkins (2006, p. 571).

Para Levinson (2003, p. 71), a Topologia “é o estudo das propriedades geométricas que permanecem constantes sobre transformação ou ‘deformação’ e, portanto, são preservadas sobre a perda de ângulo métrico e distância”. Por exemplo, se uma caixa (Figura) estiver ao lado de uma mesa (*Ground*), a caixa (Figura) permanece com sua relação topológica (ao lado) com a mesa (*Ground*), independente do lugar/posição que o observador esteja. Em outras palavras, F e G possuem uma relação constante e proximal, além de ter independência do ângulo em que são observados ou de alguma coordenada.

Ao examinar a conceituação de relações espaciais topológicas, a lexicalização e a distribuição dos componentes de significado que entram na descrição espacial, Martin Thiering (2009) afirma que as relações espaciais topológicas são como relações locativas impermeáveis ou neutras em perspectiva entre objetos físicos. Por sua vez, Cienki (1989) garante que os conceitos topológicos são codificados, na maioria das línguas, por adposições. Em português, por exemplo, as preposições *em*, *na*, *próximo*, *entre*, *sobre*, entre outras expressam noções topológicas.

Thiering (2009) ainda traz em seu trabalho alguns exemplos de respostas dadas a Perguntas-Onde em quatro línguas. Foi perguntado aos falantes dessas línguas onde está o objeto X, usando a mesma imagem para cada um. Em resumo, os respondentes codificaram a imagem como uma relação espacial estática entre xícara (F) e mesa (G), geralmente mediante um verbo copular ou de postura e uma preposição, assim como podemos perceber nos exemplos (03) a (06).

	FIG	EXIST/POST	LOC	GND	ALEMÃO
(03)	<i>die tasse</i>	<i>ist/steht</i>	<i>auf</i>	<i>dem tisch.</i>	
	ART xícara	3SG.S.IMPF.estar/ficar	em cima	ART mesa	

‘A xícara (fica em pé) em cima da mesa.’

(Thiering, 2009, p. 3)

	FIG	EXIST	LOC	GND	NORUEGUÊS
(04)	<i>kopp-en</i>	<i>er</i>	<i>på</i>	<i>bord-et.</i>	
	xícara-ART	3SG.S.IMPF.estar	em cima	mesa-ART	
	‘A xícara está/fica em cima da mesa.’				



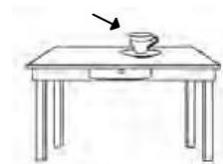
(Thiering, 2009, p. 3)

	FIG	EXIST	LOC	GND	FRANCÊS
(05)	<i>la tasse</i>	<i>est</i>	<i>sur</i>	<i>la table.</i>	
	ART xícara	3SG.S.IMPF.estar	em cima	ART mesa	
	‘A xícara está/fica em cima da mesa.’				



(Thiering, 2009, p. 3)

	FIG	EXIST	LOC	GND	ESPAÑHOL
(06)	<i>la tasa</i>	<i>est</i>	<i>en</i>	<i>la mesa.</i>	
	ART xícara	3SG.S.IMPF.estar	em cima	ART mesa	
	‘A xícara está/fica em cima da mesa.’				



(Thiering, 2009, p. 3)

De acordo com Talmy (1983) e conforme podemos perceber nos exemplos acima, a Figura (FIG) é a menor entidade comparada à maior entidade, o *Ground* (GND). Esses dois elementos são relacionados por um verbo existencial (EXIST) ou verbo de postura (POST) e um locativo (LOC). Thiering (2009) declara que verbos de postura implicam certas orientações, como *steht* ‘ficar’ em (03). Ou seja, apenas objetos longos com contato total com G podem *deitar*, enquanto objetos com alguma extensão vertical podem *ficar* ou *estar em pé*, como no exemplo (08) da língua wapixana, já que a figura *menino*, do exemplo, parece ser longa comparada à xícara dos exemplos anteriores.

O wapixana (como veremos no capítulo 3, que trata sobre a tipologia do objeto de estudo desta tese) é uma língua que não possui cópula. No entanto, nas respostas obtidas das Perguntas-Onde, encontrou-se o verbo existencial, assim como o verbo de postura e locativos, vistos nos exemplos (07) e (08), respectivamente:

	EXIST	FIG	LOC	GND	POSP	WAPIXANA
(07)	<i>kainha'a</i>	<i>kuty'yz</i> <i>sud</i>	<i>mau-<u>nap</u></i>	<i>kabayn</i>	<i>dazab-a-'a</i>	
	existir	pássaro pequeno	perto- LOC <sup>14</sup>	casa	perto-EP-POSP	
	‘Tem um passarinho perto da casa.’					
(08)	<i>kainha'a</i>	<i>daunaiura</i> <i>sud</i>	<i>kadixicha-p-a-n</i>	<i>mesa</i>	<i>baray ii</i>	
	existir	menino pequeno	em_pé- EP-MI	CONT- mesa	costa POS P	
	‘Tem um menino pequeno em pé atrás da mesa.’					

Quando se trata de espaço topológico, nos dados obtidos na pesquisa sobre wapixana, o verbo existencial é o verbo mais frequente, comparado ao verbo de postura, que, geralmente, nessa língua, é usado para seres vivos, como pessoas e animais. Os locativos geralmente aparecem com posposições, como no exemplo (08) *baray ii* ‘atrás’. Entraremos com mais detalhes da análise dos dados nos capítulos 4 e 5.

Em todos os exemplos sobre topologia mostrados neste trabalho, encontramos locativos. De acordo com Admiraal (2016), em baure o marcador locativo geral *-ye* (LOC) é semanticamente neutro, pois não especifica o tipo exato de relação topológica, não havendo nenhuma informação adicional, apenas uma relação prototípica ou esperada. Assim, esse marcador pode codificar diferentes tipos de relações topológicas, como vemos nos exemplos

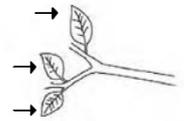
<sup>14</sup> Neste trabalho, locativo é classificado seguindo Bowden (1992, p. 4) – como uma categoria funcional, ou seja, qualquer coisa usada para marcar uma relação locativa: substantivo, advérbio, preposição, afixo ou qualquer outro elemento.

de (09) a (13):

- + SUPORTE HORIZONTAL
- (09) *kwe' nikirok mesi-ye.*  
 existir prato mesa-LOC  
 'Tem um prato na mesa.'
- (Admiraal, 2016, p. 69)
- + SUPORTE VERTICAL
- (10) *kwe' to epono etsie-ye.*  
*e'*  
 existir ART folha galho-LOC  
 'Tem uma folha no galho.'
- (Admiraal, 2016, p. 70)
- + CONTENÇÃO COMPLETA
- (11) *kwoni' pari-ye*  
 existir.1SG casa-LOC  
 'Estou em casa.'
- (Admiraal, 2016, p. 70)
- + ESPAÇO NEGATIVO
- (12) *to jowoki kwore' pania'-ye*  
 ART buraco existir.3SG toalha-LOC  
 'Tem um buraco na toalha.'
- (Admiraal, 2016, p. 70)
- + CERCO
- (13) *to korvat kwore' yakopi-ye.*  
 ART gravata existir.3SG vela-LOC  
 'A gravata está em volta da vela.'
- (Admiraal, 2016, p. 70)

BAURE

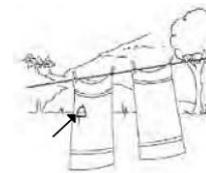
BAURE



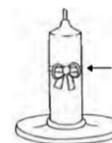
BAURE



BAURE



BAURE



Como podemos perceber nos exemplos da língua baure, apenas o locativo *-ye* foi

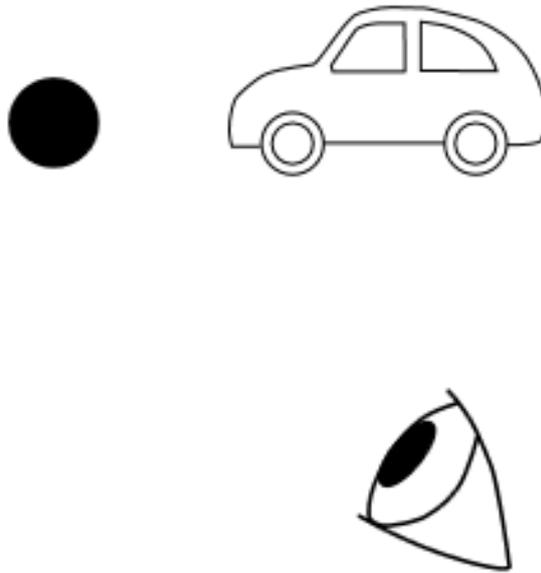
usado para especificar diversas relações espaciais. São utilizadas até mesmo as relações de espaço negativo e cerco, menos prototípicas, que não exigiram maiores especificações porque ficaram evidentes no contexto, deixando a relação espacial clara para o ouvinte.

Em geral, as línguas naturais podem codificar espaço topológico de diversas maneiras ou, assim como a língua Baure, apenas por meio de um único marcador locativo. Elas podem utilizar verbos existenciais, posicionais, adposições e outros elementos linguísticos em suas construções locativas ou em construções não padrão.

#### **2.4.2 Quadros de Referência**

A concepção moderna de Quadros de Referência (Q.R.) originou-se em 1920, a partir das teorias de concepção da psicologia Gestalt. Segundo essa teoria, Q.R. é uma unidade ou a organização de unidades que serve para identificar um sistema de coordenadas em que as propriedades do objeto são medidas (Rock, 1992, p. 404). Por exemplo, se uma pessoa que usa óculos está em um quarto e vai para outro, a localização mudou ou não? A resposta é “depende do Q.R.”, se a referência for o nariz (onde o óculos está posicionado), não mudou. Agora se a referência for o quarto, mudou. Entretanto, para este estudo, levaremos em consideração o sistema de coordenadas para definirmos os Q.R.s, e não a seleção de objetos, já que a origem de um objeto e a ênfase em G também contribuem para o sistema de coordenadas, conforme Levinson (2003) argumenta.

Para Levinson (2003, p. 25), ao observarmos a imagem abaixo, percebemos que a frente do carro está virada para a esquerda. Nesse sentido, a bola posiciona-se à frente do carro ou ao lado esquerdo do carro (já tomando como ponto de referência o visualizador)? A imagem é a mesma, mas as respostas podem variar, pois os seres humanos possuem múltiplos Quadros de Referência.

**Figura 10** - Quadro entre modalidades

**Fonte:** Levinson (2003, p.25)

Existem várias noções sobre Quadros de Referência pelas quais disciplinas como Psicologia, Filosofia, ciências do cérebro e Linguística se detêm para seus estudos, cada noção se diferencia em algum aspecto da ideia de quadros de referência dependendo da disciplina. Citaremos, de forma breve, as noções sobre os quadros de referência e as disciplinas que os estudam, pois queremos focar nas noções de quadros de referência e suas categorias, especificamente, da linguística, por questão de escopo, visto que é o que mais nos interessa nesse momento.

A distinção entre quadros de referência de espaço relativo e espaço absoluto está no conceitos discutidos sobre espaço, de modo simples, em que espaço relativo é associado à relação que os objetos têm entre si, ou seja, definir espaço depende do que você tem como referência, enquanto o espaço absoluto usa um sistema de coordenadas de base conceitual com ângulos fixos (e coordenadas de extensão indefinida) (Levinson, 2003). Esses quadros de referência são estudados pela filosofia, ciências do cérebro e linguística.

Já a distinção entre os quadros de referência de espaço egocêntrico e espaço allocêntrico se dá a partir da origem do sistema de coordenadas. De acordo com Levinson (2003), o espaço egocêntrico possui o sistema de coordenadas originado na estrutura corporal subjetiva do organismo, enquanto o espaço allocêntrico possui a origem do sistema de coordenadas em outros lugares não específicos, ou seja, tudo que não é centrado na estrutura

corporal subjetiva do organismo. Geralmente, os quadros de referência mencionados são estudados pela psicologia do desenvolvimento e do comportamento, ciências do cérebro.

Ainda de acordo com Levinson (*ibid*), a distinção entre Quadros de Referência centrados no espectador e centrados no objeto é observada através da teoria da visão, em que os sistemas visuais e imaginários se distinguem em dois diferentes Quadros de Referência. De forma simplista, o primeiro quadro se dá na imagem da retina (representação abstrata do objeto em termos de suas propriedades volumétricas), já o segundo quadro passa por um processo de reconhecimento visual de objetos (centrado no objeto).

Outros Quadros de Referência estudados pela psicologia são aqueles vinculados à orientação e à orientação livre. A distinção entre esses tipos de Quadros de Referência, de acordo com Levinson (2003), se dá a partir dos tipos de reconhecimento de formas, em que o primeiro leva em consideração a orientação (sem curva de resposta, latência relacionada ao deslocamento angular de um estímulo relacionado familiar), enquanto que, no Q.R. de orientação livre, as formas são reconhecidas por aparente rotação para o estímulo relacionado familiar. Assim, mesmo que o reconhecimento das formas visuais do Q.R. vinculado à orientação leve em consideração imagens que indiquem o objeto, esse quadro está ligado ao espectador. Da mesma forma, o Q.R. de orientação livre está relacionado ao Q.R. centrado no objeto pela rotação. Contudo, esses tipos de quadros de referência podem se corresponder ainda com os Quadros de Referência absoluto e relativo, pois esses são orientados, enquanto o Quadro Intrínseco é de orientação livre.

Por fim, os Quadros de Referência dêitico e intrínseco são estudados exclusivamente pela linguística e possuem três interpretações. A primeira é a “centralizada no falante” e/ou a “não centralizada no falante”; a segunda é a “centralizada em qualquer um dos participantes de fala (falante ou destinatário)” e/ou a “não centralizada (qualquer coisa)”; e a terceira é as relações espaciais entre ternário e binário (Levinson, 2003, p.31). Assim, existem também três classes de Quadros de Referência que representam o espaço do objeto no mundo, o Q.R. centrado no visualizador, o Q.R. centrado no objeto e o Q.R. centrado no ambiente. Eles são renomeados como Relativo, Intrínseco e Absoluto, respectivamente.

As análises de termos espaciais de línguas de família indo-européia são muito confusas, de acordo com Levinson (2003, p. 34), e em outras famílias são praticamente inexplorados. Dessa forma, os supostos universais sobre termos espaciais ainda devem ser colocados em xeque. O autor afirma ainda que existe uma tipologia dos Quadros de Referência linguística que são sistematicamente distinguidos na gramática ou no léxico das línguas.

As línguas naturais divergem amplamente nas soluções que tomam para especificar os ângulos e direções no plano horizontal. Assim, para descrever as direções horizontais pode ocorrer tanto o Quadro de Referência intrínseco, quanto o relativo e o absoluto. A distinção entre os quadros mencionados está em dois pontos, o primeiro relacionado ao sistema de coordenadas, ou seja, a relação espacial binária ou ternária, respectivamente, intrínseco e relativo. Já o segundo ponto corresponde à origem dêitica ou não dêitica (ou egocêntrico/alocêntrico), utilizada pelo Quadro de Referência absoluto. Observe os exemplos abaixo para maior compreensão.

(a) A bola está **na minha frente**.

Coordenada: Intrínseca.

Origem: **Falante**.

Ground: **Falante**.

(Levinson, 2003, p. 37)

(b) A bola está à direita da **lâmpada, do seu ponto de vista**.

Coordenada: Relativa.

Origem: **Endereço**.

Ground: **Lâmpada**.

(Levinson, 2003, p. 38)

(c) Ele está **ao norte da casa**.

Coordenada: Absoluta.

Origem: **coordenada 'norte'**.

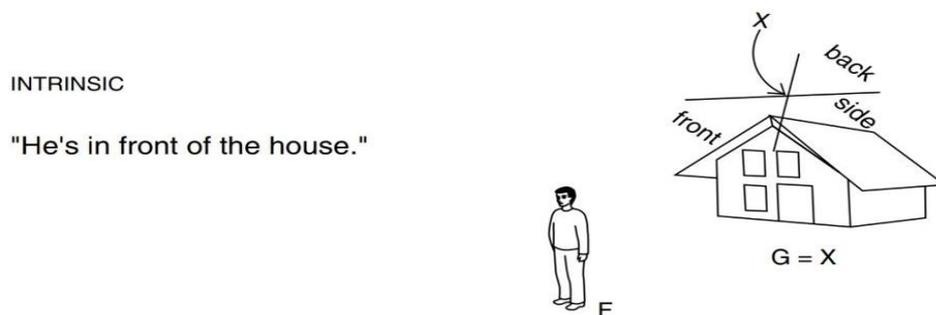
Ground: **casa**.

(Levinson, 2003, p. 40)

No exemplo (a) de Levinson (2003), percebemos que a origem e o G da coordenada intrínseca são constituídos pelo mesmo objeto, o falante, assim, há uma relação binária entre a figura F e o Ground G e, portanto, intrínseca. Geralmente, esse Quadro de Referência utiliza algo como “em frente de”. No exemplo (b), o ponto de origem e o G da coordenada relativa são distintos, isto é, uma relação ternária, em que a relação espacial se dá entre F, G e ponto de vista V, assim, temos um Q.R. relativo. Geralmente, esse quadro utiliza termos como “a direita de”. Já o exemplo (c), que tem como origem a coordenada “ao norte” e G a casa, temos a diferença justamente na inclusão da coordenada; assim como o Q.R. intrínseco, possui uma relação binária, mas sem a presença do ponto de vista V.

O Quadro de Referência intrínseco possui variação entre as propriedades geométricas do sistema de coordenadas entre as línguas. Nesse tipo de sistema, as expressões constrativas de armaduras fixas requerem ângulos projetados para serem mutuamente exclusivos, ou seja, a relação entre F e G não suporta inferência transitiva ou inversa, assim como na figura abaixo.

**Figura 11** - Quadro de Referência Intrínseco



**Fonte:** Levinson (2003, p. 42).

Conforme Levinson (2003), o Quadro de Referência intrínseco não admite expressões como “gato está na frente e ao pé da cadeira”, diferentemente do quadro de referência relativo. Outra característica do sistema de coordenadas intrínsecas é a variação da extensão métrica. Algumas línguas exigem que F e G estejam em contato, ou visualmente em contínuo, enquanto outras línguas permitem a projeção de diversos domínios de busca.

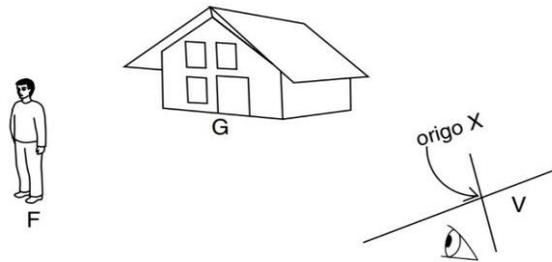
O Quadro de Referência relativo é pode ser comparado ao quadro de referência dêitico, pois ambos são centrados no espectador, entretanto, no primeiro, o espectador não necessariamente precisa ser ego nem participante do evento de fala. O quadro de referência relativo pressupõe um ponto de vista V (fornecido pelo espectador em qualquer modalidade

sensorial), além de F e G distintos.

**Figura 12** - Quadro de Referência Relativo

RELATIVE

"He's to the left of the house."

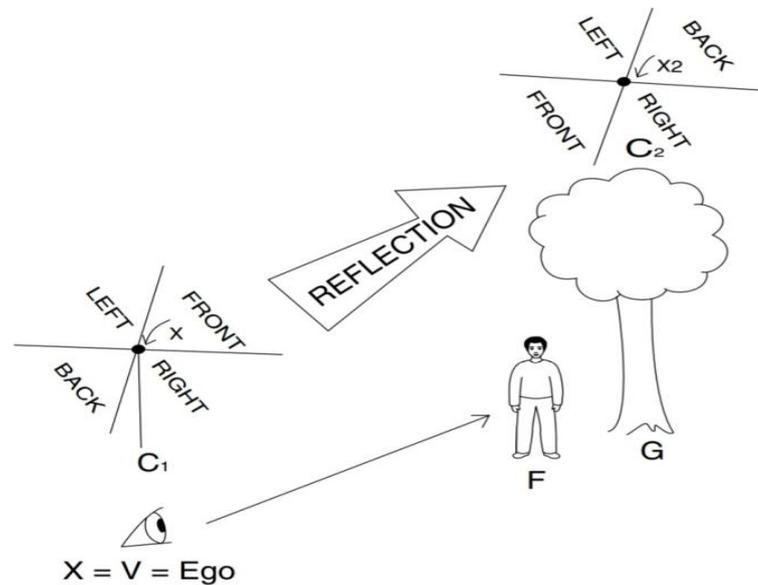


**Fonte:** Levinson (2003, p.43)

Dessa forma, esse Q.R. oferece três pontos de referência, utilizando coordenadas fixadas no ponto de vista V, para atribuir direções, F e G. Aparentemente, esse sistema de referência tem sua ancoragem no corpo do espectador, em que o peito refere-se à frente, entretanto, a direção do olhar também pode ser considerada como um critério de ancoragem de coordenadas. Além dos pontos mencionados acima, sobre o Quadro de Referência relativo, Levinson (2003) menciona que há um segundo conjunto de coordenadas, derivado pelo mapeamento das coordenadas do ponto de vista V para o G. Sobre isso, o autor explica que “O mapeamento envolve uma transformação que pode ser uma rotação de 180 graus, translação (movimento sem rotação ou reflexão) ou reflexão no plano transversal frontal”<sup>15</sup> (Levinson, 2003, p. 44, tradução nossa), assim como podemos observar na figura abaixo:

<sup>15</sup> “The mapping involves a transformation which may be 180 degree rotation, translation (movement without rotation or reflection) or reflection across the frontal transverse plane.” (Levinson, 2003, p. 44)

**Figura 13** - Quadro de Referência Relativo Refletido



Fonte: Levinson (2003, p. 45)

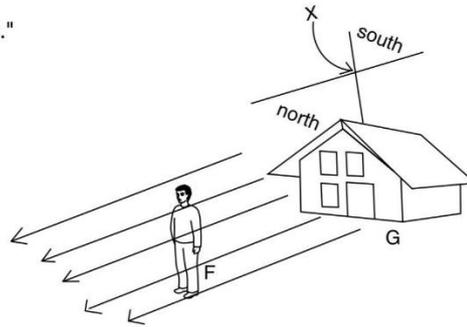
Nessa imagem, observamos que F (João) está entre o ponto de vista V e G (árvore), além disso, o mapeamento do ponto de vista V do espectador foi refletido pelo G, assim, a árvore também tem uma frente, antes mesmo da localização de F. Levinson (2003, p. 46) afirma que os sistemas relativos que usam esse mapeamento secundário são, na verdade, uma forma de estender o Quadro de Referência intrínseco aos casos em que não poderia ser aplicado esse quadro. Isso sugere que o Quadro de Referência intrínseco é fundamental para o modo de descrever espaço nas línguas naturais.

Por fim, de acordo com Levinson (2003, p. 47) o Quadro de Referência absoluto é aquele que se refere à direção fixa fornecida pela gravidade. Muitas línguas fazem uso excessivo e até mesmo exclusivo desse Q.R. na horizontal. É um sistema que faz uso de rolamentos fixos arbitrários, direções cardeais, correspondentes às direções, ou arcos que podem ser relacionados ao rolamento da bússola, sem qualquer referência ao espectador.

**Figura 14 - Quadro de Referência Absoluto**

ABSOLUTE

"He's north of the house."

**Fonte:** Levinson (2003, p. 39)

Apesar desse tipo de quadro ser abstrato, os falantes de línguas que fazem uso desse sistema de coordenadas se utilizam de pistas ambientais (encostas das montanhas, direções predominantes do vento, drenagem de rios, etc.). Levinson (2003) afirma que as direções cardiais podem ocorrer com rolamentos fixos inclinados em vários graus e não relacionados ao nosso norte, sul, leste e oeste. O autor diz ainda que

Talvez seja necessário enfatizar que esse acompanhamento de direções fixas não é, com socialização adequada, uma façanha restrita a certas etnias, raças, ambientes ou tipos culturais, como mostra sua ampla ocorrência (talvez em um terço de todas as línguas humanas) desde Mesoamérica, para a Nova Guiné, para a Austrália, para o Nepal. Não simples ecológico o determinismo explicará a ocorrência de tais sistemas, que podem ser encontrados alternando com, por exemplo, sistemas relativos, entre grupos étnicos vizinhos em ambientes semelhantes e que ocorrem em ambientes de tipos contrastantes (por exemplo, desertos abertos e terrenos de selva fechada). (Levinson, 2003, p. 48, tradução nossa)<sup>16</sup>

As expressões linguísticas nesse sistema são binárias, relação espacial entre F e G, utilizando um sistema de coordenadas ancoradas em rolamentos fixos, que têm sua origem no G. Diferentemente do sistema de coordenadas intrínsecas, suportam inferências transitivas em suas descrições espaciais e fazem isso sem presença constante do ponto de vista V do

<sup>16</sup> It perhaps needs emphasizing that this keeping track of fixed directions is, with appropriate socialization, not a feat restricted to certain ethnicities, races, environments or culture types, as shown by its widespread occurrence (in perhaps a third of all human languages) from Mesoamerica, to New Guinea, to Australia, to Nepal. No simple ecological determinism will explain the occurrence of such systems, which can be found alternating with, for example, relative systems, across neighbouring ethnic groups in similar environments, and which occur in environments of contrastive kinds (e.g. wide open deserts and closed jungle terrain). (Levinson, 2003, p.48)

espectador, se diferenciando também do sistema relativo. O Q.R. absoluto é o quadro linguístico mais complexo, haja vista que são necessárias diversas variáveis para poder identificar o ponto de ancoragem, já que a geometria do sistema de coordenadas é linguisticamente e culturalmente variada (Levinson, 2003, p. 50).

A partir da exposição dos conceitos e características dos quadros de referência espacial, Levinson (2003, p. 54) restringe esses quadros em dois grupos, de acordo com suas origens: a) os quadros intrínsecos e absolutos são agrupados aos quadros aloentríco, em oposição ao sistema de quadro relativo, que é egocêntrico; b) os quadros absoluto e relativo são agrupados aos quadros que possuem orientação, em oposição ao quadro intrínseco, que possui orientação livre.

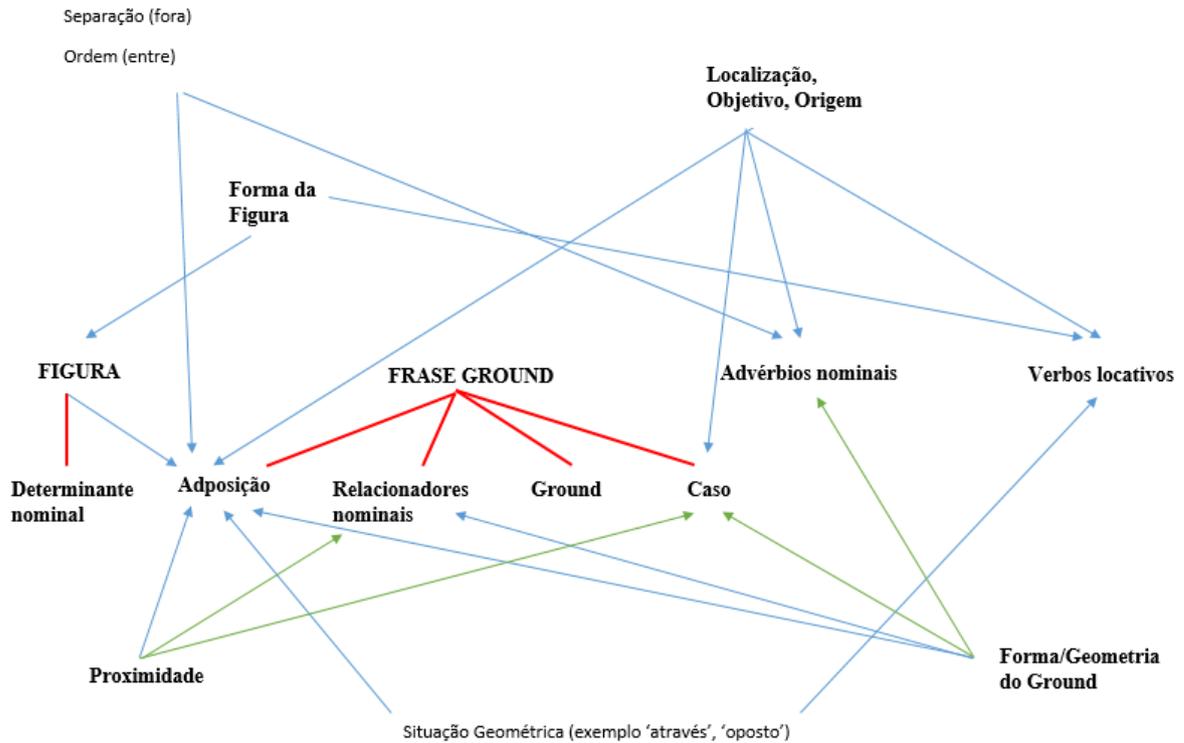
Além disso, Levinson (2003, p. 53) faz três afirmações a respeito dos Quadros de Referências espaciais nas descrições linguísticas. Primeiro, todas as línguas naturais analisadas, até o momento, utilizam somente os três quadros de referências já mencionados. Segundo, nem todas as línguas utilizam os três quadros de referência, algumas utilizam somente um (absoluto ou intrínseco; o relativo parece exigir o intrínseco) e outras utilizam dois (intrínseco e relativo ou intrínseco e absoluto).

Dessa forma, as análises de Levinson (2003) permitem a conclusão de que as expressões linguísticas podem ser especializadas em um Quadro de Referência, ou seja, a escolha do Quadro de Referência não está somente no pensamento espacial e totalmente fora da língua, podendo ainda ser possível a utilização de alguns mesmos relacionadores espaciais entre os quadros.

## 2.5 A CODIFICAÇÃO DE ESPAÇO NAS LÍNGUAS NATURAIS

A partir dos estudos sobre o espaço, tal como o de Levinson (2003), percebeu-se que as informações espaciais eram distribuídas em toda a frase por meio de diversas classes de palavras, como demonstrativos, adjetivos, advérbios, nominais espaciais e verbos locativos. Isso evidencia maior complexidade na codificação do espaço, já que essas informações se cruzam e formam uma espécie de teia, conforme podemos observar na Figura 7, que representa a codificação do espaço nas sentenças linguísticas.

**Figura 15** - Representação da codificação do espaço



Fonte: Levinson (2003, p. 99), (adaptado pela autora)<sup>17</sup>.

Como podemos perceber na Figura 15, as informações de espaço podem ser codificadas por diversos tipos e formas de palavra: 1) a separação (lado de fora) e a ordem (entre), por exemplo, podem ser manifestadas por meio de adposição (preposição/posposição) ou de advérbios nominais; 2) a forma da *Figura* pode ser codificada em determinante e nome ou em verbo locativo; 3) a *Figura* pode ser encontrada em forma de determinante e nome ou adposição; 4) a localização, objetivo e origem podem ser manifestadas em frase *Ground* (adposição, nominais relacionais, caso ou *Ground*), advérbios nominais, caso ou verbo locativo; 5) a proximidade pode ser codificada em adposição e, ocasionalmente, em nominais relacionais ou caso; 6) a forma ou geometria do *Ground* pode ser codificada em adposição, nominais relacionais e, ocasionalmente, em advérbios nominais e caso; 7) já a situação geométrica (através, oposto) também é codificada mediante adposição ou verbo locativo. A análise da Figura 15 também permite perceber que, apesar de as informações espaciais poderem ser codificadas em várias classes de palavras, a adposição é a classe que consegue expressar uma maior variedade de informações quanto ao espaço.

<sup>17</sup> As cores indicam a frequência de uso de cada termo, a cor vermelha indica uma maior intensidade, a cor azul indica menor intensidade, enquanto a verde é a menor intensidade possível.

Apesar da adposição ser frequente nas línguas naturais e poder atribuir muitas informações espaciais, Levinson (2003) traz exemplos da distribuição de informações espaciais em cláusula da língua australiana arrernte, em (14), na qual não há adposição.

- (14) *panikane-Ø tipwele akertne-le aneme*  
 xícara-NOM mesa superadjacente-LOC sentar  
 ‘A xícara está em cima da mesa.’

ARRERNTE



(Levinson, 2003, p. 100)

No exemplo (14), não há posposição nem preposição, mas uma marcação de caso. O caso locativo é utilizado para especificar a natureza do *Ground* – ocorre um nominal espacial denominado ‘super.adjacente’, uma vez que abrange as noções *on* e *over*. Essa união à *mesa* sinaliza uma relação parte-todo; então, *akertne* indica *na superfície superior*, por meio de uma construção espacial. O verbo também contribui para a construção locativa: na cláusula dada, o verbo *aneme* ‘sentar’ faz parte de um conjunto de verbos posicionais que indicam a forma e a orientação da figura em relação ao *Ground*. Levinson e Wilkins (2006) alertam ainda para o fato de que o conteúdo semântico não é tão previsível, pois as informações espaciais são muito específicas de cada língua e podem refletir as preocupações culturais dos povos.

### 2.5.1 A codificação de espaço por meio da topologia

Segundo Levinson (2003), as codificações de espaço das línguas são feitas por meio da topologia e dos quadros de referência, que discutimos nas seções 2.4.1 e 2.4.2. Van Geenhoven e Warner (1999, p. 61) afirmam que as descrições espaciais topológicas são “descrições baseadas em conceitos de proximidade, coincidência, superposição e contenção”.

Sobre os tipos e classes de palavras que são envolvidos na codificação da relação espacial topológica, na qual este trabalho tem seu foco, Levinson (2003) define três tipos: os casos locais, as adposições e os nominais espaciais (nominais relacionais e nominais adverbiais), os quais pertencem à classe de morfemas fechados. Às vezes, torna-se difícil distingui-los, pois existe uma cadeia de gramaticalização em que os nominais espaciais evoluem para adposições, que, por sua vez, evoluem para marcadores de caso.

De acordo com Van Geenhoven e Warner (1999, p. 61), o componente verbal da

locução é um aspecto comumente negligenciado em descrições topológicas. Em vista disso, os autores apresentam uma tipologia de predicação locativa, que é dividida em quatro grandes partes, o Tipo 0, que se refere à CLB que não apresenta nenhum verbo em sua composição; o Tipo I, que é dividido em dois grupos: o Tipo Ia possui cópula e o Tipo Ib utiliza de verbo locativo; o Tipo II apresenta um grande conjunto de verbos “disposicionais”; e, por fim, o Tipo III é aquele que possui um conjunto pequeno e contrastivo de verbos posturais ou posicionais.

Os Tipos 0 e I são bem claros, entretanto, os Tipos II e III podem apresentar certa dificuldade na distinção. Sendo assim, os autores utilizam distinções sintáticas, semânticas e pragmáticas. O tipo II pode conter uma dúzia ou mais de predicados concorrentes que especificam a disposição do sujeito e pode co-ocorrer com outros sistemas de classificadores ou também com ausência de adposições espaciais.

Outro contraste que Van Geenhoven e Warner (1999) apontam está relacionado ao aspecto semântico, ao comprometimento que o tipo II possui em relação à disposição real do sujeito, conforme podemos observar no exemplo (15), da língua otomanguean. Enquanto que, no tipo III, o foco é a orientação real do objeto localizado, como no exemplo (16), da língua goemai.

No tipo II, encontramos o comprometimento com a posição de F ‘cachorro’, enquanto que, no tipo III, o comprometimento está relacionado a G ‘mesa’, como podemos perceber através da posição dos verbos de postura. Van Geenhoven e Warner (1999) defendem que muitas línguas podem até retirar o verbo posicional se o objeto localizado (Figura) e a localização (Ground) estiverem em uma relação estereotipada ou habitual.

	(DEM)	POST	FIG	REL NOM	GND	OTOMANGUEAN
(15)	<i>(na’)</i>	<i>dxi</i>	<i>beko’</i>	<i>iho</i>	<i>yixe’</i>	
	lá	<b>sentar</b>	<b>cachorro</b>	intestino	ervas	
		‘Um cachorro está nas ervas daninhas.’				

(Van Geenhoven; Warner, 1999, p. 62)

	FIG	POST	LOC	GND	GOEMAI
(16)	<i>cup</i>	<i>t’dg</i>	<i>kä</i>	<i>teäbüür</i>	



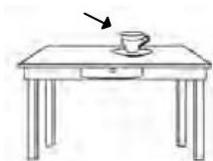
xícara    **sentar**    cabeça    **mesa**

‘A xícara está na mesa. (lit. A xícara está sentada na cabeça da mesa)’

(Van Geenhoven; Warner, 1999, p. 63)

Outra característica que pode aparecer na codificação de espaço das línguas naturais é a especificação, que acontece na língua dene (família das línguas atabascanas). De acordo com Thiering (2009, p. 5-6), nenhum objeto físico (Figura) pode ser especificado sem referência à sua forma ou configuração; ou seja, o fato de ser redondo, em forma de bastão, flexível ou animado tem uma função significativa. Assim como podemos observar no exemplo (17), em que o sistema verbal classificatório usado em dene é utilizado para traçar o perfil de F em relação às suas características qualitativas, como tamanho, forma, material, textura, animação (por exemplo, objetos redondos, sólidos, semelhantes a varas etc).

Em Dene, a informação semântica sobre F é muitas vezes confundida com o radical do verbo. O exemplo (17) apresenta uma descrição típica eliciada de uma cena estática, mas também indica que a raiz verbal *-ta* contém as informações funcionais do objeto codificadas, além de especificar que F é um objeto pequeno e redondo. O objeto F também é conceituado em um quadro pragmático por meio do dêitico. Isso se deve à inclusão do prefixo verbal *da-* ‘em cima’, que aqui transmite o fato de que, do ponto de vista do falante, a colocação da xícara está acima de uma linha média no nível da cintura.

	GND	LOC	FIG	DEIC+CLV=STAT	DENE
				<b>[FIG]</b>	
(17)	<i>bek'eshich'lyi</i>	<i>k'e</i>	<i>tsobilti</i>	<i>da-the-ta</i>	
	mesa	em	xícara	<b>cima-IMPF.3SG.S<sup>18</sup>-SO<sup>19</sup>. ser situado</b>	

‘A xícara está (localizada) em cima (lá) na mesa.’

(Thiering, 2009, p. 6)

O trabalho de Thiering (2009) faz uma comparação das línguas dene e totonac (língua isolada) com as línguas inglês, alemão, norueguês, francês e espanhol. Em seu estudo, o autor afirma que as duas primeiras línguas recortam eventos espaciais e temporais de

<sup>18</sup> Assunto: categoria sintática (na maioria dos casos paralela à Figura).

<sup>19</sup> Raiz do verbo classificatório que significa um único *objeto rígido em forma de bastão*, por exemplo, *caneta, tesoura, mesa, cadeira, chave, canoa, carro*.

maneira diferente das línguas germânicas. Para ele, línguas tipologicamente próximas, como o inglês, o alemão e o norueguês, manifestam diferenças sutis na expressão de relações espaciais topológicas, sem mencionar as diferenças maiores evidentes entre elas e o dene ou o totonac. As línguas pesquisadas diferem no que diz respeito à escolha de elementos morfossintáticos, à diversidade semântica e à perspectiva de seus sistemas de codificação espacial. Dene (e em menor grau, também totonac) é muito mais descritivo do que os sistemas de codificação espacial das línguas européias. Portanto, Thiering (2009) acredita que essas diferenças são indicações de sistemas específicos de linguagem, se não específicos de construção, para codificar relações espaciais.

Há muitas maneiras de codificar espaço por meio da topologia, o que pode sim ter relação com a tipologia e a proximidade entre as famílias linguísticas, como Thiering mesmo afirma. Por isso, apresentamos um pouco dessa diversidade de codificação da relação espacial mediante exemplos de algumas línguas naturais, mas entendendo que ainda há muito a se pesquisar em relação a esse tema.

Sendo assim, ao fazer a análise das codificações das relações topológicas da língua arrernte (pama-nyungan), Wilkins (2006) chega à conclusão de que ela possui três marcadores de caso distintos (*-le* ‘LOC’, *-ke* ‘DAT’ e *-nge* ‘ABL’) para indicar localização coincidente (localização de F em G), entretanto, não apresenta especificamente noções topológicas, como em (18).

(18)	<i>arelhe-le</i>	<i>merne-∅</i>	<i>apmere-ke/</i>	<i>urtne-ke</i>	ARRERNTE
	arrerne-	comida-	acampamento-	colocar-	
	me.mulher-ERG	ACC	DAT/	NPP <sup>20</sup>	

‘A mulher está colocando a comida no acampamento/no Coolamon.’

(Wilkins, 2006, p. 30)

Apesar de aparentemente não apresentar noções topológicas específicas, Wilkins (2006) enfatiza que as particularidades das relações topológicas são muito frequentemente deixadas para interpretação pragmática em vez de serem codificadas diretamente. O autor deixa claro que arrernte possui outros meios para expressar relações topológicas específicas (que se caracteriza pela necessidade/desejo de especificação exata da relação local), tais como lexemas nominais e adverbiais espaciais, ambos em combinação com o locativo, como podemos perceber na Construção Locativa Básica da língua, no exemplo (19):

<sup>20</sup> Progressivo não passado (preferência de glosa do autor).

- (19) *artwe-o relhe-nge arrwekele-le tne-me ARRERNTE*  
 homem-NOM mulher-ABL **em.frente-** ficar-NPP  
**LOC**

‘O homem está de pé na frente da mulher.’

(Wilkins, 2006, p. 37)

Outra característica de arrernte é que essa língua sempre trata as configurações de espaço como resultado final de uma ação anterior, não como relação topológica estática da CLB. Então, algo como *o anel está no dedo da mulher* é codificado como *o anel foi colocado no dedo* ou recebe a tradução literal *um anel (alguém) colocou no dedo (seu próprio)*.

Já a Construção Locativa Básica na língua yukatek, diferentemente de arrernte, é manifestada por meio de locativo, em três maneiras distintas: 1) usando o predicado existencial, como no exemplo (20); 2) usando uma forma resultante não posicional, como em (21) e (22); 3) ou usando uma forma resultante posicional, como em (23):

- Usando o predicado existencial:

- (20) *le l'uuch-o, ti'=y`aan y-'ook'ol le m`eesa-o' YUKATEK*  
 DEF xícara- LOC=**EXIST** A.3-sobre DE mesa-D2  
 D2<sup>21</sup> (B.3.SG) F

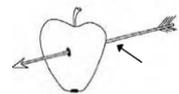


‘A xícara, está lá na mesa.’

(Stolz; Bohnemeyer, 2006, p. 290)

- Usando uma forma resultante não posicional:

- (21) *kruz`aar-nah-a'n le fl`eecha ti' hun-p`'eel m`aansana YUKATEK*  
 [...] **cruzamento-** DEF flecha LOC uma- maçã  
**CMP-** CL.IN  
**RES(B.3.SG)**

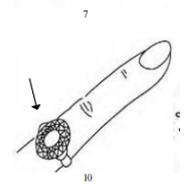


‘[...] a flecha está cruzada em/com uma maçã.’

(Stolz; Bohnemeyer, 2006, p. 290)

<sup>21</sup> Glosa de preferência do autor: 1/2/3 – primeira/segunda/terceira pessoa; A – conjunto de referência cruzada A (> Ergativo =, possuidor); B – conjunto de referência cruzada B (>absolutivo=); CL – classificador; CMP – Completivo; D1 – Proximal; D2 – Distal; DEF – Determinador definido; IN – Inanimado; POS – Posicional; PRV – Perfectivo; REL – Relacional; RES – Resultativo.

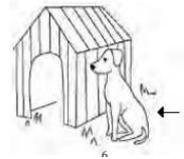
- (22) *le m'aak-o' chen u ts'a'-mah u* YUKATEK  
 DEF homem-D2 apenas A.3 dar/colocar- A.3  
**PRV(B.3.SG)**
- an`iyo t-uy a'l u k'ab b`eey-a'*  
 anel LOC.A.3 prole A.3 braço/mão portanto-D1
- ‘O homem, ele acabou de colocar o anel no dedo.’



(Stolz; Bohnemeyer, 2006, p. 290)

- Usando uma forma resultante posicional:

- (23) *te'l kul-ukbal u p`eek'-il t-u p`aach le nah-o'* YUKATEK  
 lá sentar- A. cachorro- LOC para trás DEF casa-  
**POS.RES** 3 REL -A.3 D.2  
**(B.3.SG)**



‘Lá o cachorro está sentado do lado de fora da casa.’

(Stolz; Bohnemeyer, 2006, p. 290)

Além de apresentarem as formas como a CLB pode ser encontrada na língua yukatek, Stolz e Bohnemeyer (2006) defendem que existe uma implicação no uso dessas estruturas: a construção predicado-existencial, exemplificada em (20), pode ser aplicada a qualquer construção com verbo-resultante, como no exemplo (23), mas o inverso não acontece.

Como demonstram os estudos aqui mencionados, existem maneiras variadas de expressar as CLBs, o que evidencia a riqueza de recursos para a codificação da relação espacial topológica da Figura e do *Ground* na estrutura das línguas naturais.

## 2.6 AS RELAÇÕES ESPACIAIS E AS PARTES DO CORPO HUMANO

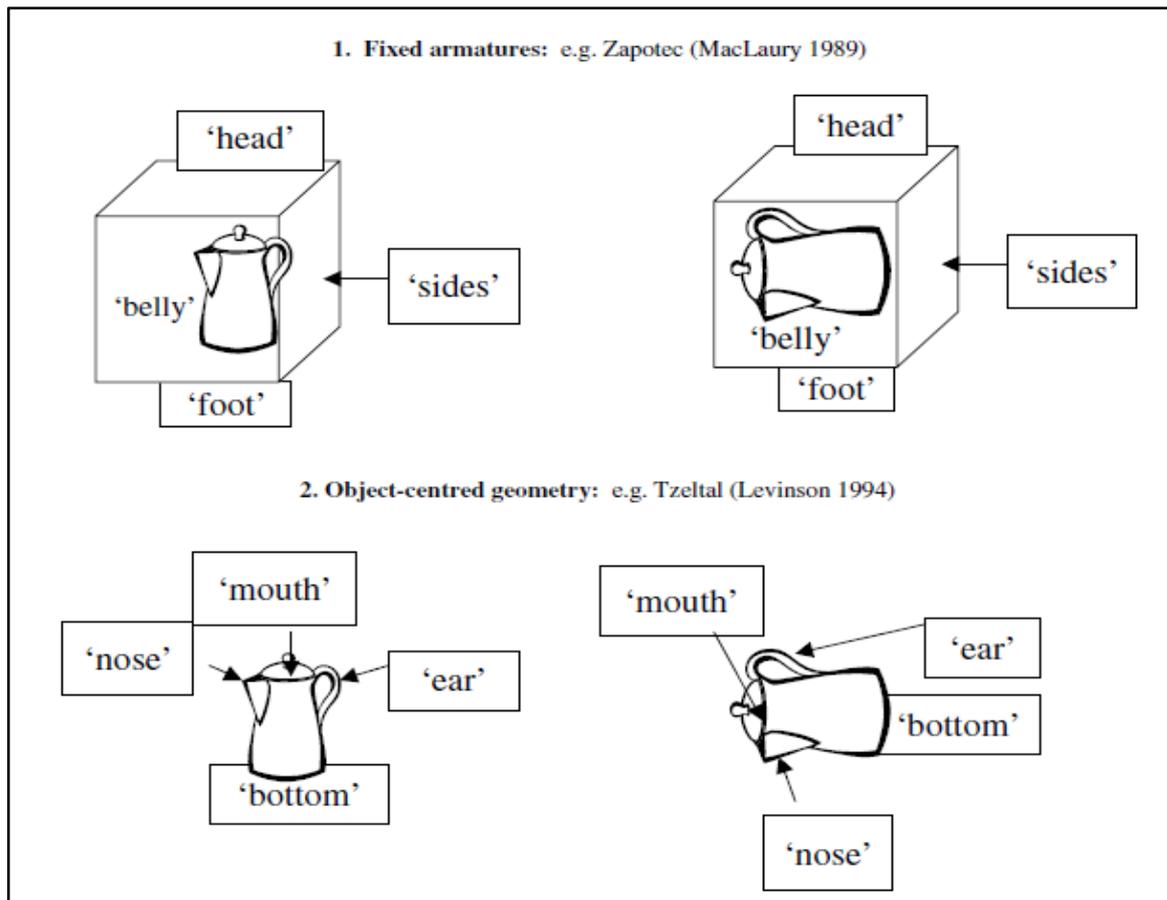
Vários estudos apontam que o corpo humano tem um papel importante a desempenhar na forma como as pessoas entendem e falam sobre as relações espaciais. Na literatura sobre marcadores espaciais, estudos como o de Heine (1989), Heine e Reh (1984),

Bowden (1992), Svorou (1994) e Admiraal (2016) apontam que as origens desses elementos muitas vezes encontram-se na terminologia das partes do corpo e nos marcos ambientais.

De acordo com Cablitz (2006), características de objetos (alça de xícara, perna de uma mesa, tampa de panela) ou a falta delas, os chamados objetos simétricos (bola, televisão), podem desempenhar um papel crucial na escolha de um determinado referencial espacial na língua marquesan (austronésia). A maioria dos nomes para partes de objetos e características intrínsecas deles derivam de termos de partes do corpo. Existem principalmente dois modelos para as fontes lexicais de partes do corpo, os modelos humano e animal. O modelo humano é o preferido em todas as línguas (Bowden, 1992; Heine, 1989; Svorou, 1994); por sua vez, o modelo animal é encontrado nas línguas africanas e mesoamericanas, naquelas culturas que têm contato direto e diário com animais, ou seja, há a possibilidade de fatores culturais influenciarem a expressão de relações espaciais.

Os termos de partes do corpo podem ser usados de três maneiras, para denotar: 1) partes do corpo, 2) partes do objeto e 3) para expressar uma relação espacial entre duas entidades, ou seja, um tipo de locativo. A primeira maneira refere-se ao próprio corpo humano ou animal, ou seja, à parte do corpo literalmente. A parte do corpo, quando se refere a partes do objeto, de acordo com Levinson (2003), pode ser entendida como inerente, apesar de sabermos que muitas vezes isso é culturalmente imposto. O autor traz duas amostras de como as partes do corpo podem ser sistematizadas nas partes do objeto, por meio das armaduras fixas da língua zapotec e da geometria com foco no centro do objeto, da língua tzeltal.

**Figura 16** - Representação do uso de partes do corpo em partes de objetos



Fonte: Levinson (2003, p. 78).

Ao observarmos como a língua zapotec nomeia as partes de seus objetos, percebemos que é usada uma espécie de armadura fixa, em que, quando o objeto gira dentro dessa armadura, suas facetas são renomeadas e a *cabeça* continua na parte superior, assim como as demais posições. Em contraparte, tzeltal possui um sistema diferente de nomeação das partes do objeto, visto que, quando o objeto gira, as suas facetas não necessitam ser renomeadas. Cablitz (2006) considera que esses termos de partes do corpo não denotam apenas partes de objetos, mas também se desenvolveram em locativos, pois podem ser usados para denotar a região *frontal* ou *atrás* de um objeto, ou para localização do objeto, desde que F esteja em contato com G ou parte dele.

Bowden (1992), que baseia seu estudo de línguas oceânicas no trabalho de Heine (1989) sobre línguas africanas, mostra o processo pelo qual as construções morfológicas que envolvem substantivos de *classe aberta* tiveram que passar antes de se tornarem completas adposições de *classe fechada*. Ao analisar os processos de gramaticalização das expressões locativas topológicas (*em, sobre, atrás* etc.) em 104 línguas oceânicas, Bowden (1992)

conclui que as expressões usadas na descrição de relações espaciais quase sempre são derivadas de nomes de parte do corpo humano ou que fazem referência a marcos ambientais, como *terra* e *céu*.

Além disso, de acordo com o autor, foram encontrados, em seus dados, locativos determinados cultural e geograficamente. Assim, Bowden (1992) argumenta que as expressões espaciais não são universais, pois há as motivadas culturalmente, como *casa*, que, dentro do ambiente cercado de oceano, oferece um importante ponto de referência subsidiário em que o sistema de marcação de localização pode ser organizado.

Outro trabalho que mostra elementos culturalmente motivados é o de Heine (1989), que estuda algumas línguas africanas. O linguista afirma que animais quadrúpedes são importantes centros dêiticos culturalmente determinados, mesmo sendo limitadas a grupos étnicos nômades e a sociedades pastoris da África oriental. De acordo com o autor, os modelos de elementos zoomórficos têm como exemplo a relação espacial “em cima”, derivado de “costa”, já que a costa do animal representa o que está em cima dele. Assim também “frente” é derivado de “cabeça” e “atrás” é derivado de “nádega” ou “ânus”. No entanto, Heine (*ibid*) declara que, apesar do sistema de elementos zoomórfico estar presente em algumas línguas, ainda não foi encontrada uma em que o sistema espacial seja baseado somente em características animais.

Bowden (1992, p. 69, tradução nossa) afirma que “A cultura não nos fornece apenas um meio de organizar os locativos universalmente significativos, no entanto. A cultura, juntamente com a geografia, também desempenha um papel na seleção de quais locativos são possíveis candidatos para gramaticalização”<sup>22</sup>. No mesmo estudo, Bowden (*ibid*) traz uma tabela que menciona os domínios de fontes para locativos em línguas oceânicas. Percebemos que 38% desses domínios são relacionados a partes do corpo, 20% estão relacionados a marcos de ambiente (*terra/mar/céu*) e 1% está relacionado a partes do corpo ou a marcos ambientais. Ou seja, quase 50% das expressões espaciais das línguas oceânicas correspondem a partes do corpo ou a marcos ambientais.

Sobre os marcos ambientais, para muitos falantes de línguas não oceânicas, parece estranho esses termos linguísticos serem utilizados como locativos, mas, para falantes de línguas oceânicas, *terra* e *mar* são lexemas motivados. O que provavelmente é expressão locativa periférica em línguas como o inglês ou o português é componente central do sistema

---

<sup>22</sup> *Culture does not just provide us with a means of organising the universally significant locatives, however. Culture, together with geography, also plays a part in the selection of which locatives are possible candidates for grammaticalisation* (Bowden, 1992, p. 69).

locativo em muitas línguas oceânicas. Uma hipótese de Bowden (1992) é que os habitantes dos locais oceânicos personificam toda a ilha, proporcionando assim nomes de partes do corpo humano para os locativos *mar* e *terra*. Além desses dados, o autor detalhou as fontes das partes do corpo dos locativos oceânicos, reproduzida na Tabela 2:

**Tabela 2** - Fontes de partes do corpo de locativos oceânicos

FONTES DE PARTES DO CORPO PARA LOCATIVOS OCEÂNICOS									
FONTES ALVOS	SOBRE	SOB	FRENTE	ATRÁS	DENTRO	FORA	MAR	TERRA	TOTAL
Costa				57			2		59
Face	6		49						55
Cabeça	25								25
Barriga/ Estômago			5		8				13
Dente					12				12
Pés/Pernas		10							10
Seios			8						8
Coração					6				6
Ombro	4			1					5
Fígado					5				5
Entranhas					5				5
Cintura		2		1	1				4
Testa	3		2						5
Língua				1	2				3
Coxa		3							3
Cabelo	3								3
Boca					2				2
Antebraço			2						2
Cordão umbilical					1	1			2
Garganta					2				2
Vulva		1							1
Tronco do corpo					1				1
Perna dianteira			1						1
Nádegas		1							1
Mão direita		1							1
Lábio/Dente			1						1
<b>Total</b>	41	18	68	60	45	1	2	0	235

Fonte: Bowden (1992, p. 36), adaptado pela autora.

Ao observarmos a tabela, percebemos que os termos de partes do corpo mais utilizados nos locativos de línguas oceânicas são *costas* (atrás), *face* (frente, em cima), *cabeça* (em cima), *barriga* e *estômago* (dentro, frente), *dente* (dentro), *pés* e *pernas* (em baixo), *seios* (frente), *coração* (dentro).

O trabalho de Heine e Reh (1984) observa que, quando relacionadas a expressões de localização, as línguas que possuem um sistema de inalienabilidade podem apresentar certo

tipo de promoção do possuidor<sup>23</sup>, limitado aos casos em que o SN possuído denota um corpo inalienável. Os autores exemplificam a partir da língua somali:

(24) *shimbirihii geedka dush-iisa ayuu fuushan yahay* SOMALI

a) pássaros árvore:DEF topo-POSS FOCUS sentado estar

b) *shimbirihii geedka ayuu dul fuushan yahay* SOMALI

pássaros árvore:DEF FOCUS topo sentado estar

‘Os pássaros estão sentados em cima da árvore.’

(Heine; Reh, 1984, p. 55)

O substantivo locativo que forma o Sintagma Nominal Possuído (24a) é retirado da construção genitiva e inserido dentro do grupo verbal (24b). Nesse caso, note que, ao retirar o marcador de posse *-iisa* do exemplo (24a), a ordem dos locativos *dush* ou *dul* ‘topo’ e *ayuu* ‘foco’ em (24b) é inversa.

As partes do corpo apresentam-se na maioria dos trabalhos aos quais tivemos acesso, no que diz respeito a expressões de localização. Já nas primeiras impressões do wapixana, observamos referências de localização utilizando partes de corpo nos casos relacionados ao sistema de posse inalienável, apresentando mudanças nas formas e nas ordens linguísticas.

Iremos abordar com mais precisão, no capítulo 3, as principais características linguísticas da língua wapixana tais como a filiação genética e tipológica, a marcação morfológica, o alinhamento da língua, além de um esboço gramatical das principais classes de palavras presentes na codificação espacial da língua, como as posposições, os demonstrativos, o verbo existencial, os verbos de posições e de posturas.

<sup>23</sup> De acordo com Heine e Reh (1984, p. 54), “a promoção do possuidor pode ser considerada como uma instância especial de atração verbal. Tem o efeito de transferir um constituinte nominal (ou seja, um NP possuidor) do padrão de valência de um substantivo para o de um verbo, ou seja, normalmente envolve a seguinte mudança sintática”:

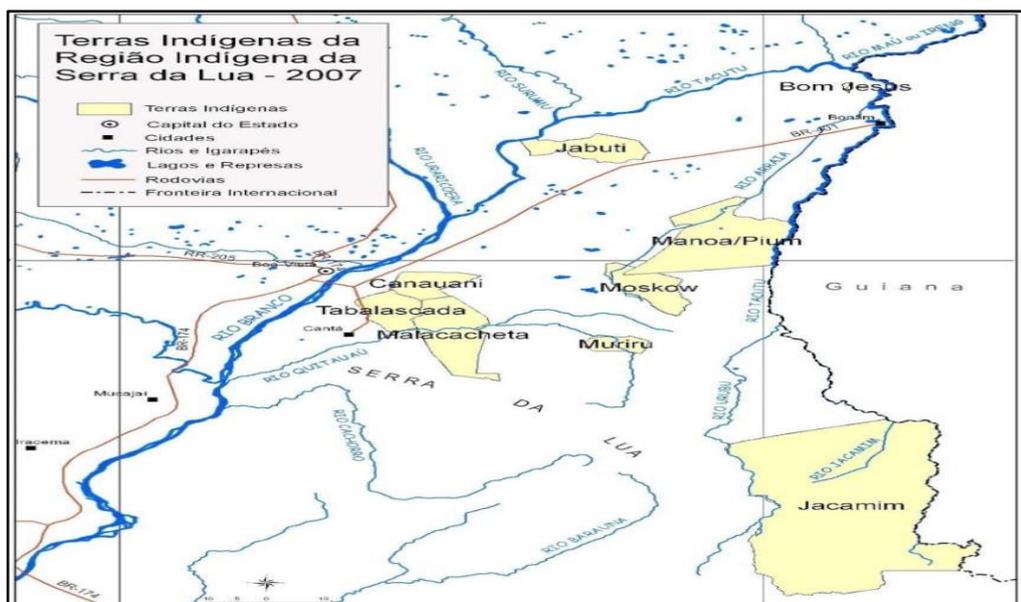
### 3 LÍNGUA WAPIXANA

#### 3.1 QUEM SÃO E ONDE MORAM OS WAPIXANA?

No estado de Roraima, *locus* da presente pesquisa, há 32 terras indígenas regularizadas, nas quais vivem nove etnias: ingarikó, macuxi, patamona, taurepang, waimiri atroari, wai wai, wapixana, yanomami e ye'kwana. De acordo com Machado e Buenafuente (2020), os territórios macuxi e wapixana estão sobrepostos (em alguns casos), mas a população é majoritariamente macuxi nas regiões das serras (Uiramutã), da Raposa e Baixo Cotingo (Normandia), Surumu (Pacaraima), São Marcos e Amajari (Pacaraima e Amajari).

De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), o povo wapixana possui cerca de seis mil indígenas no Brasil e sete mil na Guiana, constituindo-se na maior população da família aruák no norte-amazônico (ISA, 2022). O território dos wapixana é chamado de Serra da Lua e estende-se geograficamente do Rio Uraricoera (Brasil) até o Rio Rupununi (Guiana), abrangendo os municípios de Cantá e Bonfim. As terras indígenas onde os Wapixana são encontrados são: Malacacheta, Canauani, Moscow, Muriru, Manoá/Pium, Jacamim, Jabuti e Tabalascada (Machado, 2022).

**Figura 17** - Mapa das Terras Indígenas da região de Serra da Lua



Fonte: INPE (2007) e FUNAI (2007).

Na região da Serra da Lua, composta por nove terras indígenas, como percebemos no mapa apresentado na Figura 17. Há falantes das línguas wapixana e atroari, pertencentes ao tronco linguístico aruák (Machado; Buenafuente, 2020). Ou seja, as comunidades onde esses indígenas convivem são mistas e geralmente compostas pelas etnias macuxi (karib) e wapixana<sup>24</sup>.

É notória a escassez de registros oficiais sobre a história dos povos indígenas do estado de Roraima, muitas vezes, não é possível encontrar informações sobre nomes, costumes e grupos linguísticos (Santos, 2010). Essa situação provavelmente se deve às autoridades da época da colonização, à visão colonizadora e aos dogmas da igreja católica, que não permitia tecer comentários sobre culturas “inferiores”, “não racionais” e “pecaminosas” (Cirino, 2008, p. 107). De acordo com Pinho (2021), apesar do pouco conhecimento sobre a história dos wapixana, sabe-se que esses indígenas sofreram inúmeras repressões linguístico-culturais promovidas pelos não indígenas, além de abusos e de explorações decorrentes de interesses políticos, financeiros e religiosos.

Cirino (2008) explica que a relação de poder exercida pela igreja católica sobre a etnia wapixana influenciou diretamente na vida desse povo e, por conseguinte, na vida de seus descendentes, principalmente em relação à cultura e à língua. Para o autor, “se a língua era um instrumento de organização de mundo, mudar rapidamente de língua implica numa perda de referências culturais indispensáveis ao equilíbrio cultural” (Cirino, 2008, p. 196). Farage (1997, p. 58) afirma que o aspecto mais grave desse processo histórico pode ser a perda do domínio da língua, já que “a fala articulada é, aos olhos dos Wapishana<sup>25</sup> [sic], o que os faz humanos”.

### 3.2 ESTADO ATUAL DA LÍNGUA WAPIXANA

De acordo com Pinho (2021), em relação às línguas faladas no estado de Roraima, é necessário dedicar maior atenção àquelas cuja frequência de uso diminui à medida que seus falantes utilizam mais o português, comprometendo o futuro linguístico e cultural das etnias, pois é bastante comum perceber que os wapixana que habitam as proximidades dos centros

<sup>24</sup> É importante mencionar que é muito comum os povos indígenas de diferentes etnias se deslocarem de suas comunidades para a capital Boa Vista, então é muito fácil encontrarmos wapixana morando em vários bairros da cidade.

<sup>25</sup> Existem várias grafias para denominar o povo wapixana, como Wapishana, Wapichana e a forma a qual adotamos: “wapixana”.

urbanos convivem com uma situação de bilinguismo passivo, envolvendo o português e o wapixana, com uma crescente predominância da língua portuguesa, especialmente entre as gerações mais jovens. Por outro lado, entre aqueles que vivem em comunidades mais distantes, geralmente a língua materna se mantém numa situação quase plena de monolinguísmo da língua wapixana<sup>26</sup> (ISA, 2022).

Com o intuito de fortalecer o uso das línguas macuxi e wapixana, foram criadas, por volta dos anos 1980, políticas de preservação, como a implantação do ensino dessas línguas nativas como segunda língua nas escolas indígenas do estado de Roraima. Entretanto, Cirino (2008) afirma que os resultados não foram como esperado, pois os mais jovens não utilizam suas línguas nativas em situações comunicativas que não seja no ambiente escolar<sup>27</sup>. Além disso, ainda hoje não há cursos superiores de ensino de línguas indígenas nas universidades do estado de Roraima. Com isso, muitas vezes o ensino das línguas indígenas, tal qual é feito em diversas escolas, pode contribuir para que o aluno compreenda a língua de forma equivocada. Isso porque possivelmente não haverá profundidade teórica necessária para escolhas metodológicas adequadas ao ensino e aprendizagem da língua indígena.

Uma pesquisa importante para o ensino de língua foi a de Leandro (2017), pois teve como objetivo avaliar a língua dominante e o grau de proficiência de crianças wapixana com faixa etária entre 5 a 8 anos em escolas indígenas. A autora destaca que as crianças wapixana compreendem a língua com mais facilidade do que a produzem, demonstrando uma situação de bilinguismo passivo. A autora acredita que esse resultado é influenciado pela desvalorização da língua dentro do ambiente escolar, bem como pelo pouco uso no cotidiano dos falantes. A pesquisadora afirma ainda que a não utilização ou a utilização limitada da língua wapixana fora do contexto escolar se deve ao fato de as crianças terem “conhecimento insuficiente para fazer uma excelente produção em wapixana”, resultando, possivelmente, na “vergonha de mostrar que sabem falar a língua” (Leandro, 2017, p. 69).

Em 2014 e 2015, foram sancionadas, respectivamente, a Lei 211/2014, no município de Bonfim, e a Lei 281/2015, no município do Cantá, responsáveis pela co-oficialização, nesses municípios, das línguas wapixana e macuxi. Embora esses pequenos passos de fato colaborem para o reconhecimento das línguas indígenas de forma jurídica, sabe-se que não é apenas a criação de uma lei de co-oficialização que permite o avanço de uma língua, mas,

---

<sup>26</sup> São pouquíssimas as comunidades monolíngues wapixana. Mesmo nas mais distantes, se observa a predominância do português, pelo menos do lado do Brasil.

<sup>27</sup> Muitas vezes, nem mesmo no ambiente escolar, pois as aulas de língua têm a carga horária de língua estrangeira e as atividades na língua se restringem a aspectos bem restritos de comunicação, tendo foco no vocabulário.

sim, a efetivação do uso no dia a dia dos falantes que fazem parte das comunidades, como afirmam Cirino (2008) e Leandro (2017).

Além de leis que permitem o acesso, o uso e o ensino de línguas indígenas, as pesquisas científicas que descrevem e analisam essas línguas servem como recursos para a produção de materiais didáticos voltados ao ensino e à aprendizagem da língua nativa, incentivando e impulsionando a sua revitalização.

### 3.3 OS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA WAPIXANA

A história de trabalhos relacionados à língua wapixana começou por volta dos anos 1900. A maioria dessas investigações eram de cunho mais amplo e vago em relação ao sistema linguístico. O primeiro estudo de que temos conhecimento é o de Farabee (1918), chamado *The Central Arawaks*. Esse produto mostra relatos abrangentes de povos indígenas, com registros que detalham a vida diária, mostrando uma visão das culturas, histórias, estruturas sociais, cosmologias e alguns aspectos superficiais da língua (fonológico, morfológico e sintático).

Já o segundo trabalho, *Uapixana: Vocabulário e modo de falar dos uapixanas*, de Carvalho (1936), é um trabalho mais voltado para a língua. Entretanto, traz apenas uma série de palavras em wapixana, ou seja, basicamente não é um trabalho linguístico, mas o início do interesse em conhecer mais sobre o léxico da língua wapixana.

Nos anos 1970, surgem trabalhos mais específicos sobre características linguísticas do wapixana. Em seu artigo intitulado *Wapishana fonology*, Tracy (1972) traz uma análise fonológica introdutória do wapixana, das vogais longas e nasais, dos padrões silábicos, dos tipos de núcleo, do acento da palavra, da entonação frasal e dos processos fonológicos de assimilação, palatalização, harmonia vocálica, nasalização, apagamento e epêntese. Esse estudo efetivamente é a base para os primeiros trabalhos em linguística. A partir dele, é possível perceber uma análise mais específica e fonológica da língua em questão, o que pôde ser confirmado em pesquisas posteriores.

Em outro trabalho sobre a língua wapixana, *An introduction to wapishana verb morphology* (Tracy, 1974), a autora focou nos aspectos relevantes da morfologia verbal, nominal e dos adjetivos. Em wapixana, muitas vezes, as raízes verbais são compostas por nomes e Tracy reconhece a relevância de se entender a morfologia nominal também, além de algumas características da sintaxe da língua. Assim, a pesquisadora foi a primeira linguista

que manifestou interesse e mostrou algumas possibilidades de análise da morfologia wapixana.

Nos anos 1980, Franchetto (1988) realizou um levantamento sociolinguístico nas comunidades Napoleão (macuxi) e Tabalascada (wapixana), que serviria como subsídio para o encaminhamento da primeira fase do Projeto Experimental de Ação Integrada para Educação Pré-Escolar de Crianças Indígenas. Para os wapixana, esse projeto iniciou-se com o objetivo de uniformizar a ortografia; no entanto, gerou frutos ainda maiores, como a criação do primeiro dicionário português-wapixana (Cadete, 1990), construído por vários professores indígenas que participaram do projeto, assessorados por Franchetto.

O segundo dicionário do wapixana, *Paradakary ududnaa: Wapichana-Português/Português-Wapichana*, organizado por Silva, Silva e Oliveira (2013), foi apenas uma revisão do primeiro. Apesar de os dois dicionários serem pouco informativos no que diz respeito aos aspectos linguísticos do wapixana, eles surgiram a partir da necessidade que os indígenas sentiram de preservar sua língua, a fim de contribuir para o trabalho docente e auxiliar pesquisadores e aprendizes da língua.

Entre os anos 1990 e 2000, Santos, um pesquisador que se destaca na descrição linguística do wapixana por diversas publicações sobre vários fenômenos linguísticos, publica seu primeiro trabalho, sua dissertação de mestrado, intitulada *Os sons e a sílaba da língua Wapichana – uma perspectiva não-linear*, que traz informações sobre os segmentos sonoros e a sílaba wapixana. Nesse estudo, o autor analisa o funcionamento dos membros componentes da camada segmental e silábica da língua wapixana. Como resultado, ele afirma que há distinções em algumas categorias de segmentos entre o wapixana falado no Brasil e aquele falado na Guiana, mas que a estrutura silábica é idêntica em ambos, portanto, as diferenças são consideradas superficiais (Santos, 1995).

Santos (2003) segue publicando estudos sobre a língua em questão, com a obra intitulada *Onde há fumaça há fogo: resquícios de classificadores em Wapichana – os classificadores, numeral, genitivo, de concordância e demonstrativo em Wapichana*. Dessa vez, o autor afirma que o wapixana possui classificadores, traço tipologicamente comum em línguas da família aruák. Além de provar que essa classe de palavras existe na língua em questão, Santos, baseado nas noções de termos de Derbyshire e Payne (1990) e Aikhenvald (1994, 2000), conclui que, em wapixana, há classificadores do tipo numeral (que envolvem o número *um*), genitivo (restringe-se a poucos casos de afixos classificadores que tendem a se tornar itens lexicais livres), de concordância (concordância genérica, em que alguns núcleos

nominais têm seu gênero revelado por afixos verbais ou por demonstrativos) e demonstrativo (apresenta as distinções entre humano/não humano e animado/inanimado).

Dando continuidade à sua produção, Santos (2005) divulgou seu terceiro trabalho sobre o sistema linguístico wapixana, intitulado *Considerações sobre a Posse Nominal em Wapichana*. Esse trabalho é baseado nos conceitos de Nichols (1986-1988) e traz informações sobre a análise tipológica da posse nominal em wapixana, que demonstra distinguir posse alienável de inalienável. O referido estudo evidencia que a língua wapixana tem um padrão núcleo-marcado, distinguindo posse alienável (marcada por sufixo) e posse inalienável (não marcada).

Em 2006, Santos publicou seu quarto trabalho sobre a língua wapixana, sua tese de doutorado, *Uma gramática do Wapixana (Aruák)*. A gramática do autor realiza um apanhado geral e mais detalhado da língua wapixana, destacando aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe. Santos declara que suas conclusões acerca da língua não são definitivas, mas que seu trabalho pode ser utilizado como ponto de partida para outros estudos mais específicos sobre os fenômenos linguísticos, o que de fato aconteceu, pois suas análises serviram, e ainda servem, de embasamento para trabalhos linguísticos que procuraram se aprofundar em alguns assuntos como negação, ordem dos constituintes, ordem dos adjetivos, posposições e distinção entre contável e massivo.

Carneiro em 2007 publica sua dissertação, intitulada *A morada dos wapixana: Atlas toponímico da região indígena Serra da Lua-RR*. A pesquisa volta-se para a lexicografia, mais propriamente para a toponímia, estudo de nomes próprios de lugares. Em seu trabalho, o autor analisou o nome de 17 comunidades pertencentes a nove terras indígenas. Como resultado, ele afirma que a maioria dos topônimos da Região Serra da Lua são zootopônimos e fitotopônimos, ou seja, são nomes motivados por animais e plantas da região. Além disso, o autor percebeu que, entre os nomes dados aos locais, em alguns casos, os wapixana se baseiam em seres míticos relativos às lendas do próprio povo.

Já em 2014, Lanes publica um artigo sobre a ordem de palavras na língua wapixana. Ele chama atenção para a aparente falta de coerência textual do wapixana, sugerindo uma possível influência da língua portuguesa sobre a língua indígena como fator motivador dessa organização linguística, já que a ordem mais recorrente dos elementos básicos das sentenças da língua aruák analisada é SVO (sujeito-verbo-objeto).

Em 2015, Santos volta a publicar um estudo sobre o wapixana, o artigo *Termos de classe em Wapixana (Aruák)*, no qual afirma que o sistema de classificação nominal dessa língua possui termos de classe. Para o autor, uma parte dos nomes inalienáveis exibe uma

função classificatória especial (constituindo-se de forma presa), os classificadores ocorrem em construções morfossintáticas específicas (podem assumir formas presas ou livres) e classes de nomes-gênero restringem-se à oposição entre masculino/feminino, marcada por dois pares de afixos opositivos distintos (dependendo se o nome é alienável ou inalienável).

Sanchez-Mendes (2016) publicou um estudo acerca da distinção contável-massivo em wapixana, no qual argumenta que as análises de Santos (2003, 2015) estão equivocadas. Nesse trabalho, a autora afirma que as descrições de Santos (2003, 2015) são contrárias às propostas universalistas, visto que apontam que o sistema linguístico do wapixana apresenta tanto marcas de número quanto de classificadores numerais. Para a pesquisadora, embasada em Chierchia (2010) e Doetjes (2012), as línguas são tipologicamente divididas em: a) línguas com marca morfológica de número; b) línguas com classificadores numerais; e c) línguas que não possuem nem morfemas de número nem classificadores, ou seja, línguas de número neutro. Sanchez-Mendes (2016) conclui, mediante a revisão de definição de classificadores da língua wapixana, que marcas de números são, na verdade, termos de classe utilizados na formação de numerais.

Ainda abordando esse mesmo tema, Giovannetti e Vicente (2016) publicam o artigo *On the count/mass distinction: aspects of the quantifier system of Wapishana*, em que afirmam que o wapixana não é uma língua com marcas de número e que se comporta como uma língua de número neutro.

Outra colaboração de Giovannetti, dessa vez em coautoria com Basso (2016), diz respeito à negação na língua wapixana. No estudo, os autores analisam a negação simples e os diversos aspectos da negação pressuposicional, prosseguindo com as investigações sobre o referido fenômeno.

No mesmo período, Nunes (2016) publicou sua dissertação, *A ordem do adjetivo no sintagma nominal em Wapixana*, pesquisa em que analisa o uso do adjetivo no sintagma nominal, afirmando que ele é flexível, podendo ser encontrado tanto antes como depois do substantivo núcleo. De acordo com a autora, a ordem preferencial, não marcada, é a posposição, contudo, o uso de qualquer uma das ordens não implica diferentes leituras.

A dissertação de Almeida (2017), *Aspectos sintáticos das posposições em wapixana (aruák)*, traz uma investigação acerca da sintaxe das posposições em wapixana. Esse estudo afirma que as posposições dessa língua possuem função fortemente lexical, já que apresentam grande ocorrência nas sentenças como núcleo de sintagmas adjuntos, atribuindo, além de caso gramatical, papéis temáticos ao sintagma determinante complemento.

Edney Santos (2019) publicou um *e-book* chamado *Produção de livros digitais (e-books) como ferramenta de apoio no ensino e na divulgação da língua Wapichana em Roraima*, que, como o próprio título diz, trata sobre as produções científicas de apoio ao ensino da língua wapixana. O recurso desenvolvido pelo autor é um livro digital com áudio, criado a partir de textos e áudios retirados do programa de rádio *Watuminhap Wapichanda'y* ‘Vamos aprender wapixana’, da emissora FM Monte Roraima. O produto apresenta ícones que, quando clicados, têm a função de executar os sons da língua wapixana para que o aprendiz escute e tente reproduzi-los, acompanhando o texto disponível.

Ainda em 2019, Pinho publica sua dissertação de mestrado, *Aspectos da negação morfológica na língua wapixana: o privativo ma-*, que, em 2021, deu origem ao artigo *O privativo ma- na língua wapixana*. O estudo tipológico-funcional analisa o morfema privativo *ma-* na língua wapixana, comparando-o a outras línguas aruák, nas quais o mesmo privativo exerce algumas funções similares. A autora afirma que, além de função privativa na morfologia wapixana, *ma-* também exerce função sintática de negação. Percebe ainda que o morfema em questão, juntamente com os morfemas sufixais *-chi* e *-’u*, exerce níveis de privação distintos: *ma-daku-chi* ‘sem dente’ indica semanticamente, para os wapixana, uma pessoa sem dente de forma permanente (sem possibilidade de nascer novos dentes, como uma pessoa idosa), enquanto *ma-daku-u* ‘sem dente’ indica uma pessoa sem dente com possibilidade de nascer dentes, como um bebê, por exemplo.

Em 2022, houve a divulgação do estudo chamado *Introduction of a Wapishana–English Bilingual Education Programme: An Evaluation of the Early Stages*. O trabalho foi realizado por Gomes (2022), o qual teve como objetivo avaliar os processos de uma escolarização baseada na língua materna, além de práticas existentes que parecem promover a biliteratura, o bilinguismo, e o interculturalismo a partir da língua wapixana do lado da Guiana. O autor esclarece que a educação bilíngue é também intercultural, além de afirmar que o ensino explícito de temas culturais e sociais indígenas em um ambiente formal de educação pode ampliar a importância dessas temáticas em um nível comunitário.

A partir desse apanhado de publicações, observamos que o número de pesquisadores que se debruçam sobre o wapixana tem aumentado ao longo dos anos. Isso evidencia o considerável crescimento de interesse pela língua, o que nos possibilita a construção de uma visão geral dos seus múltiplos aspectos e, principalmente, contribuindo como base para estudos como este.

Os trabalhos que mais contribuíram para o estudo da codificação do espaço na língua wapixana foram os estudos de Santos (2006, 2015), que trouxeram noções e discussões sobre

o verbo existencial, os demonstrativos, as posposições e os termos de classe, o que nos possibilitou perceber as características e manifestação dessas classes na língua. Outro estudo que nos possibilitou entender melhor o uso das posposições foi o de Almeida (2017), que trouxe as funções dessa classe na sintaxe. Nem todas as posposições tiveram funções espaciais. Destas, algumas tiveram papéis temáticos confirmados nesta pesquisa e outras, possivelmente, são especificamente relacionadas à decodificação do espaço. Todavia, apesar de haver um grande avanço no que diz respeito aos estudos sobre as relações espaciais na língua wapixana, nada é tão estável quanto aparenta ser, especialmente quando se trata de uma língua indígena cujos fenômenos ainda foram pouco discutidos.

### 3.4 FILIAÇÃO GENÉTICA E TIPOLOGIA DA LÍNGUA WAPIXANA – ARUÁK

A língua wapixana é considerada por Rodrigues (1986) como pertencente à família aruák. Payne (1991, p. 489) traz a classificação da família aruák, da qual a língua wapixana faz parte.

**Figura 18** - Filiação genética da língua wapixana

Western  
   Amuesha  
   Chamicuro  
 Central  
   Parecis  
   Waurá  
 Southern  
   Bolivia-Parana  
     Terena  
     Bauré  
     Ignaciano  
   Purus  
     Piro  
     Apurinã  
   Campa  
     Machiguenga  
     Ashéninca  
 Eastern  
   Palicur  
 Northern  
   **Wapixana**  
   Caribbean  
     Garífuna  
     TA-Arawakan  
     Lokono  
     Guajiro  
 Inland  
   North-Amazon  
     Resigaro  
     Rio Negro  
       Achagua  
       Cabiyari  
       Curripaco  
       Piapoco  
       Tariano  
       Yucuna  
   Yavitero

**Fonte:** Payne (1991, p.489).

Ao observarmos a classificação de Payne (1991), o autor divide as línguas da família aruák em cinco grupos: oeste, central, sul, leste e norte. O grupo ao qual pertence a língua wapixana é o norte, juntamente com as línguas caribe, garífuna, lokono e guajiro. Apesar de haver algumas diferenças de divisões das línguas dessa família, assim como a divisão

proposta por Aikhenvald (1999), a qual separa as línguas em dois grupos (norte e sul-sudoeste), a língua wapixana continua pertencendo ao grupo norte-aruaák, juntamente com a língua mawayana no subgrupo Rio Branco e línguas dos subgrupos Palikur (Palikur); Caribe (Garífuna, Lokono, Guajiro, Añun); Norte-Amazônicas (Yucuna, Achagua, Piapoco, Cabiayari, Baniwa of Içana, Kaijána, Bahwana).

A maioria dos pesquisadores da língua wapixana, como Santos (2006), Lanes (2014), Nunes (2016), Almeida (2017) e Pinho (2021), concorda quanto às características tipológicas da morfologia da língua ao afirmar que ela é polissintética, pois apresenta possibilidade de mais de uma raiz na palavra, além de grande quantidade de morfemas junto ao verbo. Aikhenvald (1994) declara que as línguas da família aruaák apresentam propriedades de línguas aglutinantes e polissintéticas e que algumas características gramaticais, como os prefixos nominais de primeira pessoa do singular *nu-* ou *-ta*, o morfema *pi-* (que se refere à segunda pessoa do singular), o prefixo *ka-* (que codifica oração relativa ou atributiva como “ter”) e *etc.*, são compartilhadas por essa família, podendo facilmente ser reconhecidas.

Dessa forma, assumindo a língua como polissintética, observamos que há preferência clara por sufixos, tanto nos verbos quanto nos nomes. Todavia, há também a ocorrência de prefixos, mas não com a mesma frequência. De acordo com Givon (1984, p. 34), “as formas presas possuem tendência a serem ligadas aos verbos (ocorrendo como pronomes-sujeito ou objetos) ou aos nomes (ocorrendo como pronomes possessivos)”. Segundo Payne (1987), um padrão em línguas aruaák é a posse nominal por meio de prefixos pronominais, tanto que o autor propõe os proto-prefixos possessivos, correspondentes ao conjunto de línguas proto-aruaák, como os prefixos *nu-* e *pi-*<sup>28</sup>, primeira e segunda pessoa do singular, respectivamente. Além disso, os prefixos são pronominais e ocorrem como possuidores nos Ns e argumentos em Vs. De acordo com Santos (2006, p. 159), “o sistema de morfemas marcadores de pessoa em wapixana compreende uma série de prefixos que cruzam referência com o argumento sujeito, se este estiver presente, e uma série de sufixos que cruzam referência com o argumento objeto direto, se este estiver presente”. O autor expõe também que as classes/categorias da língua wapixana que possuem sistema aberto são os nomes, verbos, adjetivo e advérbio.

Em relação à marcação morfológica do sintagma nominal da língua wapixana, não há padrão predominante quando se trata de posse pronominal. A marcação pode ser feita por meio de morfemas pronominais livres ou também mediante morfemas presos, os prefixos

---

<sup>28</sup> Em wapixana, temos os prefixos *un-* e *py-*, primeira e segunda pessoa do singular, respectivamente.

pronominais presos, como em (26), são reduções das formas pronominais livres, como em (25). Aparentemente, ambos são usados com a mesma frequência.

No exemplo (25), é usado o pronome 1SG como forma livre *ungary*. O sistema de posse é marcado pela ordem, GEN (pronome livre)- N (possuído), portanto, marcação zero. Quando usado o prefixo, a forma presa *un-*, como no exemplo (26), temos marcação no núcleo, *head marking*, pois o nome possuído (núcleo) está sendo marcado.

- (25) *kaziwe- 'u ungary kuduru mynymyn*<sup>29</sup>  
 dor-ADJR 1SG joelho Ontem  
 ‘Ontem meu joelho estava doendo’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 55)

- (26) *kuwaipyd chia-n un -kawarun*  
 tapium ferrar-VR 1SG -cavalo  
 ‘O tapium (espécie de caba- abelha) ferrou o meu cavalo’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 62)

Outra maneira de marcar posse na língua wapixana é por meio de anáfora. A forma *pa* pode ser livre, como em (27), sendo então marcação zero, e, em (28), em forma de prefixo, há marcação no núcleo, como podemos perceber nos exemplos abaixo:

- (27) *u ikud nii pa daru dynap ii*  
 3SG.F encontrar ANF mãe caminho POSP  
 NPRS  
 ‘Ela encontrou sua mãe no caminho.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 165)

- (28) *yryy pixiku-d-a-n pa -ximek*  
 3SG.M desatar-VR-EP-MI ANF -rede  
 ‘Ele desatou sua rede.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 82)

Sobre a marcação de posse lexical, a língua wapixana tem várias maneiras de indicar o possuidor. Uma delas, referente ao sistema alienável (Santos, 2005), é a marcação de

<sup>29</sup> Todas as glosas dos exemplos apresentados e retirados do dicionário wapichana-português foram realizadas pela autora.

núcleo, em que o nome possuído leva o sufixo de posse *-n*<sup>30</sup>, assim como podemos observar em *duzun* ‘nádega’, no exemplo (29).

- (29) *zynaba duzu -n ydary-’u*  
mulher nádega- POSS grande-ADJR  
‘A nádega da mulher é grande.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 41)

Outro tipo de marcação morfológica que acontece nessa língua é a do exemplo (30), referente a não marcação morfológica do termo possuído *awaa’y* ‘mandíbula’. Nesse caso, catalogamos essa sentença como marcação zero, já que o item possuidor *kudui* ‘anta’ não detém marca de genitivo ou de posse em *awaa’y*. Sendo assim, preferimos marcar como zero, já que a ordem define o possuidor e o possuído.

- (30) *ungary ikud nii kudui awaa’y kanuku ii*  
1SG achar NPRS anta mandíbula mato POSP  
‘Achei uma mandíbula de anta no mato.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 193)

Além das formas apresentadas acima, aparentemente o wapixana possui palavras que necessitam de marcação de possuído ou não possuído, pois há sistema inalienável. Santos (2005, p. 543) afirma que “os nomes inalienáveis do wapichana fazem referência a partes do corpo, a termos de parentesco e a alguns objetos culturais”, assim como em (31) e (32).

Observamos que o exemplo (31), por conter o nome *dyna* ‘carne’ (parte do corpo), é considerado pelos wapixana como alienável. Nesse caso, necessita de um sufixo *-i* que indica *não possuído*. Na verdade, o sufixo de não possuído indica uma quebra da situação de posse inalienável de uma parte do corpo. Aqui, a carne ficou separada do bicho do qual fazia parte e a marcação indica isso. Na língua wapixana, Santos (2005) afirma que, quando há nomes alienáveis e a construção é de posse, como é o caso do exemplo (32), há ausência de um sufixo marcador de posse, pois já é apresentado o possuidor, no caso, *bakyry* ‘caititu’.

<sup>30</sup> De acordo com Patte (2000), esse sufixo também é encontrado na língua lokono-aruák, apresentando a função de indicar um possuidor, assim como no exemplo (29) da língua wapixana, além de mais duas funções (indicar um lugar e indicar um evento predominante).

- (31) *arimeraka saku-t-a-n dyna- i*  
 cachorro levar-VR-EP-MI carne-NPOSS  
 ‘O cachorro leva a carne na boca.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 90)

- (32) *wa aru-a-p<sup>31</sup> bakyry dyna- a da’y*  
 1PL veado-EP-CONT caititu carne-POSS POSP  
 ‘Vamos comer carne de caititu?’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 142)

Por fim, em termos de considerações sobre a marcação morfológica de posse no sintagma nominal, temos os seguintes resultados: a) em relação aos pronomes, não há como definir a preferência, já que é recorrente, em mesma proporção entre a marcação zero (com justaposição do possuidor e possuído) e a marcação prefixal do possuidor no núcleo; b) em relação à posse lexical, apesar de a língua wapixana apresentar também marcação zero, ocorre com mais evidência a marcação no núcleo por um sufixo pronominal de posse.

### 3.4.1 Marcação morfológica no sintagma verbal

A marcação morfológica no sintagma verbal da língua wapixana funciona de maneira mais simples do que no sintagma nominal. Nesse sentido, temos marcação zero, como podemos observar em (33), e marcação núcleo, assim como em (34).

- (33) *wyrada aru-t nii kudui tabay*  
 jabuti veado-VR NPRS anta perna  
 ‘O jabuti mordeu a perna da anta.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 199)

---

<sup>31</sup> A palavra *aruap* ‘comer’ é constituída pelo radical *veado*. Geralmente, na língua wapixana, palavras que se ligam ao significado de comer possuem a raiz *aru* ‘veado’, como *aru-t-a-n* ‘morder’ (veado-VR-EP-MI) e *aru-a-p-kizei* ‘mesa’ (veado-EP-CONT-?). Essa característica é comum nas línguas da família aruák, como no apurinã (Freitas; Fagundes, 2018) e no paresi-haliti (Brandão, 2016).



- (36) *pidian* (A) *byzya-n* *pa-dupau*  
 pessoa desmanchar-MI ANF-jamaxim  
 ‘A pessoa desmanchou seu jamaxim.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 31)

- (37) *kanaymyy* *buwa-n* *pidian* (P)  
 canaimé apedrejar-MI pessoa  
 ‘O canaimé<sup>32</sup> apedrejou alguém.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 31)

A partir desses exemplos, percebemos a não diferenciação do objeto da transitiva *yryy* ‘3SG.M’, em (40), ao comparar aos sujeitos *yryy* da oração intransitiva (38) e da oração transitiva (39). Isso confirma que tanto em pronomes como nomes não há mudanças morfológicas para indicar o alinhamento nominativo acusativo, pois a mesma forma é também encontrada no objeto.

- (38) *yryy* (S) *kaawa-n* *wyn* *dun*  
 3SG.M chegar-MI água durante  
 ‘Ele chegou durante o inverno.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 40)

- (39) *yryy* (A) *tykap* *nii* *atury* *mauka-n*  
 3SG.M ver NPRS jacaré morrer-MI  
 ‘Ele viu o jacaré morrer.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 70)

- (40) *ungary* *zaidy-p-a-n* *yryy* (P)  
 1SG esperar-CONT-EP-MI 3SG.M  
 ‘Estou esperando ele.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 204)

Em resumo, por meio dos dados expostos neste trabalho observamos que a tipologia morfológica da língua wapixana é assim estruturada: a) quando se trata de possuidores ou

<sup>32</sup> Canaimé é uma figura de algumas culturas indígenas de Roraima que a utilizam para designar em suas lendas, um índio que faz maldades a outros índios.

argumentos em forma lexical, a marcação morfológica possui preferência pela marcação de núcleo no SN e SV, apesar de haver bastante ocorrência da marcação zero em ambos os sintagmas; b) a respeito do alinhamento da língua wapixana, percebemos que o objeto da oração transitiva (P) e seu sujeito (A), assim como na oração intransitiva (S), apresentam-se sem marcações morfológicas para diferenciá-los. Logo, concordamos com Santos (2006) ao classificar a língua como nominativa-acusativa indicada por ordem.

### 3.5 ESBOÇO GRAMATICAL

Como já foi discutido na seção 2.5, no decorrer dos estudos sobre o espaço, percebeu-se que as informações espaciais eram distribuídas em toda a frase e em diversas classes de palavras, como caso, demonstrativos, determinantes, advérbios nominais, nominais espaciais e relacionais, adposições e verbos locativos, evidenciando uma maior complexidade na codificação do espaço. Apesar de as informações espaciais poderem ser codificadas em várias classes de palavras, a adposição é a classe que consegue expressar uma maior variedade de informações quanto ao espaço.

Levinson e Wilkins (2006) alertam ainda para o fato de o conteúdo semântico dos elementos envolvidos na marcação de relações espaciais não ser tão previsível, pois as informações espaciais são muito específicas de cada língua e podem refletir as preocupações culturais dos povos. Dessa forma, discutimos abaixo as classes gramaticais da língua wapixana que codificam noções de espaço e como elas se manifestam no funcionamento da língua.

#### 3.5.1 Posposições

Entendendo adposição como elemento que antecede ou sucede um nome, pronome, sintagma nominal ou oração que funciona como SN (Rosa, 2013), têm-se a preposição (antecedente) e a posposição (sucedente) do complemento. Nesse sentido, a língua wapixana utiliza a posposição, mesmo contrariando as previsões de Dryer (2007) e Greenberg (1963), que afirmam que línguas VO são propícias à preposição<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Atentamos aqui que os universais observados por esses autores não são absolutos, ou seja, não é uma imposição, apenas uma previsão.

A língua wapixana possui uma grande variedade de posposições, a maioria aparentando ser morfemas livres. A princípio, observamos as funções que Santos (2006) nos apresenta e depois iremos deter nosso foco nas posposições que indicam, de alguma forma, o espaço.

Santos (2006, p. 203) resume a categoria de posposições da língua wapixana em: 1) *at*, que indica benefactivo, recipiente e dativo; 2) *idi*, que indica instrumento, causa e posse; 3) *tym*, que indica comitativo; 4) *an*, que indica a maneira como se realiza o processo verbal; 4) *iti*, *iki*, e *ii*, que expressam lugar (os dois primeiros expressam dinamismo – *iti* (alativo) e *iki* (elativo) – enquanto *ii* é um locativo estático). Entretanto, observamos mais posposições que indicam lugar, no sentido de posição. Almeida (2017), em seu estudo, além de confirmar alguns papéis temáticos de Santos (2006), traz informações sobre outras posposições, tais quais *ai*, que indica causa ou fonte, e *idi'an*, que indica instrumento ou meio de transporte.

Observamos que as posposições que indicam lugar, como o morfema *ii* ‘em’, bem comum na língua wapixana, sempre sinalizam lugar, conforme o exemplo (41). Entretanto, essa mesma forma também pode expressar semanticamente posição, quando relacionada à *pauwa* e *waran*, formando *pauwa ii* ‘em cima’ (42) e *waran ii* ‘em baixo’ (43):

(41) *aturad kuda-n arunau karixii ii*  
 atorai encontrar-MI socó-boi lago LOC  
 ‘O atorai encontrou o socó-boi no lago.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 242)

(42) *tararam kaydanipkiz kyba pauwa ii*  
 passarão ninho pedra Cima LOC  
 ‘Tem um ninho de passarão em cima da pedra.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 48)

(43) *suu atabai waran ii*  
 aranha Banco baixo LOC  
 ‘A aranha está debaixo do banco.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 108)

Entretanto, a forma *ii*, em algumas construções semelhantes ao exemplo (42), também pode ser substituída por outras posposições. Em (44) e (45), observamos ainda a

inserção do morfema preso -'a, posposição indicando posição, assim também como o morfema livre *it* em (45).

- (44) *kuty'yz pakuta-n kabayn pauwa-'a*  
 pássaro pousar-MI casa cima-POSP  
 'O pássaro pousou em cima da casa.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 223)

- (45) *u xu'uta-n wyn aruapkizei pauwa iti*  
 3SG.F derramar-MI água mesa cima POSP  
 'Ela derramou água em cima da mesa.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 159)

Ainda sobre formas com função semântica de indicar posição, há outro elemento que indica a relação espacial *em cima*, a posposição *na*. Mas, como podemos observar, *an* pode indicar, além de posição, a maneira que o *tumtum* 'tamaquaré' se movimenta sobre a água, ou seja, assim como afirma Santos (2006), a maneira que o processo verbal *nhiutan* 'nadar' é executado. Almeida (2017) afirma que *an* expressa ainda a via pela qual a ação é executada.

- (46) *tumtum nhiu-t-a-n wyn pau<sup>34</sup> na*  
 tamaquaré nadar-VR-EP-MI água cima POSP  
 'Tamaquaré (espécie de réptil) nada sobre água.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 246)

A língua wapixana apresenta outras formas livres, como *di'ik* e *sakuda'a*, observáveis nos exemplos (47) a (49). Essas posposições indicam o sentido de posicionamento *entre* dois objetos. É preciso considerar mais dados para observar a forma mais recorrente na língua e a diferença de uma para outra em seu uso.

- (47) *inu'i-i tyya diaytan atamyn di'iki*  
 corda-NPOSS esticada dois árvore POSP  
 'A corda está esticada entre dois paus.'

<sup>34</sup> Minha hipótese é que a forma *pau*, que ocorre em (46), é uma abreviação de *pauwa* 'cima', vista em (44).

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 103)

- (48) *Y tukan nii atamyn di'iki kadimen*  
 3SG.M descer NPRS árvore POSP depressa  
 ‘Ele vai descer da árvore depressa.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 103)

- (49) *kainha'a diaytam kabayn sakuda-'u baru*  
 EXIST dois casa entre-POSP machado  
 ‘Entre as duas casas tem machado.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 167)

Sobre a posposição *-iki* em (47), que Santos (2006) considera elativo, observamos que os wapixana possivelmente utilizam essa posposição quando o sentido é percebido como algo que vem ao encontro do falante, ou seja, nesse exemplo, entende-se que a corda está estendida e vindo ao encontro do falante. Essa é a mesma acepção do exemplo (48), no qual também temos sentido voltado ao falante, entretanto, de modo vertical: *ele está descendo da árvore*. Já no exemplo (49), observamos que *sakuda'u* refere-se a uma figura estática, que, traduzindo para o português, seria algo como *no meio*<sup>35</sup>.

Assim como as outras formas de posposições que indicam posição, há ainda o conjunto *at*, *-'a*, *-'u* e *-nap*, que expressa o sentido de posicionamento *ao lado*, conforme podemos perceber nos exemplos (50), (51), (52), (53) e (54), respectivamente.

- (50) *pinidi ku'uri-'u dynap da'aw-at*  
 capim verde-ADJR caminho lado-POSP  
 ‘Tem capim verde ao lado do caminho.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 259)

- (51) *kainha'a imi' ka'zu'ii midiyky u-daba-'a*  
 EXIST chão Abismo serra 3F-lado-POSP  
 ‘Tem abismo ao lado da serra.’

<sup>35</sup> Acreditamos que não haja movimento pelo fato de, em wapixana, *sakurai* significar *esteio que fica no meio da casa* (Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 90).

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 125)

- (52) *kainha'a baru kabayn daba- 'u!*  
 EXIST machado casa lado-POSP  
 'Do lado da casa tem um machado.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 163)

- (53) *ungary maxaapan ywa'uz icha- nap*  
 1SG morar rio outro\_lado-TCL  
 'Eu estou morando do outro lado do rio.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 209)

- (54) *kaat ywa'uz yta- nap*  
 areia rio lado\_de\_cá-TCL: Localização  
 'Do lado de cá do igarapé dá areia.'

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 97)

A partir desses dados, não é possível afirmar com precisão as diferenças de sentido entre as formas -'a e -'u dos exemplos (51) e (52), respectivamente. Entretanto, há a hipótese de que os morfemas -'u e -'a sejam a redução do morfema -'au ou morfemas posposicionais (apesar do sufixo -'u funcionar em várias palavras da língua wapixana como um adjetivizador). A forma *da'awat* do exemplo (50) foi encontrada apenas uma vez nos dados e, portanto, não temos hipóteses sobre o seu uso.

Nos exemplos (53) e (54), o morfema *-nap* tem noção de espaço, isso porque, em várias palavras da língua, ele é encontrado ligado a certo espaço, como podemos perceber nos dados desses exemplos. Outra questão interessante é que eles mostram que essas formas são usadas para um evento estático, além de indicar a posição do falante em relação ao rio, *lado de cá*.

O wapixana possui um sistema de classificadores que pode ser relevante na expressão de noções espaciais. Por isso, pensamos que uma hipótese seria que o morfema *-nap* presente nas palavras *maunap* 'perto' (55), *mynapu* 'longe' (56) e *antanap* 'pela' (57) indicasse distância ou posição.

Assim, percebemos que o possível classificador *-nap*, na formação de palavras da língua wapixana, pode indicar níveis de distância (próximo ou longe) da figura, como nos exemplos (55) e (56), além de parecer expressar um sentido de contraste de *lados* referenciais diferentes, como no exemplo (57).

- (55) *yryy      sakanpa- 'u      mau-nap                      tikiez      idi*  
 3SG.M    sentado-ADJR    perto-TCL:localização    fogo    POSP

‘Ele está sentado perto do fogo.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 240)

- (56) *yryy      abat              nii              turuannary      my-nap-u              zii*  
 3SG.M    escutar              NPRS              trovão              longe-TCL-ADJR              ainda

‘Ele escutou um trovão de longe.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 252)

- (57) *ungary      wazuu-t-a-n                      tarara      axabaru      anta-nap*  
 1SG      ultrapassar-VR-EP-MI      carro      esquerdo      pela-TCL

‘Vou ultrapassar um carro pela esquerda.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 254)

Além disso, nos exemplos (58) e (59), o classificador *-nap* aparentemente possui sentido de posição, indicando *por trás* e *pela frente*.

- (58) *ungary      maxaa-p-a-n                      katunary      baray-anta- nap*  
 1SG      morar-CONT-EP-MI      ilha              costa-pela-TCL:localização

‘Eu estou morando atrás da ilha.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 26)

- (59) *tapi 'iz      ungary      ka-nap                      ii*  
 boi      1SG              frente-TCL: localização              POSP

‘O boi está na minha frente.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 50)

Por meio desses dados, observamos que o classificador *-nap* contribui para indicar posicionamento. Entretanto, é possível que esse elemento só apareça na sentença quando a

figura seja *ungary* ‘eu’, pois em outros exemplos, como em (60), nota-se que ele não está presente.

- (60) *kainha'a baru kabayn baray ii*  
 EXIST machado casa costa POSP  
 ‘Tem machado atrás da casa.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 133)

Por fim, é relevante salientar que ainda há muitas posposições na língua wapixana, mas, a partir dos dados que apresentamos acima, podemos ter uma noção de como elas se comportam na estrutura das construções espaciais. Além das posposições que Santos (2006) e Almeida (2017) apresentam em seus estudos, este trabalho percebeu que, em se tratando de espaço, há outras que não foram citadas nas investigações anteriores, tais como *-a*, *-u*, *di'ik*, além do suposto classificador *-nap*. Sendo assim, manteremos essa linha de pensamento com as outras classes de palavras que destacaremos nos tópicos seguintes, como dêiticos, demonstrativos, verbos posicionais e existenciais, que também possuem sentidos espaciais em wapixana.

### 3.5.2 Os demonstrativos

Os demonstrativos são dêiticos que expressam a relação de proximidade (ou não) do falante em relação à figura em questão. Assim, os demonstrativos em wapixana também possuem essa função. Suas formas mostram: 1) proximidade *wyry'y* ‘este/esse’; 2) distância *tawyry'y* ‘aquele/aquela’; 3) distância especificamente de referente feminino *auru'u* ‘aquela’; e 4) distância especificamente de referente masculino *arawy'y* ‘aquele’. Os demonstrativos na língua wapixana são geralmente formas livres, como veremos em (61):

- (61) *wyry'y saribei painha-u*  
 DEM lápis novo-ADJR  
 ‘Este lápis é novo.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 110)

A forma *wyry'y* ‘esse/este’ indica proximidade entre o falante e a figura. Esse demonstrativo geralmente é usado quando relacionado a coisas não humanas, mas também se apresenta relacionado às criaturas humanas sem marcação de gênero. De acordo com Santos (2006, p. 189), há outro morfema livre, *diwyrāa*, visto em (62) que também indica proximidade, entretanto, em nossos dados, não encontramos uso dessa forma.

- (62) *diwyrāa*      *daunaiura*      *kynyi-t-inh-a-n*  
 DEM.PROX    menino      canção-VR-REFL-EP-MI  
 ‘Este (ou esse) menino está cantando.’

(Santos, 2006, p. 189)

Em contraste com essas formas livres de demonstrativo que indicam proximidade, observamos, nos dados coletados, outra forma, o prefixo *ta-*, que indica distância e não distingue gênero, como vemos nos exemplos (63) a (65).

- (63) *ta-wyry'y*      *marie*      *dimina'impia-'u*  
 DIST-DEM    faca      afiada-ADJR  
 ‘Aquele faca está bem afiada.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 126)

- (64) *ta-wyry'y*      *pidian*      *ka-wayny-'u*  
 DIST-DEM    pessoa      AT-maniva-ADJR  
 ‘Aquele pessoa é que tem bastante maniva na roça.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 53)

- (65) *ta-wyry'y*      *puidiziu*      *masanari*  
 DIST-DEM    bêbado      guloso  
 ‘Aquele bêbado é guloso’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 69)

Outras duas formas de demonstrativos são *auru'u* ‘aquela’ e *arawy'y* ‘aquele’, que recebem os morfemas classificadores de gênero *-u* e *-i*. Eles são usados especificamente ao fazer referência a *zyn* ‘mulher’ (66) e (67) e a *daunaiura* ‘homem’ (68), respectivamente.

- (66) *auru'-u zyn idib kunaynama-'u*  
 DEM.DIST-F mulher nariz bonito-ADJR  
 ‘Aquele mulher tem nariz bonito.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 203)

- (67) *tauru'-u zyn naydap pa-dizu anautaka*  
 DEM.DIST-F Mulher gostar ANF-comer araçá  
 ‘Aquele mulher gosta de comer araçá.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 99)

- (68) *arawy'-y daunaiura kakiwini-'u*  
 DEM.DIST-M Homem gordo-ADJR  
 ‘Aquele homem é gordo.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 179)

Portanto, como podemos perceber no exemplo (65), por mais que se entenda *puidiziu* como um *homem bêbado*, o demonstrativo que se relaciona com essa palavra é *tawyry'y* ‘aquele/aquela’ (utilizado para não definição de gênero) e não *arawy'y* ‘aquele’, usado especificamente para *daunaiura* ‘homem’, como no exemplo (68).

### 3.5.3 Verbo existencial

De forma geral, os verbos na língua wapixana são estruturados de duas formas: 1) raiz verbal + afixo flexional; 2) base não verbal + VR ou CL + afixo flexional<sup>36</sup>. Em wapixana, não há cópula, como podemos perceber no exemplo (69), e as construções estativas são apresentadas sem marcas verbais, exibindo apenas adjetivos, como no exemplo (70):

- (69) *yryy dikinchipa'u*  
 3M teimoso-ADJR  
 ‘Ele é teimoso.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 247)

<sup>36</sup> Como em: *un-maku-n* [1-ir-MI] ‘eu vou; eu fui’, ou *y-bu'uti-ti-a-n* [3M-laço-VR-EP-MI] ‘ele laçou’, respectivamente (Santos, 2006, p.157).

- (70) *wyryy*            *aka-i*            *uzka-'u*  
 DEM                    fruta-NPSS        madura-ADJR

‘Esta fruta está madura.’

(Santos, 2006, p. 154)

De acordo com Santos (2006), o verbo existencial *kainha'a*<sup>37</sup> pode se manifestar na língua wapixana com dois sentidos distintos, um indicando existência (71), como o próprio nome diz, e um indicando posse (72).

- (71) ***kainha'a***        *irib*            *wiz*            *aukaz*        *ii*  
 EXIST                muita            estrela        céu            POSP

‘Tem muitas estrelas no céu.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 110)

- (72) *tapi'iz*            ***kainha'a***        *diaytam*        *yuzua*  
 boi                    EXIST            dois            chifre

‘O boi tem dois chifres.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 148)

Ainda segundo o autor, a diferença dos usos dos dois sentidos de *kainha'a* refere-se unicamente à forma sintática. No exemplo (71), o verbo existencial exige apenas um argumento [muitas estrelas no céu], já no exemplo (72), o verbo existencial exige dois argumentos [o boi] e [dois chifres].

### 3.4.4 Verbos posicionais de movimento estacionários ou de estado

Ao observar alguns trabalhos sobre verbos em wapixana, percebemos que não há estudos linguísticos que se concentram especificamente nos verbos de posição ou verbos de postura. Alguns, no entanto, dedicam-se a aspectos gerais dos verbos, como a tese de

<sup>37</sup> É importante mencionar que, nas construções espaciais apreciadas neste estudo, principalmente naquelas que se encontram no capítulo de análise de dados, as construções existenciais se fizeram presentes, por isso cabe aqui colocar observações sobre esse tipo de verbo na língua wapixana.

doutorado de Santos (2006) que nos mostra as duas propriedades gramaticais dos tipos de verbos percebidos pelo autor, como verbos transitivos, intransitivos e existencial<sup>38</sup>.

Os verbos transitivos em wapixana são divididos em dois grupos: os *divalentes* e *trivalentes*. De acordo com Santos (2006), o primeiro grupo precisa de dois argumentos (o sujeito e o objeto direto ou indireto) para fazer sentido, conforme podemos observar no exemplo (73). Nesse exemplo, temos o verbo transitivo *paradan* ‘falar’, considerado divalente, pois possui dois argumentos: o primeiro é *uruu* ‘ela’ (sujeito) e o segundo é *yryy at* ‘para ele’ (objeto indireto). Já no exemplo (74) temos o verbo *tan* ‘dar’, considerado trivalente, pois possui três argumentos: o primeiro é o sujeito *ungary* ‘eu’, o segundo é *syynau* ‘bananas’ e o terceiro é *inau at* ‘para eles’.

(73) *uruu pa-ra-d-a-n yryy at*  
 ela falar-CL:fala-VR-EP-MI ele POSP

‘Ela falou para ele.’

(Santos, 2006, p.150).

(74) *ungary tan-nii sy-yz-na-u i-na-u at*  
 1SG dar-NPRS banana-CL: não.discreto- 3-DEIT-PL POSP  
 DEIT-PL

‘Eu darei bananas para eles.’

(Santos, 2006, p.150).

Os verbos intransitivos em wapixana são *monovalentes*, ou seja, não necessitam de argumento para fazer sentido, admitindo somente o argumento sujeito, como no caso do exemplo (75), *atury* ‘jacaré’.

(75) *atury mauk-a-n*  
 jacaré morrer-EP-MI

‘O jacaré morreu.’

(Santos, 2006, p. 151).

<sup>38</sup> Tratamos especificamente do verbo existencial no tópico anterior 3.4.3.

Por mais que muitas línguas mostrem distinções formais entre verbos intransitivos ativos (expressam eventos) e descritivos (expressam estados ou qualidades das entidades), Santos (2006) afirma que em wapixana é evidente verbos que expressam eventos, como o exemplo acima, enquanto os verbos intransitivos descritivos são expressas por meio de adjetivos, conforme o exemplo (76).

- (76) *amazad*                    *tybary-'u*  
 mundo                    grande-ADJR  
 ‘O mundo é grande.’

(Santos, 2006, p.152)

No entanto, ao observarmos os verbos de postura da língua wapixana, é possível perceber duas formas distintas em que esses verbos podem ser encontrados. No exemplo (77), temos o verbo *sakat* ‘sentar’ que é marcado pelo adjetivador -'u. Assim, como o exemplo anterior, mesmo que esse verbo seja um verbo de postura, ele comporta-se como um verbo intransitivo descritivo, como o exemplo de Santos (2006). A outra forma em que o verbo de postura *sakat* ‘sentar’ é encontrado no exemplo (78), em que esse verbo encontra-se com a marca morfológica de verbo -n ‘modo indicativo’.

- (77) *yryy*    *sakat-p-a-'u*                    *maunap*    *tikez*                    *dia'a*  
 3M    sentar-CONT-EP-ADJR    perto    fogo                    POSP  
 ‘Ele está sentado perto do fogo.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.89).

- (78) *yryy*                    *sakat-a-n*                    *maunap*    *tikez*                    *dia'a*  
 3M                    sentar-EP-MI                    perto    fogo                    POSP  
 ‘Ele sentou-se perto do fogo.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.89).

Por fim, este capítulo trata sobre a língua wapixana e tem o intuito de ajudar o leitor a compreender melhor a estrutura e o funcionamento das classes gramaticais que compõem as

construções espaciais. Iremos analisar essas classes gramaticais mais detalhadamente nos capítulos 4 e 5 de análise de dados.

## 4 RELAÇÕES TOPOLÓGICAS DA LÍNGUA WAPIXANA

As línguas utilizam diversas estratégias para responder à pergunta-*onde*. No caso da língua wapixana, a pergunta-*onde* é: *na'iam F?* ‘Onde está F?’. Ao responder à pergunta básica da língua wapixana, sabemos que teremos como retorno uma resposta básica – a Construção Locativa Básica (CLB), de acordo com Levinson (2003, p. 65). Essa CLB é encontrada a partir das relações topológicas da língua, ou seja, relação espacial não angular.

Entende-se aqui como relação topológica a relação existente entre F e G, de maneira que: (i) o local onde F está em repouso (isto é, estaticamente localizada); (ii) o lugar para onde F movido; (iii) o lugar onde F – de uma ação como ‘ver’ ou ‘espetar’ – está localizado; e (iv) o local dentro do qual um evento ativo em andamento está contido (ou seja, localização dinâmica) (Wilkins, 2006).

Dessa forma, ao analisarmos a CLB do wapixana, encontramos primeiramente os elementos básicos desse tipo de construção: a Figura (F) e o Ground (G)<sup>39</sup>, além das noções topológicas básicas da língua wapixana, como: *F embaixo de G*; *F em cima de G*; *F dentro de G*; *F fora de G*; *F está no meio de G*; *F está encaixado em G*. Assim, organizamos este capítulo apenas com relações topológicas, divididas em tópicos, em que cada relação topológica de posição compõe um tópico de análise.

### 4.1 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA NOMINAL DA LÍNGUA WAPIXANA

Em wapixana, a CLB pode aparecer das seguintes formas: através de um sintagma nominal (sem a presença de verbo); através de sintagmas verbais, um utilizando um verbo existencial *kainha'a* ‘EXIST’ e o outro utilizando verbos de posições ou posturas. Aqui discutiremos o uso da CLB no sintagma nominal. Já nas seções 4.2, 4.3 e 4.4, trataremos, respectivamente, das CLBs nos sintagmas verbais utilizando o verbo existencial e verbos de postura e posição.

A CLB no sintagma nominal da língua wapixana é expressa por: (F + G + Termo de localização + POSP). No exemplo (79), F é representado por *dazwan* ‘cesta’, seguidamente por G *zamak* ‘rede’. Nesse caso, o termo utilizado é *waran* ‘embaixo’ e uma posposição, que,

<sup>39</sup> As imagens utilizadas para representar F e G nessas relações espaciais são simples e fazem parte do convívio dos wapixana. Todas foram criadas pela autora.

na situação em análise, é - 'y.

(79)	(F)	(G)	<b>TERMO DE LOC</b>	<b>POSP</b>
	<i>dazwan</i>	<i>zamak</i>	<i>warany</i>	- 'y
	cesta	rede	embaixo	-POSP
	‘A cesta está embaixo da rede.’			



Como a língua wapixana não possui cópula, a manifestação da CLB mais comum e frequente, a qual discutiremos na seção seguinte, é a encontrada no sintagma nominal, assim como no sintagma verbal utilizando o verbo existencial.

#### 4.2 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBO EXISTENCIAL

É comum, em wapixana, encontrarmos sentenças que utilizam o verbo existencial *kainha 'a*, assim como construções espaciais (tanto topológicas como Quadros de Referência). O verbo existencial, em wapixana, não flexiona em número, como em (80) e (81), nem em pessoa, como em (82) e (83).

(80)	<b><i>kainha'a</i></b>	<i>bola</i>	<i>maxapan</i>	<i>atamyn</i>	<i>uruda- 'a</i>
	EXIST	bola	morar-CONT- EP-MI	árvore	calcanhar- POSP



‘Tem uma bola embaixo da árvore.’ (Singular)

(81)	<b><i>kainha'a</i></b>	<i>diaytam</i>	<i>bai-nhau</i>	<i>karixii</i>	<i>ii</i>
	EXIST	dois	pato-PL	lago	POSP



‘Tem dois patos no lago.’ (Plural)<sup>40</sup>

(Silva, Silva, Oliveira, 2013, p.25)

<sup>40</sup> A imagem utilizada neste exemplo é ilustrativa, retirada do site: <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-dois-patos-est%C3%A3o-nadando-no-lago-image86602406>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

- (82) *kainha'a danaiura sud kadixicha-p-a-n*  
 EXIST homem pequeno em.pé-CONT-EP-MI  
*wa-mesan baray it nap*  
 3PL-mesa costa POSP TCL:localização



‘Tem menino pequeno atrás da mesa.’ (MASC)

- (83) *kainha'a zynaba sud dizein-p-e-n*  
 EXIST mulher pequeno esconder-CONT-EP-MI  
*kamicha dikin ii*  
 camisa sombra POSP



‘Tem mulherzinha se escondendo na sombra do pano.’ (FEM)

Ao observamos os dados, percebemos que o uso do verbo existencial não é obrigatório. Assim, temos: (EXIST)<sup>41</sup> + F + G + termo de localização + POSP. Quando esse verbo não é utilizado na sentença espacial, então temos uma CLB no sintagma nominal, pois a distinção desses sintagmas é somente o uso do verbo existencial. Em wapixana, o verbo existencial também tem valor de possessivo em alguns casos, segundo Santos (2006). Se o verbo exigir apenas um argumento, ele tem valor de existencial, mas se exigir dois argumentos, então possui valor de possessivo.

O existencial, o locativo e o possessivo, ainda que respondam a perguntas diferentes, possuem uma relação muito próxima. Desse modo, muitas línguas não fazem distinção entre essas construções, principalmente as construções existenciais e locativas (Clarck, 1978; Lyons, 1967).

Alguns autores ousam afirmar que o existencial é um tipo de locativo, como Freeze (1992). Um exemplo disso é dado na língua yéllî dnye, em que ‘Os porcos estão na floresta’ e ‘Há porcos na floresta’ são expressos com a mesma forma: *nko u mênê mbwêmê a m:ii té*. Levinson acredita que isso aconteça pelo fato de os locativos pressuporem a existência, ou seja, “os existenciais fornecem o pano de fundo ontológico para o que é afirmado nos locativos”<sup>42</sup> (Levinson, 2006, p. 175, tradução nossa).

<sup>41</sup> Item não obrigatório.

<sup>42</sup> “existentials provide the ontological background for what is asserted in locatives” (Levinson, 2006, p. 175).

### 4.3 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBOS DE POSTURA EM WAPIXANA

De acordo com Newman (2006) e Grinevald (2006), os verbos de postura são baseados no corpo humano. Os verbos de postura mais comuns nas línguas naturais são ‘sentar’, ‘deitar’ e ‘ficar em pé’. No entanto, segundo Grinevald (2006, p. 38), muitas línguas amazônicas possuem em seu inventário um quarto verbo de postura, ‘pendurar’, já que muitas culturas indígenas fazem uso de redes e objetos que servem para armazenamento de coisas que geralmente são pendurados.

Em relação aos verbos de postura nas línguas naturais, principalmente nas indígenas, há uma grande variedade no que se refere aos inventários. Por exemplo, na língua baure, o inventário de verbos de postura é bastante reduzido. Em baure-aruaák, de acordo com Admiraal (2016), há uma única distinção, a que diferencia a exata orientação de F (que tem um contorno esticado comparável à vertical eixo do corpo humano) no eixo vertical ou horizontal<sup>43</sup>. Esse caso pode ser observado nos verbos de postura, *ishom* ‘ficar em pé’, exemplo (84), e *koshpoe* ‘deitar’, exemplo (85). Esses verbos nos permitem perceber a orientação de F, em que o primeiro trata-se do eixo vertical e o segundo do horizontal. De acordo com Admiraal (2016), a cópula *-wo* faz com que os verbos deixem de ser ativos, tornando-os estativos.

- (84) *to jir ro=ishom~mo~ko~wo*  
 ART homem 3SG:M=estar.em.pé~mo~ABS~ COP  
 ‘O homem está em pé.’

(Admiraal, 2016, p. 201)

- (85) *ro=koshpoe~wo poewok~ye*  
 3SG:M=deitado.em.baixo~ COP chão-LOC  
 ‘Ele está deitado no chão.’

(Admiraal, 2016, p.202)

Por outro lado, Obert (2019) afirma que a língua daw (família naduhup) possui um inventário riquíssimo de verbos de postura, apresentando algumas especificidades. Por

<sup>43</sup> Quando o lado mais curto de F é apoiado diretamente pelo chão, isso torna a interpretação ‘em pé’, enquanto a interpretação “deitada” é causada pelo suporte direto do lado mais longo de F.

exemplo, o verbo *yêt* ‘deitar’ não distingue a animacidade de F, conforme podemos observar nos exemplos (86 e 87), enquanto o verbo *pẽem* ‘sentar’ é usado somente para seres animados (humanos ou animais), assim como demonstra o exemplo (88).

- (86) *João yêt tuu*  
 João deitar chão  
 ‘João está deitado no chão.’

(Obert, 2019, p.118)

- (87) *galap yêt mej wâ’*  
 garrafa deitar mesa em.cima  
 ‘A garrafa está deitada em cima da mesa.’

(Obert, 2019, p.119)

- (88) *’yãm pẽem cesto ked*  
 cachorro sentar cesto em  
 ‘O cachorro está sentado no cesto.’

(Obert, 2019, p.120)

Ao contrário do verbo de postura *yêt* ‘deitar’ em *dâw*, que não distingue animacidade, os verbos de postura em *wapixana* *waxatinpen* ‘deitar’, em (89), e *kakuray* ‘deitar’, em (90), são usados apenas para seres animados (humanos ou animais), ao contrário do que temos no exemplo (91), em que F é representado por *parayribei* ‘vassoura’ (F inanimado).

A diferença entre esses verbos é que o primeiro, em (89), é usado quando G é uma superfície horizontal e plana, enquanto o segundo, (90), é utilizado para superfície horizontal e não plana, como a rede. Já o verbo *sankantapan* ‘sentar’, em (92), é utilizado somente para seres animados, da mesma forma que o verbo *pẽem* ‘sentar’ em *dâw*.

- (89) *kuraidauna waxatin-p-e-n imibara-'u*  
 criança deitar-CONT-EP-MI chão-POSP  
 ‘A criança está deitada no chão.’



- (90) *pidian kakuray-n nii ximek dia'a*  
 pessoa deitar-MI NPRS rede POSP  
 ‘A pessoa está deitada na rede.’



- (91) *parayribei imibara-'u*  
 vassoura chão-POSP  
 ‘A vassoura está no chão.’



- (92) *pidian sakanta-p-a-n tabai waran-'y*  
 pessoa sentar-CONT-EP-MI cadeira embaixo-POSP  
 ‘A pessoa está sentada embaixo da cadeira.’



Obert (2019) afirma ainda que quando a noção de sentar for associada à outra ação coincidente em predicados complexos, *dâw* faz uso do verbo *xaa* ‘sentar’ em vez de utilizar o verbo *pêm* ‘sentar’. Assim, os verbos estão em distribuição complementar: enquanto *pêm* não é realizado em predicados complexos que fazem referência à orientação corporal, *xaa* também não ocorre em predicados simples, como podemos perceber na comparação dos exemplos (88) e (93).

- (93) *tir redçid xaa tir xaaw*  
 3SG limpar sentar 3SG rifle  
 ‘Ele está sentado limpando o rifle.’

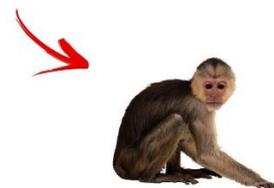
(Obert, 2019, p.121)

Em wapixana, não há diferença entre o uso de predicados simples e complexos em relação ao *sakantapan* ‘sentar’, como podemos perceber logo abaixo nos exemplos (94) e (95). Há apenas distinção entre F animado e inanimado, em que o verbo de postura só é utilizado quando F for animado.

- (94) *pidian sakanta-p-a-n tabai warany'y*  
 pessoa sentar-CONT-EP-MI cadeira embaixo-POSP  
 ‘A pessoa está sentada embaixo da cadeira.’



- (95) *puat sakanta-p-a-n na'ik auwyn-y-t-p-a-n*  
 macaco sentar-CONT- e olho-EP-VR-CONT-  
 EP-MI EP-MI  
 ‘O macaco está sentado e olhando.’



Para Lichtenberk (2002), ‘sentar’ é frequentemente uma postura restrita aos humanos ou animais, pois somente eles são capazes de assumir esse tipo de postura corporal. Por isso, geralmente as línguas fazem uso exclusivo dessa ação para humanos ou itens que de certa forma são “humanizados”. Já a postura ‘ficar em pé’ em *dâw* possui dois verbos, *kât* e *xâa*, que se diferenciam em relação ao uso semântico, humano e não humano, respectivamente.

- (96) *yãm xu' mē' kât xâd mār*  
 onça NMRL:1 em.pé..hum DUR RPT  
 ‘Dizem que só uma onça sobreviveu.’

(Obert, 2019, p.123)

- (97) *xaaw xâa top buut*  
 rifle em.pé.Nhum Casa sob  
 ‘O rifle está em pé embaixo da casa.’

(Obert, 2019, p.122)

Em *wapixana*, temos apenas o verbo *kadixapan* ‘ficar em pé’ e seu uso está associado somente ao uso de F animado, como em (99). Quando não animado, a língua *wapixana* não faz uso de nenhum verbo, mostrando assim que essa postura é habitual do objeto, como em (98). Há uma exceção quando se trata do objeto *bairii* ‘flecha’<sup>44</sup>, que por mais que seja inanimado, os *wapixana* usam o verbo de postura *kadixapan*, assim como em

<sup>44</sup> Possivelmente, *bairii* ‘flecha’ é considerado animado pelos *wapixana*, por estar em movimento ou ainda por considerarem esse objeto como parte do corpo. Essa não é a primeira vez que esse objeto é tido como animado em dados linguísticos: no trabalho de Almeida (2017), que foca em posições na sintaxe do *wapixana*, também podemos perceber essa característica quando trata-se desse objeto.

(100).

- (98) *kainha'a tabai misbara kanapy-'y*  
 EXIST cadeira mesa em.frente-POSP  
 'Tem uma cadeira em frente à mesa.'



- (99) *daiunaiura kadixa-p-a-n misbara dazaba*  
 homem em.pé-CONT-EP-MI mesa perto  
 'O homem está em pé perto da mesa.'



- (100) *bairii kadixa-p-a-n*  
 flecha em.pé-CONT-EP-MI  
 'A flecha está em pé.'



O verbo *kadixapan* 'ficar em pé' não indica essa postura apenas para seres animados que estão apoiados somente nos pés. É usado também para uma postura que seja habitual de um animal, como, por exemplo, a postura de um gorila que tem o apoio do seu corpo nas mãos e nos pés, conforme podemos perceber no exemplo (101).

- (101) *puat kadixa-p-a-n*  
 macaco em.pé.CONT-EP-MI  
 'O macaco está em pé.'



Tratando dos verbos de postura que indicam a ação de 'pendurar', em daw são três verbos para indicar essa relação e suas distinções. O primeiro é *dâk* 'grudar/preso', em que F está em contato direto com G, exemplo (102); o segundo é o verbo *lox* 'pendurar na vertical', exemplo (103), e o terceiro é o verbo *yay* 'pendurar na horizontal', exemplo (104). Todos esses verbos se diferenciam em relação à orientação. Os dois primeiros, (102) e (103), são utilizados quando G está na vertical, enquanto o exemplo (104) é utilizado quando G está na horizontal.

- (102) *meem*      *dâk*                      *bee*      *rěd*  
 borboleta      pegado                      árvore      em  
 ‘A borboleta está pegada na árvore.’



(Obert, 2019, p.124)

- (103) *peen*      [*lox*                      *dâk*]      *bee*      *rěd*  
 preguiça      pendurar.vert      pegado      árvore      em  
 ‘A preguiça está pendurada na árvore.’



(Obert, 2019, p.124)

- (104) *waas*      [*yay*                      *dâk*]      *bee*      *rěd*  
 macaco      pendurar.horiz      pegado      árvore      em  
 ‘O macaco está pendurado na árvore.’



(Obert, 2019, p.124)

Em wapixana, dois verbos expressam a postura ‘pendurar’, *kazdan* e *sawikkinpen* que se diferenciam em relação à anamicidade e à forma. O primeiro verbo, em (105), é usado somente para F inanimado, conforme o exemplo a seguir:

- (105) *uruu*      *kazdan*                      *nizu*      *atamyn*      *kady-’y*  
 3SF      pendurar                      tipiti      madeira      árvore-POSP  
 ‘Ela pendurou o tipiti no pau.’



(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 216).

Já o segundo verbo, *sawikkinpen* ‘pendurar’, em (106) é usado para animais que possuem rabo ou pessoas que ficam com os pés/pernas fora da rede. Observe que, nos exemplos abaixo, o verbo ao qual estamos nos referindo aqui é usado apenas no exemplo (106), no qual F (macaco) está pendurado em G (corda na horizontal). Ao colocarmos outra imagem para os colaboradores da pesquisa, exemplo (107), na qual temos F (macaco) e G (corda na vertical), outro verbo foi utilizado.

- (106) *puat sawikkin-p-e-n*  
 macaco pendurar-CONT-EP-MI  
 ‘O macaco está pendurado.’



- (107) *puat zaidi-p-a-n*  
 macaco subindo  
 ‘O macaco está subindo.’



Dessa forma, temos os quatro verbos de postura básicos na língua wapixana. Além disso, algumas outras posturas como ‘enrolar’, ‘agachar’, ‘inclinár’ e ‘de cabeça para baixo’, encontradas no português, também foram encontradas em wapixana. Outras aparentemente não existem, pois quando mostramos as imagens que correspondem a tais posturas, as respostas dos colaboradores sugeriram posturas anteriormente descritas neste trabalho. A primeira postura, ‘enrolar’, na língua wapixana é expressa pelo verbo *kuidinpen*, que não faz distinção entre animacidade, como podemos perceber nos exemplos (108) e (109).

- (108) *kuwazaz kuidin-p-e-n*  
 cobra enrolar-CONT-EP-MI  
 ‘A cobra está enrolada.’



- (109) *wanyikynyi kuidin-p-e-n*  
 comida enrolar-CONT-EP-MI  
 ‘A comida está enrolada.’



Não encontramos nenhum verbo na língua que represente a postura ‘agachar’. Ao mostrarmos imagens para os colaboradores que representassem essa postura, as respostas foram direcionadas para a postura ‘sentar’, o verbo ‘olhar’ ou o verbo ‘observar’, conforme os exemplos (110) e (111).

- (110) *daunaiura sakanta-p-a-n*  
 homem sentar-CONT-EP-MI  
 ‘O homem está sentado.’



- (111) *pidian auwyn-y-t-pan*  
 pessoa olho-EP-VR-CONT-EP-MI  
 ‘A pessoa está olhando.’



Da mesma forma, não conseguimos encontrar nenhum verbo específico para a postura ‘inclin’. Quando os colaboradores observavam as imagens que representam essa postura, não a reconheciam e direcionavam as imagens para a postura *waxitipen* ‘deitar’, como no exemplo (113), ou para o verbo *duraytan* ‘cair’, como em (112). Algo similar ocorreu com o verbo de postura *kadixipan* ‘ficar em pé’, que considerou o objeto *bairii* ‘flecha’ como animada, e o verbo de postura *waxitipen* ‘deitar’, também utilizado somente com F animados, que considerou F *bairii* ‘flecha’ animado.

- (112) *parayribei durayt-a-n*  
 vassoura cair-EP-MI  
 ‘A vassoura está caída.’



- (113) *bairii waxitin-p-e-n*  
 flecha deitar-CONT-EP-MI  
 ‘A flecha está deitada.’



A última postura investigada foi a postura ‘de cabeça para baixo’, que também não tem termo próprio em wapixana. Ao colocarmos alguns objetos de cabeça para baixo, como mesa e cadeira, obtivemos o mesmo resultado da postura anterior, exemplo ‘a vassoura caída’. Entretanto, na imagem com F animado (gato), o verbo que os colaboradores utilizaram foi o verbo de ação ‘pular’, possivelmente porque eles entendem que essa não é a postura habitual

do animal.

(114) *misbara*            *durayt-a-n*

mesa                    cair-EP-MI

‘A mesa está caída.’



(115) *pixan*                *zaka'y-p-a-n*

gato                    pular-CONT-EP-MI

‘O gato está pulando.’



Dessa forma, entende-se que em wapixana os verbos de posição são:

- (i) *kadixapan* ‘estar.em.pé’;
- (ii) *sakantapan* ‘sentado’;
- (iii) *waxatinpen* ‘deitado.superfície.plana’;
- (iv) *kakuray* ‘deitado.superfície.curvada’;
- (v) *kazdan* ‘pendurado.inanimado’;
- (vi) *sawikkinpen* ‘pendurado.animado’; e
- (vii) *kuidinpen* ‘enrolado’.

Vimos que esses verbos trazem informações semânticas sobre F, como os verbos *kazdan* ‘pendurado.inanimado’ e *sawikkinpen* ‘pendurado.animado’, que indicam a animacidade de F, além de muitos verbos apenas serem utilizados com F animados, como o verbo *sakantapan* ‘sentado’. Outros trazem informações sobre G, como os verbos *waxatinpen* ‘deitado.superfície.plana’ e *kakuray* ‘deitado.superfície.curvada’, que indicam se G é plano ou não.

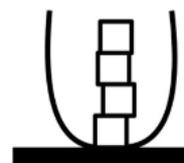
Portanto, apesar de as línguas baure e wapixana serem da família aruák, percebemos que a última se assemelha mais à língua dâw, da família linguística naduhup. Ambas possuem um inventário maior de verbos de postura e esses oferecem informações sobre animacidade e disposição, conforme percebemos ao longo de todo este tópico.

#### 4.4 A CONSTRUÇÃO LOCATIVA BÁSICA NO SINTAGMA VERBAL DA LÍNGUA WAPIXANA – VERBOS DE POSIÇÃO EM WAPIXANA

De acordo com Obert (2019), a diferença no emprego semântico entre verbos de postura e verbos de posição é que os primeiros se referem à postura de F (geralmente, baseado no corpo humano) exclusivamente, enquanto os segundos se referem à disposição de F em relação a G. Apesar de a língua wapixana apresentar diversos verbos de postura, o mesmo não acontece com os verbos de posição, pois, nos dados, tivemos acesso a apenas um verbo de posição.

Obert (2019) afirma ainda que a língua *dâw* possui um verbo posicional que expressa a noção de estar contido em um recipiente, *suun* ‘estar contido’, em que F (mandioca) está contido em G (cesta), conforme o exemplo (116).

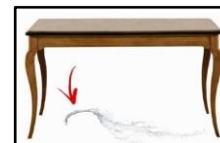
- (116) naa’          yak          **suun**          bây          ked  
 DEM:prox    mandioca    estar.contido    cesta    em  
 ‘A mandioca está empilhada na cesta.’<sup>45</sup>



(Obert, 2019, p. 130)

Na língua wapixana, diferente do que vemos em *dâw*, há um verbo de posição que indica F não contida em um recipiente, o verbo de posição *xuwan* ‘derramado’, usado especificamente para indicar que F é um líquido, como em (117).

- (117) *kainha*’a      wyn      **xuwan**      mesa      warany      -’y  
 EXIST          água    derramada    mesa    embaixo    POSP  
 ‘A água derramada está embaixo da mesa.’



Outra maneira de representar ‘não.contido’ na língua wapixana, sem utilizar o verbo de posição acima, é o termo de localização *waran* ‘embaixo’, juntamente com a posposição *an*, conforme podemos observar no exemplo (118).

<sup>45</sup> Exemplo traduzido pela autora.

- (118) *wyn zamak waran an*  
 água rede embaixo POSP  
 ‘A água está embaixo da rede.’ (derramada)

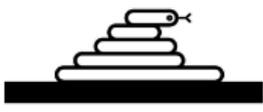


A Tabela 3 resume os verbos de postura e posição da língua wapixana, bem como as propriedades relevantes de F, a relação de suporte, a distinção de animacidade e a frequência de uso de posposição<sup>46</sup>.

**Tabela 3** - Verbos de posturas e posições da língua wapixana

	Verbo	Propriedade de F	Relação de suporte	Distinção de Animacidade
POSTURA	<i>kadixapan</i> ‘em.pé’	-alongado -vertical		-somente animados (Exceto flecha)
	<i>sakantapan</i> ‘sentado’	-posição compacta		-somente animados
	<i>waxatinpen</i> ‘deitado’	-alongado -horizontal		-somente animados (Exceto flecha)
	<i>kakurayn</i> ‘deitado’	-alongado -horizontal		-somente animados
	<i>kazdan</i> ‘pendurado’	-alongado -vertical		-somente inanimados
	<i>sawikkinpen</i> ‘pendurado’	-alongado -vertical		-somente animados

<sup>46</sup> Embasado na tabela da língua dâw, realizada por Obert (2019).

	<i>kuidinpen</i> 'enrolado'	-enrolado -compacto		-animados e inanimados
POSIÇÃO	<i>xuwan</i> 'derramado'	-não contido em recipiente -líquido		-somente inanimados

Fonte: a própria autora.

De acordo com o que podemos observar na Tabela 3, as propriedades de F são indicadas como alongada, compacta, enrolada ou líquida (usado apenas para o verbo de posição *xuwan*), estando na horizontal ou na vertical. Os dados indicam que a língua wapixana não codifica em verbo de postura ou posição a orientação diagonal, pois geralmente indica a posição 'deitada' ou 'caída'.

Por fim, quanto à animacidade de F, obtivemos os seguintes resultados: cinco verbos de postura ocorrem somente com seres animados, dois apenas com F inanimados e somente um verbo ocorre independente da animacidade de F. Com isso, essa tabela demonstra que os verbos de postura são principalmente embasados na forma humana (+ alongado) e (+ animado).

#### 4.5 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: *F EMBAIXO DE G*

Em relação à noção topológica vertical *F embaixo de G*, a língua wapixana estabelece algumas condições translinguisticamente observadas, tais como: 1) quanto maior e próximo ou inerente ao chão, maior a tendência desse objeto ser o elemento G; 2) quanto menor e mais móvel, maior a tendência a ser o elemento F. Assim, a língua wapixana está de acordo com as concepções de Talmy (2000) sobre o que caracteriza F e G.

**Figura 19** - Características de G



Fonte: elaborado pela autora.

A seta vermelha identifica F nas duas imagens – na primeira (pedra) e na segunda (casa) – e se relaciona com os possíveis Gs (ninho e carro). Na primeira imagem, por mais que colocássemos a seta vermelha indicando a pedra, sempre obtivemos respostas do tipo *kainha'a kuty'yz ximek kyb pawa'a* ‘existe ninho em cima da pedra’ e não *kainha'a kyb kuty'yz ximek warany'y\** ‘existe pedra embaixo do ninho’, ou seja, as respostas sempre davam preferência ao objeto menor. Da mesma forma, quando colocamos a seta vermelha para indicar que F, na imagem à direita, seria a casa e não o carro, os falantes insistiram em dizer *kainha'a jeep kabayn warany'y* ‘existe jeep embaixo da casa’, evidenciando o jeep como F em vez da casa, possivelmente porque jeep é menor que a casa e mais móvel, ou seja, pode se locomover.

Em relação às formas encontradas nessa noção espacial, observamos, a partir dos dados coletados, dois termos de localização (*waran* ‘embaixo’ e *urud* ‘calcanhar’) e seis posições (-'y, -'u, ii, -'a, ik, an), que, combinados entre si, formam a relação espacial *F embaixo de G* da língua wapixana. Assim, trouxemos os exemplos de (119) a (121).

- (119) *dazwan* (F)    *zamak* (G)    *waran -y-'y*  
cesta                rede                embaixo-REP-POSP  
‘A cesta está embaixo da rede.’



- (120) *bola* (F)    *tabai* (G)            *waran -a-'u*  
bola                cadeira                embaixo-EP-POSP  
‘A bola está embaixo da cadeira.’



- (121) *kuraidaunaa* (F)      *tabai* (G)      *waran*      *ii*  
 criança                      cadeira                      embaixo      POSP  
 ‘A criança está embaixo da cadeira.’



Nota-se que a estrutura básica dessa relação topológica é:

F + G + termo de localização + POSP

Nessa estrutura, não há marcadores morfológicos nem verbos existenciais e posicionais. Os termos de localização são marcados com posposições, em forma de morfemas livres ou presos. Os exemplos (119-121) mostram o termo de localização *waran* ‘embaixo’ juntamente com as posposições (-’y, -’u e *ii*, respectivamente) que se combinam com o termo de localização da língua wapixana. Em relação às posposições evidenciadas nos exemplos, não encontramos diferenças entre o uso delas. Todos os exemplos desta seção podem ser utilizados com qualquer tipo de F e G, seja animado, inanimado, de grande ou pequena escala, não havendo diferenças semânticas entre os diferentes usos.

Vale ressaltar que os exemplos (119-121) contêm os elementos menos recorrentes nos dados (*uruda’a* ‘calcanhar’, *waran iki* ‘embaixo’ e *waran an* ‘embaixo’). Em contrapartida, o termo de localização *uruda’a* ‘calcanhar’ pode ser utilizado em situações específicas, como a que podemos observar em (122):

- (122) *kuwazaz*              *atamyn*              *urud-a -’a*  
 cobra                      árvore                      calcanhar-REP-POSP  
 ‘A cobra está embaixo da árvore.’ (no calcanhar)



A forma *uruda’a* ‘calcanhar’, em (122), ocorreu nos dados apenas quando o G era uma árvore, com a parte inferior *urud* ‘calcanhar’ da árvore indicando a posição de F. Nesse sentido, percebemos que a árvore é personificada pelos wapixana, ou seja, há uma comparação da árvore com o corpo humano. Bowden (1992), ao analisar 104 línguas oceânicas, percebeu que essas línguas, em se tratando da referência espacial *F embaixo de G*, dão preferência a partes do corpo como pés/pernas, coxa, cintura, vulva, nádegas, mão direita

(em ordem de termos que tiveram mais recorrência). Em wapixana, o termo *uruda'a* ‘calcanhar’ não é mencionado nos estudos das línguas oceânicas de Bowden (ibid).

A forma *waran iki* ‘embaixo’, observada em (123), apareceu poucas vezes nos dados coletados, apenas se referindo a ‘A aranha está pendurada embaixo da mesa’, ‘A chuva está caindo’ e ‘O pássaro está voando alto’, que iremos analisar de forma mais profunda no próximo tópico, que trata da relação topológica *F em cima de G*.

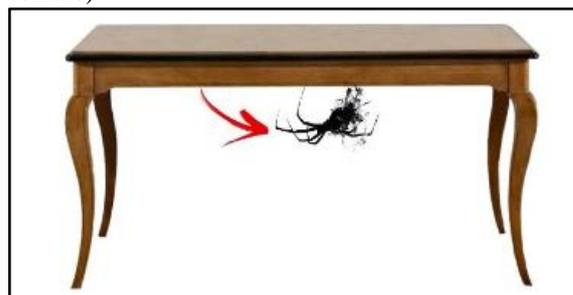
As primeiras observações sobre a posposição *iki* nos mostram que ela é utilizada quando há uma dada distância entre os elementos F e G, porque na Figura 21, em que a aranha está em contato com a mesa, não temos o mesmo resultado que o encontrado na figura 20, como podemos observar nos exemplos (123) e (124).

**Figura 20** - Aranha (F) pendurada pela teia embaixo da mesa



Fonte: elaborado pela autora.

**Figura 21** - Aranha (F) está embaixo da mesa (em contato)



Fonte: elaborado pela autora.

- (123) *kainha 'a suu kazdin-p-e-n mesa waran iki*  
 EXIST aranha pendurar-CONT- mesa embaixo  
 EP-MI POSP.DIST



‘Tem uma aranha pendurada embaixo da mesa.’

- (124) *kainha 'a suu ximek mesa warany -'y*  
 EXIST aranha rede mesa baixo POSP.P  
 ROX



‘Tem uma teia de aranha debaixo da mesa.’

A última posposição que foi presente nos dados dessa relação topológica é *idaa*, que apareceu somente nos exemplos (125) e (126):

- (125) *kainha'a tarawin zaid-a-zun mesa ida*  
 EXIST lagarta subir-EP- mesa POSP.F.arr  
 querendo edondado



‘Tem lagarta querendo subir em cima da mesa.’

- (126) *kainha'a bola maunap jeep welling ida*  
 EXIST bola perto jeep roda POSP.F.ar  
 redondado



‘Tem bola perto da roda do jeep.’

Nesses exemplos, não percebemos o que exatamente marca a presença da posposição *ida*. Entretanto, temos a hipótese de que o falante leva em consideração o formato arredondado de F. No exemplo (125), F é representado por *tarawin* ‘lagarta’, enquanto em (126), F é representado por uma *bola* ‘bola’, ambos com formas arredondados.

Essa hipótese surge com base na comparação entre os exemplos (126) e (127), pois quando o falante considera F sendo uma *sud zynab* ‘menininha’, a posposição deixa de ser *ida* e passa a ser *ii*, um locativo geral.

- (127) *kainha'a kuraidauna sud zynab*  
 EXIST criança pequena mulher  
*kadichicha-p-a-n jeep baray ii*  
 em.pé-CONT-EP-MI jeep costa LOC



‘Tem menininha em pé atrás do jeep.’

Todavia, percebemos que possivelmente a posposição *idaa* ‘POSP.F.arredondado’ não é obrigatória, sendo utilizada apenas quando há o desejo do falante de especificar a forma de F. Há, ao longo da tese, diversos exemplos em que o objeto bola é utilizado sem a presença desse tipo de posposição.

Por fim, percebemos que, em relação a essa noção topológica vertical, há termos de localização estática, como *warany- 'y* ‘embaixo-LOC’, *warana- 'u* ‘embaixo-LOC’ e *waran ii* ‘embaixo LOC’, que são usados para todas as formas de F e G, sejam estes animados ou não, em grande escala ou não. Outros, como *uruda- 'a* ‘calcanhar-LOC’, *waran iki* ‘embaixo POSP.DIST’, são específicos e caracterizam com mais detalhes F e/ou G. O termo *urud*

‘calcanhar’, por exemplo, humanifica G, nomeando-o como uma parte do corpo humano, ‘calcanhar’. Já a posposição *iki* ‘POSP.DIST’ indica que F mantém uma distância de G e que possivelmente o falante percebe que há um ponto inicial e um ponto de chegada, mas F está no meio dessa trajetória<sup>47</sup>. E a última posposição, *ida*, mostra-se presente em poucas sentenças dos dados coletados<sup>48</sup>. Geralmente, ela está presente sem o termo *waran*, diferentemente da maioria dos dados da pesquisa.

A partir de tudo o que foi mencionado neste tópico, expomos no Quadro 4 um resumo das formas identificadas.

**Tabela 4** - Termos de localização da língua wapixana (*F embaixo de G*)

<i>F embaixo de G</i>						
TERMOS DE LOCALIZAÇÃO	POSPOSIÇÕES					
	<i>Posposições gerais-LOCATIVOS</i>			<i>Fs e Gs específicos</i>		
				F está no percurso	G é caracterizado como corpo humano	F arredondado
	-’y	-u	ii	<i>iki</i>	-’a	<i>ida</i>
<i>waran</i> ‘em baixo’	X	X	X	X		
<i>urud</i> ‘calcanhar’					X	
Sem termo de localização						X

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.6 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: *F EM CIMA DE G*

A relação topológica vertical *F está em cima de G* pode ser expressa de várias formas, assim como a relação topológica anterior. Primeiramente, observamos que, para essa relação topológica vertical, a língua wapixana diferencia os Gs em dois tipos: os que são de maior escala, como casa, árvore e montanha, e os que são de menor escala, como pedra, cadeira e mesa. Isso é perceptível na utilização do termo *zuway ii* ‘no topo’, que ocorre apenas para elementos de grande escala e somente quando F está localizado no ponto mais alto, como

<sup>47</sup> Discutiremos mais detalhadamente essa posposição no tópico 4.6.

<sup>48</sup> É necessário mais pesquisas sobre essa posposição para poder ter afirmações mais sólidas sobre o ambiente semântico em que se encontra.

podemos observar na resposta à pergunta-*onde* do exemplo (128).

- (128) *kuraidaunaa kabayn zuway ii*  
 criança casa topo LOC  
 ‘A criança está no topo da casa.’



Possivelmente *zuway* ‘topo’ tem sua origem na palavra *zuay* ‘cabeça’, ponto mais alto do corpo humano. Isso faz sentido, haja vista que muitas línguas do estudo de Bowden (1992) nomearam a relação topológica *F em cima de G* fazendo associação aos membros superiores do corpo humano, principalmente à cabeça, à face, aos ombros, à testa e ao cabelo, em ordem de preferência dos falantes.

Na imagem do exemplo (128), percebemos um G de grande porte (casa) com um relevo (telhado) e em seu ponto mais alto temos F (bebê). Essa relação é codificada com o termo *zuway* ‘topo’ e com a posposição de localização *ii*. Em relação a esse termo, percebemos que ele só pode ser combinado com a posposição *ii*.

Em contraste, na imagem do exemplo (129), em que F não se posiciona exatamente no ponto mais alto de G, obtemos outra resposta para a pergunta-*onde*: o termo *pau ii* ‘em cima de’. Assim, observamos a diferença no uso das posposições *zuway ii* ‘no topo’ e *pau ii* ‘em cima de’, conforme podemos constatar logo abaixo:

- (129) *kuraidaunaa kabayn pau ii*  
 criança casa cima LOC  
 ‘A criança está em cima da casa.’



Com isso, percebemos que *zuway* ‘topo’ é usado apenas para G de grande escala, ao contrário do termo *pawa* ou *pau* (sua forma reduzida), que pode ser usado em G de grande ou pequena escala, inclusive com várias posposições além de *ii*.

- (130) *tarawin misbara pawa-'u*  
 lagarta mesa cima-LOC  
 ‘A lagarta está em cima da mesa.’



- (131) *mari-i*            *table*            *pawa-'a*  
 faca-NPOSS    mesa            cima-LOC  
 ‘A faca está em cima da mesa.’



As duas formas mais recorrentes para designar a relação *F em cima de G* são *pawa-'u* ‘em cima-LOC’ e *pawa-'a* ‘em cima-LOC’, representadas respectivamente nos exemplos (130) e (131). As duas posposições, *-'a* e *-'u*, foram se apresentando intensivamente, sendo utilizadas com qualquer tipo de F e de G, não demonstrando nenhuma diferença semântica no uso dessas formas.

Já a posposição livre do exemplo (132), que utiliza a posposição *an*, é encontrada na forma *pawa an* ‘em cima POSP.F.líquido’ e caracteriza F como estando em um estado líquido e não contido em um continente. Essa posposição será discutida mais detalhadamente na seção 4.8.1, que trata especificamente da relação topológica “F contido/não contido em G”.

Até então, observamos essa posposição sendo utilizada somente quando F é um líquido não contido em recipiente. Entretanto, o mesmo não acontece quando G está em estado líquido, como no exemplo (133), em que a posição de F *kanau* ‘canoa’ está na superfície de G *wa'uz* ‘rio’.

- (132) *wyn*            *misa*            *pau*    *an*  
 água            mesa            cima    POSP.F.líquido  
 ‘A água está em cima da mesa.’ (derramada)



- (133) *kanau*            *wa'uz*            *pawa-'u*  
 canoa            rio            cima-POSP  
 ‘A canoa está no rio.’



Outra forma de expressar essa mesma relação topológica “F (líquido não contido) em cima de G” está em (134), em que o adjetivo *xutaka'u* ‘derramado’ está presente na sentença. Nesse caso, a posposição utilizada é *-'u* ou *-'a* ‘Locativo geral’, demonstrando mais uma vez que não há diferenças semânticas entre as posposições mencionadas. Sendo assim, entendemos que a posposição *an* contém intrinsecamente uma semântica ligada ao termo *xutaka'u* ‘derramada’, por isso não necessita do adjetivo na expressão linguística ao utilizá-la,

pois o falante compreende o modo em que a água se encontra.

- (134) *wyn*     *xutaka-'u*             *misbara*             ***pawa-'u***             cima-LOC  
 água     derramada-ADJR     mesa  
 ‘A água derramada está em cima da mesa.’

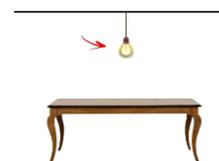


- (135) *wyn*     *xutaka-'u*             *table*             ***pawa-'a***             cima-LOC  
 água     derramada-ADJR     mesa  
 ‘A água derramada está em cima da mesa.’



No exemplo (123), temos a expressão *waran iki* ‘embaixo de POSP.DIST’, em que a posposição *iki* é utilizada quando F *suu* ‘aranha’ está pendurado embaixo de G *misbara* ‘mesa’. Em imagens semelhantes a essa noção de pendurar, a relação topológica *F em cima de G* se comporta de outra forma, ou seja, não utilizando a posposição *iki*. Isso evidencia a presença de *iki* em relações topológicas em que *F está de alguma forma ligado a G (por um fio)* e/ou ainda *F está entre dois pontos, numa trajetória*.

- (136) *lâmpada*     *sawkinpen*     *misbara*     ***pawa***     ***ii***  
 lâmpada     pendurada     mesa     cima     LOC  
 ‘A lâmpada está pendurada em cima da mesa.’

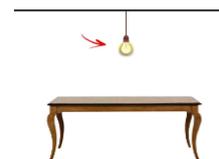


- (137) *suu*             *missa*             ***pau***             ***ii***  
 aranha             mesa             cima             LOC  
 ‘A aranha está em cima da mesa.’



De acordo com os dados analisados, a forma *pawa ii* ‘em cima LOC’, que possui a forma reduzida *pau ii* ‘em cima loc’, é pouco recorrente na língua wapixana, assim como *duku ii* ‘no alto LOC’, em (138). Esse último termo de localização apareceu apenas uma vez quando relacionado a G (mesa), evidenciando a mesma relação *F em cima de G*, possivelmente, desta vez, evidenciando a percepção do falante em relação à altura, ou seja, mais alto.

- (138) *light*      *kazdinpen*    ***duku***      ***Ii***  
 luz              pendurada    alto            LOC  
 ‘A lâmpada está pendurada no alto.’



Outra questão interessante sobre o termo de localização *duku* ‘alto’ é que ele é utilizado também quando há uma distância entre F e o falante e não somente quando F está distante de G. Além disso, o termo pode combinar-se a diversas posposições, conforme podemos perceber nos exemplos (139) a (142).

- (139) *turuannary*    *sein sein-p-e-n*              ***duku***    ***ii***  
 trovão              trovejar-CONT-EP-MI    alto      LOC  
 ‘O trovão está trovejando no alto.’



- (140) *kiwierii*      ***duku***      ***na***  
 arco íris      alto            POSP.F.líquido  
 ‘O arco íris está no alto.’



- (141) *kutyzy-nau*    *zyta-p-a-n*              ***duku***    ***iki***  
 pássaro-PL    voar-CONT-EP-MI    alto      POSP.DIST  
 ‘Os pássaros estão voando em cima.’



- (142) *wyn*              *kawa-n*              ***duku***    ***iki***  
 água              cair-MI              alto      POSP.DIST  
 ‘A chuva está caindo do alto.’



O locativo geral *ii* é um locativo que representa *em* em português, evidenciado no exemplo (139), o que indica a localização estática. Isso nos permite concluir que os falantes de wapixana veem o *turuannary* ‘trovão/relâmpago’ como estático, localizado no céu.

Em (140), a posposição *an*, que indica F em estado líquido e não contido, pode ser utilizada também para expressar algum tipo de movimento, por exemplo, o de cruzar o céu, já

que em exemplos anteriores essa posposição pareceu indicar posição + movimento, e talvez ainda indicar um movimento acoplado, como é o caso da água derramada na mesa, podendo se espalhar ainda mais.

Já nos exemplos (141) e (142), a posposição *iki*, que indica distância e movimento de F, é utilizada para indicar se F está vindo em direção ao falante, ou seja, para os wapixana, *kutyzynau* ‘pássaros’ está vindo até o falante, assim como eles podem ter interpretado a imagem em que *wyn* ‘água’ está caindo até o falante. Outra observação importante é que, no exemplo (142), F foi representado por *wyn* ‘água em movimento’. Nesse caso, a posposição usada não é *an* ‘POSP.F.líquido’, que a princípio caracteriza F em estado líquido, mas a posposição *iki* ‘POSP.DIST’, que mostra distância entre o falante, F e G.

Ainda sobre a relação espacial *F em cima de G*, observamos que, quando G é representado por *imibara* ‘chão’, este pode ser combinado com os três locativos gerais *ii*, *-’u* e *-’a*, como percebemos em (143), (144) e (145). A partir desses exemplos, ainda não conseguimos perceber distinções entre as três posposições evidenciadas aqui.

- (143) *kuty’yz*      *ximek*      *imi-bara-’a*  
 pássaro      rede      barro-lavrado-LOC  
 ‘O ninho de pássaro está no chão.’



- (144) *kuty’yz*      *ximek*      *imi-bara-’u*  
 pássaro      rede      barro-lavrado-LOC  
 ‘O ninho de pássaro está no chão.’



- (145) *kuty’yz*      *ximek*      *imi-bara*      *ii*  
 pássaro      rede      barro-lavrado      LOC  
 ‘O ninho de pássaro está no chão.’



Em suma, observamos que o termo de localização *zuway* ‘topo’ é utilizado quando: a) G é considerado de grande escala (casa); b) há proximidade entre F e G; e c) F está na parte mais alta de G. Esse termo aceita apenas a posposição *ii*. Já o termo de localização *pawa* ‘cima’, é utilizado tanto com G sendo considerado de pequena escala (mesa) ou de grande escala (casa), mantendo também uma relação de proximidade entre F e G e aceitando as posposições *ii*, *an*, *-’a* e *-’u*. O termo *duku* ‘alto’ é utilizado quando há uma certa distância

entre o falante, F e G. Esse termo aceita as posposições *ii*, *an* e *iki*. Por fim, quando tem-se G representado por *imibara* ‘chão’, não é utilizado nenhum termo de localização, de acordo com os dados coletados, são utilizadas apenas as posposições *ii*, *-’a* e *-’u*. Percebemos, com isso, que em todos os termos de localização há a utilização da posposição *ii*, sendo assim um locativo geral para esse tipo de relação topológica vertical *F em cima de G*.

Outra observação que fizemos sobre as posposições utilizadas nessa relação espacial é que não encontramos quaisquer diferenças no uso das sentenças que utilizam as posposições *-’a*, *-’u* e *ii*. Já a posposição *an* é utilizada apenas quando F está em estado líquido e/ou em movimento, como a água ou arco-íris (formado por luz branca solar em contato com gotas de água na superfície). No entanto, quando G é representado por um estado líquido, não temos a utilização da posposição *an*, mas sim *-’u*.

A posposição *iki* é utilizada quando os wapixana acreditam que há movimento de F em direção ao falante, por exemplo, eles não dizem que o pássaro está no céu (de forma estática), mas dizem que o pássaro está voando alto, inserindo a posposição *iki* para indicar movimento e, possivelmente, a direção em que o pássaro está voando.

Como podemos perceber por meio dos exemplos dispostos nesta seção, para expressar a relação espacial topológica *F em cima de G*, são utilizados três termos (*zuway* ‘topo’, *pau/pawa* ‘cima’ e *duku* ‘alto’), combinados com cinco posposições (*ii*, *-’u*, *-’a*, *na* e *iki*). Para melhor visualização dessa combinação, criamos a tabela a seguir:

**Tabela 5** - Termos de localização da língua wapixana (*F em cima de G*)

<i>F em cima de G</i>							
	Proximidade de F e G	TERMOS DE LOCALIZAÇÃO	POSPOSIÇÕES				
			Posposições gerais			F específico	
			<i>ii</i>	<i>-u</i>	<i>-’a</i>	<i>an</i> (F líquido não contido)	<i>iki</i> (F vem em direção ao falante)
ALTO	Próximo	<i>zuway</i> ‘topo’ (somente para G de grande escala)	X				
	Distante	<i>duku</i> ‘alto’	X			X	X
	Distante	<i>pau/pawa</i> ‘cima’	X				
BAIXO	Próximo	<i>pau/pawa</i> ‘cima’		X	X	X	
	Próximo	<i>imibara</i> ‘chão’	X	X	X		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Como podemos observar nessa tabela, o termo de localização que pode combinar todas as posposições é *pau/pawa* ‘cima’, inclusive com a posposição *an*, que necessita de F específico para aparecer na sentença (água derramada). Todavia, a posposição que pode se relacionar com todos os termos de localização é *ii* ‘LOC’, apesar de ser a menos recorrente nos dados. Sendo assim, *-u* e *-’a* são as posposições mais recorrentes no conjunto dos dados coletados, podendo ser combinadas somente com *pau/pawa* ‘cima’.

#### 4.6.1 Relação topológica: *F (animado) em cima de G (animado)*

Por mais que uma das características de G seja a imobilidade ou a estaticidade, esta pesquisa se preocupou em observar a animacidade tanto em F como em G, pois, conforme Heine (1989), os animais quadrúpedes são importantes centros dêiticos culturalmente determinados. Segundo o autor, os modelos de elementos zoomórficos têm como exemplo a relação espacial *F em cima de G*, que é derivado de “costa”, já que a costa do animal

representa que está em cima dele.

Em wapixana encontramos as seguintes formas para expressar a relação topológica *F em cima de G*, em que G é um animal quadrúpede: *pawa'a* ‘em cima’ e *baray* ‘costa’. O exemplo (146) mostra apenas o termo de localização *pawa* ‘cima’ juntamente com o locativo geral -'a. Observe que F, quando animado, *puwat* ‘macaco’, costuma vir acompanhado com um verbo de posição, nesse caso, *sakatapan* ‘sentar’. No entanto, o mesmo não acontece com G *kawaru* ‘cavalo’, ou seja, não necessita de verbo de posição para acompanhá-lo.

Já no exemplo (147), é apresentado o termo de localização e parte do corpo *baray* ‘costa’. Esse termo foi usado para indicar o lugar em que F se encontra, mas também o falante sentiu necessidade de acrescentar o termo de localização *pawa* e o locativo geral *ii*.

- (146) *puwat sakata-p-a-n kawaru pawa-'a*  
 macaco senta-CONT-EP-MI cavalo cima-LOC  
 ‘O macaco está sentado em cima do cavalo.’



- (147) *kawaru puwat ii baray pawa*  
 cavalo macaco LOC costa cima  
 ‘O macaco está em cima da costa do cavalo.’



Apesar de não estar na relação topológica *F em cima de G*, acreditamos ser importante trazer uma informação em relação a F e G serem animados. Em wapixana, é possível haver sentenças espaciais com termos de localização derivados da parte do corpo, como no exemplo (148), que temos o termo *barayantanap* ‘atrás’, derivado do termo *baray* ‘costa’.

- (148) *arimerak Sakantapan zynaba baray-anta-nap*  
 cachorro sentado mulher costa-pela-  
 TCL:localização



‘O cachorro está sentado atrás da mulher.’

Enfim, em wapixana temos alguns termos que utilizam as partes do corpo humano, assim como partes do corpo de animais, como termos de localização. Entretanto, eles fazem parte de um conjunto de termos espaciais utilizados pela língua e não são vistos como centrais da codificação de espaço da língua.

#### 4.7 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: *F DENTRO DE G*

As relações topológicas podem se manifestar linguisticamente de diversas maneiras, utilizando muitas classes de palavras e várias interações entre elas, como já foi discutido no capítulo 2. Por exemplo, a língua baure, de acordo com Admiraal (2016), expressa a localização não angular através do marcador locativo *-ye* sem qualquer especificação adicional, independente da relação topológica. Isso já não é o caso da língua wapixana, como podemos perceber nos tópicos acima, que tratam de relações topológicas *F embaixo de G* e *F em cima de G*, e também comprovaremos neste tópico *F dentro de G*.

A relação *F dentro de G* é a relação topológica em que temos G como contêiner no qual F está inserido total ou parcialmente. Em muitas línguas, essa relação é expressa mostrando diferenças entre a inserção de F (total, parcial, submerso). Entretanto, a língua wapixana pode utilizar dois termos de localização, não para indicar o nível de imersão de F, mas para indicar a relação espacial ‘dentro’, diferenciando-os de acordo com as características de G.

Em (149), o termo de localização *bauku* ‘dentro’ é usado apenas para a relação topológica em que G é representado em um estado líquido, em que F *kupay* ‘peixe’ está imerso totalmente em G *wyn* ‘água’. Em (150), o termo de localização seguinte é *nazu* ‘dentro’, usado para G sendo sólido, no caso do exemplo, *box* ‘caixa’. Os dois termos de localização mencionados são usados com o locativo geral *ii*.

- |       |                                |            |                     |           |
|-------|--------------------------------|------------|---------------------|-----------|
| (149) | <i>kupay</i>                   | <i>wyn</i> | <b><i>bauku</i></b> | <i>ii</i> |
|       | peixe                          | água       | dentro              | LOC       |
|       | ‘O peixe está dentro da água.’ |            |                     |           |



- (150) *karichaa box nazu ii*  
 caderno caixa dentro LOC  
 ‘O caderno está dentro da caixa.’



Em wapixana, o termo de localização *nazu* ‘dentro’ é utilizado para todos os tipos de F e G (imersos total ou parcialmente), exceto líquido. Esse termo também pode ser combinado com diversas posposições. Observe os casos apresentados nos exemplos (151) a (154). Eles utilizam o termo de localização *nazu* ‘dentro’, ou seja, independente da animacidade e forma de F (onde temos humanos, animais, planta e objeto).

No exemplo (151), F *arimerak* ‘cachorro’ está dentro de G *kabayn* ‘casa’, com possibilidade de saída. Para o colaborador da pesquisa, F olha de dentro de G em direção ao falante, mostrando assim distância entre F e o falante, além de indicar a direção do olhar. Dessa forma, a posposição utilizada é *iki* ‘POSP.DIST’, o que não acontece no exemplo (152), em que temos F *kuty’yz* ‘pássaro’ totalmente preso em G *padap* ‘sua.casa’. Nesse caso, foi utilizado o locativo geral - ‘u.

No exemplo (153), F é representado por *daunaiura* ‘homem’, que, na visão do falante, está se movimentando dentro de G *kabayn* ‘casa’. Por isso, a posposição usada para especificar essa relação topológica é *an*, pois F, apesar de não estar em estado líquido, está em movimento.

No exemplo (154), F é representado por *kyryky dan* ‘pintinho’ e G por *mau’yn* ‘poço’. Nesse caso, G é um objeto longo verticalmente, assim, o falante entende que F caiu, o que gerou uma distância entre o falante e F ‘pintinho’. Por isso, a posposição utilizada foi *iti* ‘ALATIVO’, que demonstra a direção de F.

- (151) *arimerak auwyn-y-t-p-a-n kabayn nazu iki*  
 cachorro olho-EP-VR-CONT-EP-MI casa dentro ELAT  
 ‘O cachorro está olhando de dentro da casa.’



- (152) *kuty’yz pa-dap nazu -’u*  
 pássaro ANAF-casa dentro LOC  
 ‘O pássaro está dentro da casa dele.’



- (153) *daunaiura dubat-a-n kabayn nazu na*  
 homem passar-EP-MI casa dentro PERL  
 ‘O homem passou por dentro da casa.’



- (154) *kyryky dan waut-a-n mau'yn nazu iti*  
 galo filho cair-EP-MI poço dentro ALAT  
 ‘O pintinho caiu dentro do poço.’

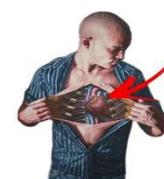


Em (155), temos como F *aikyu* ‘cérebro’ e G *zuway* ‘cabeça’. Nesse caso, F está totalmente inserido em G e não há possibilidade de saída, assim como no exemplo (152), ‘o pássaro está na casa dele’, e no exemplo (156), que temos como F *nhikynyy* ‘coração’ e G *daunaiura* ‘homem’. Por isso, o uso do locativo geral -’*u* nos três exemplos.

- (155) *aikyu zuway nazu -’u*  
 cérebro cabeça dentro LOC  
 ‘O cérebro está dentro da cabeça.’



- (156) *nhikynyy daunaiura nazu -’u*  
 coração homem dentro LOC  
 ‘O coração está dentro do homem.’



Por mais que neste trabalho tenhamos focado na relação espacial estática, somente os exemplos que utilizam o locativo -’*u* são tidos como estáticos. Os demais exemplos que combinam com as posposições *iti*, *iki* e *an* são entendidos pelos falantes como dinâmicos.

Já a posposição *an*, que se encontra no exemplo (153) juntamente com *nazu* ‘dentro’, faz sua combinação em *nazu an*, traduzido como ‘por.dentro’, já que os colaboradores entendem que F (homem) faz um movimento de deslocamento dentro de G (casa). Sendo assim, classificamos essa posposição como perlativo.

O exemplo (154) utiliza a posposição *iti*, que também mostra direção, se assemelhando ao exemplo (151), que usa a posposição *iki*. No entanto, em (154), ao invés de mostrar uma ação que vem de encontro ao falante, a posposição *iti* mostra o inverso,

representa a ação de F se afastar do falante, como no caso em que F (pintinho) caiu em G (poço) e conseqüentemente se afasta do falante. Portanto, classificamos *iki* como elativo e *iti* como alativo, concordando com Santos (2006) e Almeida (2017). Dessa forma, tentaremos mostrar essa relação através das imagens abaixo, para melhor entendimento.

**Figura 22** - Movimento/direção de F em relação ao falante



Fonte: a própria autora.

Nesse sentido, por mais que Fs estejam em posições estáticas nas imagens — o pintinho no fundo do poço e o cachorro dentro da casinha — há relações de movimento (direção) que se orientam ao falante como ponto de referência. Além disso, sintaticamente, nos dois exemplos, há verbos de ação: o verbo *auwynytpan* ‘olhar’, em (151), e o verbo *wautan* ‘cair’, em (154). Esses verbos de ação pedem indicação de movimento/orientação. Assim, essa relação é perceptível ao observarmos outro exemplo que também mostra a relação vertical de queda. Aqui, no entanto, F *wyn* ‘água’ está em movimento e a posição habitual do falante é embaixo da chuva, assim, temos o uso do elativo *iki*, já que a chuva está vindo em direção a ele.

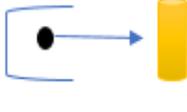
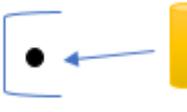
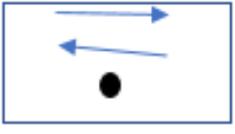
- (157) *wyn*            *kawa-n*            *duku*            *iki*  
 água            cair-MI            alto            POSP  
 ‘A chuva está caindo do alto.’



Além do uso dos termos de localização *bauku* e *nazu*, que caracterizam G, o primeiro

utilizado para indicar G em estado líquido e o segundo para G em estado sólido, ambos auxiliam na interpretação da relação *F dentro de G*. A língua wapixana utiliza também diversas posposições: a locativa *-’u*, a perlativa *na* e as elativas *iki* e *iti*. Dessa forma, a relação topológica *F dentro de G* é representada pelos mais variados termos de localização e pelas posposições, *bauku ii*, *nazu ii*, *nazu ’u*, *nazu an*, *nazu iki* e *nazu iti*. A Tabela 6 resume as diferenças e semelhanças entre os termos, as posposições e suas relações entre F e G.

**Tabela 6** - Termos de localização da língua wapixana (*F dentro de G*)

<i>F dentro de G</i>			
Relação de F e G	Termo de localização	Posposições	Especificidades
<i>RELAÇÕES ESTÁTICAS</i>			
	<i>bauku</i> 'dentro'	<i>ii</i>	Usado especificamente quando G está em estado líquido.
	<i>nazu</i> 'dentro'	<i>ii</i>	Usado quando G não prende totalmente F. Há possibilidade de F sair.
		<i>-’u</i>	Usado quando G prende totalmente F. Não há possibilidade de F sair.
<i>RELAÇÕES QUE CONTÊM MOVIMENTO</i>			
	<i>nazu</i> 'dentro'	<i>iki</i>	Usado quando F (mesmo dentro de G) faz algum movimento de encontro ao falante.
		<i>iti</i>	Usado quando F se afasta do falante e vai ao encontro de G.
		<i>an</i>	Usado quando F se movimenta dentro de G.

Fonte: a própria autora

Por mais que nas imagens representativas das relações de F e G (que contêm movimento) geralmente seja mostrada a orientação horizontal, as relações de movimento podem ocorrer na vertical sem mudar a estrutura e o sentido da sentença. Dessa forma, ainda que nosso foco sejam as relações estáticas, os colaboradores entenderam que muitas relações estabelecidas de *F dentro de G* representam *resultados* de alguma ação. Por exemplo, quando mostramos a imagem do pintinho (F) dentro do poço (G), automaticamente os colaboradores tiveram a perspicácia de saber que um pintinho não estaria dentro de um poço por vontade própria ou vontade de um terceiro, logo, o animal em questão ‘caiu’ dentro do poço. Ponto interessante, pois esse exemplo demonstra como a codificação do espaço está atrelada e dá indícios da cosmovisão de um povo, uma vez que os colaboradores apontam para o processo que leva F a estar dentro de G, e não para o resultado, como em outras línguas. Na língua portuguesa, por exemplo, o mais provável seria algo do tipo ‘o pintinho está dentro do poço’.

#### 4.7.1 Relação topológica: *F em meio a G*

A língua wapixana apresenta três termos de localização que representam a relação de *F em meio a G*: os termos *bauwyy* ‘meio’, *bi'i* ‘meio.misturado’ e *zikun* ‘meio.metade’. Por outro lado, para indicar a relação *F está na beira de G*, há apenas *danum* ‘beira’. Todos esses termos de localização caracterizam G e não F, como na maioria das relações topológicas até aqui discutidas. Nas relações *F está em meio a G*, os Gs não possuem cavidade (como alguns Gs na relação topológica anterior ‘dentro’), ou seja, essas relações requerem que G seja plano e que envolva F de alguma forma.

O exemplo (158) traz o termo de localização *danum* ‘beira’, o qual representa o limite do espaço de G, a beira de algum lugar, podendo ser rio, água, lago, precipício ou barranco. Até o momento, é o único termo de localização que indica esse tipo de relação espacial, em que “F está na beira de G”. Esse termo de localização geralmente é combinado com o locativo *ii*.

Ao contrário do termo *danum* ‘beira’, o exemplo (159) traz o termo de localização *bauwyy* ‘meio’ combinado com a posposição *ii*. Essa expressão de localização foi encontrada em nossos dados somente quando G é representado por mato/floresta, terreiro e aldeia.

Assim como os termos anteriores, o termo de localização *bi'i* ‘meio.misturado’ caracteriza Gs que, de certa forma, são ‘misturados’, como comida, massa de macaxeira,

lama, lodo e cera de ouvido. Esse termo também é combinado com o locativo geral *ii*, conforme o exemplo (160).

Por fim, *zikun* é um termo que indica ‘meio.metade’ de um G caracterizado como um objeto, por exemplo, um banco, uma fruta (como coco), um período de tempo, como meia-noite, ou localidade, como meio da aldeia, ou ainda um lago, como visto em (161).

- (158) *kainha'a iribe dydybaru wa'uz danum ii*  
 EXIST muito maruin rio beira LOC

‘Tem muitos maruins na beira do rio.’

(Silva; Silva, Oliveira, 2013, p. 41)

- (159) *yryy waziudi-nhan kanuku bauwyy ii*  
 3SM perdido-REFL mato meio LOC

‘Ele está perdido no meio do mato.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 205).

- (160) *kiberu sakanpan daari bi'i ii*  
 sapo sentar-CONT-EP-MI lama meio.misturado LOC

‘O sapo está sentado no meio da lama.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 237).

- (161) *un dap kabay-nhau y-zikun ii*  
 1S casa casa-PL 3-meio.metade LOC

‘Minha casa está no meio da aldeia.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 145).

#### 4.7.2 Relação topológica: *F encaixado em G*

Há também em wapixana uma posposição que é usada sem termos de localização para representar a relação topológica *F encaixado em G*, a posposição *di'it* ‘POSP.ENC’. Geralmente, nessas relações, G possui algum tipo de curva que, de certa forma, se encaixa em F. A posposição *di'it* ‘POSP.ENC’ é utilizada com verbos que indicam o movimento de

colocar, encaixar ou cair, como em (162) a (165).

Percebemos que no exemplo (164) há G *ka'ynary* 'buraco' em que F *uran* 'paca' entra, ou seja, a paca se encaixa nesse buraco. No exemplo (162), F *dynaa* 'carne' é posto em G *parapi* 'prato', também um caso de encaixe.

Apesar de a tábua ser plana e reta, sem buracos, aparentemente os wapixana subentendem que tábua é feita para ser pregada ou que este é o lugar próprio do prego, assim como o chão, no exemplo (164), que é o lugar próprio para a paca fazer buracos ou o lugar das pacas. Da mesma forma, no exemplo (162), o prato foi feito para se pôr comida, no caso, a carne. Observe também que essas imagens representam situações canônicas, ou seja, relações muito intrínsecas entre F e G, no sentido de que compõem a natureza ou a essência de algo ou de alguém; natural, inerente.

(162) *ungary* *myyda-n* *dynaa* *parapi* ***di'it***  
 1S colocar-MI carne prato POSP

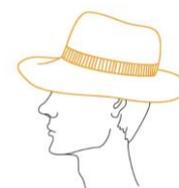
'Eu coloquei a carne no prato.'



(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 37).

(163) *ungary* *myydan* *kuamai* *yryy* ***di'it***  
 1S colocar-MI chapéu 3SM POSP

'Eu coloquei chapéu nele.'



(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 37).

(164) *uran* *muruta-n* *ka'ynary* ***di'it***  
 paca entrar-MI buraco POSP

'A paca entrou no buraco.'



(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 140).

(165) *ungary* *tayka-n* *nii* *putuptury* *parank* ***di'it***  
 1S pregar-MI NPRS prego tábua POSP

'Vou pregar prego na tábua.'



(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 224).

A partir desses exemplos, percebemos que, em todos os Gs, há uma curvatura para o encaixe de F, exceto o exemplo (163), em que G é representado por um homem *yryy* ‘ele’ e F é representado pelo chapéu. Ou seja, nesse exemplo, F não se encaixa em G, mas, o inverso, o que não modifica o uso da posposição *di’it*. Em todos os exemplos, evidencia-se uma inerência de F em G.

#### 4.8 RELAÇÃO TOPOLÓGICA: *F FORA DE G*

A relação topológica *F fora de G* é representada na língua através do termo *panibi* ‘fora’ e da posposição *ii*, assim como em (166). Entretanto, esse termo é usado apenas para retratar contextos que indicam o lado de fora da casa, ou seja, algo muito parecido com quintal ou terreiro, assim como é designado esse termo em wapixana *panibizzu* ‘quintal’.

- (166) *arimerak pa-dap panibi ii*  
 cachorro ANAF-casa fora POSP  
 ‘O cachorro está fora da casa.’



- (167) *aiap py-tynyit-a-n bu’utii panibi ii*  
 precisar 2S-esticar-EP-MI laço fora POSP  
 ‘Precisa esticar o laço lá fora.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.171).

Os exemplos (166) e (167) nos fazem pensar que a relação topológica *F fora de G* na língua wapixana não é representada conforme a maneira convencional (algo que não está dentro de um contêiner), mas temos a hipótese de que os wapixana observam como se tudo (F) estivesse dentro de alguma coisa (G). Por exemplo, eles não consideram um cachorro do lado de fora da casa, mas percebem o cachorro *no* quintal de casa, ou seja, para eles, o cachorro (F) está dentro do quintal (G).

Os exemplos (168) e (169) também colaboram para essa hipótese. Usamos uma borboleta para representar F e um vidro para representar G. No exemplo (168), os

colaboradores consideram que ‘a borboleta está dentro do vidro’, mas, em nenhum momento eles consideraram que ‘a borboleta está fora do vidro’.

- (168) *makuparu paraskuu nazu ii*  
 borboleta vidro dentro POSP  
 ‘A borboleta está dentro do vidro.’



- (169) *makuparu zyyt-p-a-n*  
 borboleta voar-CONT-EP-MI  
 ‘A borboleta está voando.’



- (170) *aka maunap ka'yz ii*  
 fruta perto panela POSP  
 ‘A fruta está perto da panela.’

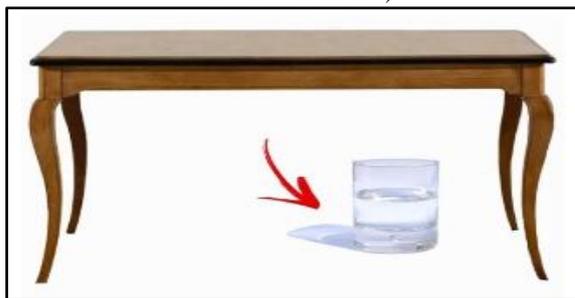


Dessa forma, percebemos que possivelmente essa relação é entendida pelos wapixana de maneira diferente de como compreendemos na língua portuguesa, por exemplo. Há ainda uma outra forma de expressar essa relação topológica utilizando o termo de localização *maunap* ‘perto’ para indicar proximidade entre F e G, como vemos em (170). Mas, ainda assim, os colaboradores não levam em consideração ‘fora’.

#### 4.8.1 Relação topológica: *F contido/não contido em G*

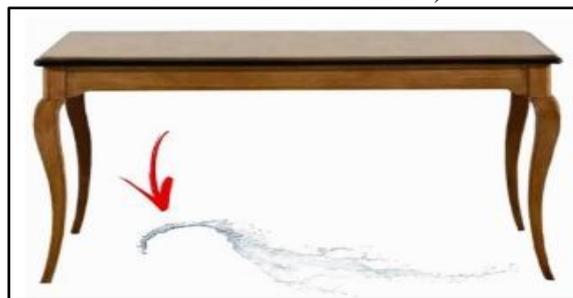
A língua wapixana, para expressar F (água sendo um conteúdo contido) e F (água sendo um conteúdo não contido), conforme as imagens 23 e 24 abaixo, usa diferentes posições, dependendo se F está contido ou não.

**Figura 23** - Água (F) está embaixo da mesa (água está em um continente)



Fonte: elaborado pela autora.

**Figura 24** - Água (F) está embaixo da mesa (G) (água não está em um continente)



Fonte: elaborado pela autora.

A relação *F contido/não contido em G* inicialmente foi pesquisada com a hipótese de que entraria na relação *F embaixo de G*, pois entendíamos que os falantes considerariam *F (copo com água/água) está embaixo de G (mesa)*. Entretanto, em wapixana, os falantes consideram *F (líquido) contido em G (xícara)*, sem levar em consideração a mesa como *G*.

Para indicar *F (líquido) contido em (G)*, a língua wapixana utiliza alguns locativos gerais *ii* ou *-y*, conforme demonstram os exemplos (171) e (172).

- (171) *kainha'a wyn cup nazuu mesa warany -'y*  
 EXIST água xícara dentro mesa embaixo LOC  
 'A água está dentro da xícara embaixo da mesa.'



- (172) *wyn table waran ii*  
 água mesa embaixo LOC  
 'A água está embaixo da mesa.'



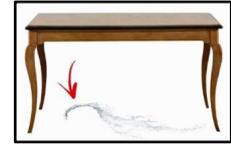
Já para indicar *F (água) não contida em um recipiente G*, outra posposição faz-se presente, a posposição *an*, em (173), usada especificamente para esse caso. Além da posposição *an*, tem-se outra forma de indicar *F (água não contida) embaixo de G*, como o léxico *xuwan* 'derramada' juntamente com o locativo geral *-y*, no exemplo (174).

Percebemos no exemplo (173) que a palavra *xuwan* não estava presente nas outras sentenças, assim, possivelmente a posposição *an* indica essa relação de *F (água) não estar contida*. Já no exemplo seguinte percebemos a presença do léxico *xuwan* 'derramada', indicando o modo com a água se encontra.

- (173) *wyn zamak waran an*  
 água rede embaixo POSP.F. líquido  
 ‘A água está embaixo da rede.’ (derramada)



- (174) *kainha 'a wyn xuwan mesa warany -'y*  
 EXIST água derramada mesa embaixo LOC  
 ‘Tem água derramada embaixo da mesa.’



Por fim, as relações topológicas na língua wapixana utilizam termos de localização e posições, além de fazerem distinções de seus usos em relação a F (animacidade, forma) e a G (forma, direção). Por mais que saibamos que as relações topológicas são estáticas, a própria língua e a percepção dos wapixana apresentam certas características que exigem a presença de verbos de ação e movimento, além de marcações para indicar esses movimentos.

## 5 QUADROS DE REFERÊNCIA EM WAPIXANA

Como já foi dito no capítulo 2, os Quadros de Referência (Q.R.) são unidades (ou a organização de unidades) que servem para identificar um sistema de *coordenadas* em que as propriedades do objeto são medidas (Rock, 1992, p. 404). Nesse sentido, se distinguem da topologia, já que esta última é independente de coordenadas. Neste capítulo, analisaremos os Q.R.s utilizados na língua wapixana para localizar F em relação a G. A primeira seção, 5.1, evidencia o Quadro de Referência Absoluto; a segunda, 5.2, enfatiza o Quadro de Referência Intrínseco; e a terceira, 5.3, mostra como a língua wapixana utiliza o Quadro de Referência Relativo.

### 5.1 QUADRO DE REFERÊNCIA ABSOLUTO

O Quadro de Referência Absoluto é um quadro que utiliza pontos cardeais para localizar F em G. Admiraal (2016) afirma que, na língua baure, mesmo que houvesse mudança na localização dos participantes do ato de fala, não haveria mudança na veracidade da expressão de localização. Ou seja, por mais que esses participantes mudem de ângulo, a localização ainda é válida.

O Quadro de Referência Absoluto é o menos recorrente na língua wapixana e é utilizado somente quando G é considerado de grande escala, assim como o exemplo (175), em que temos como G *kanuku* ‘mata’.

(175)	<i>Takutu</i>	<i>waukuz</i>	<i>kanuku</i>	<i>ai</i>
	Itacutu	leste	mata	POSP

‘O rio Itacutu está a leste da mata.’

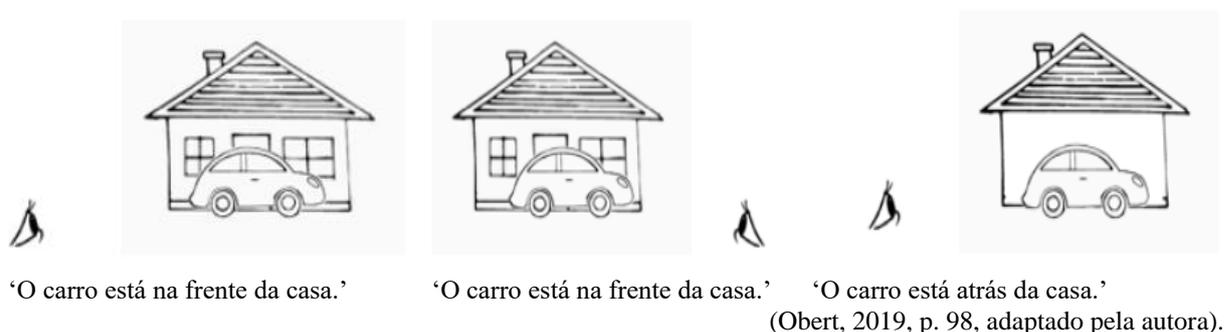
(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 108).

Possivelmente, o uso desse quadro tem a ver com os marcos significativos ambientais percebidos pelos wapixana, o que evidencia a natureza em que se inserem, como matas, rios e lagos. Isso não difere muito de outras línguas indígenas que também utilizam esse quadro, junto com marcos ambientais, como pontos de referência, como é o caso das línguas baure e dâw.

## 5.2 QUADRO DE REFERÊNCIA INTRÍNSECO

O Quadro de Referência Intrínseco se refere a expressões em que F está localizado em relação a uma região projetada, intrínseca e inerente de G. Esse quadro tem preferência quando G é representado por um objeto que possui uma orientação canônica. Por exemplo, em uma frase como “a cadeira está na frente da casa”, temos como F a cadeira e como G a casa, e a casa, por sua vez, inerentemente tem como frente o local onde está a entrada principal, geralmente voltada para a rua. Assim, por mais que o falante envolvido mude seu ângulo de localização, a frase continuará a mesma. Entretanto, se a cadeira estiver localizada do lado oposto da casa, a frase mudará para “a cadeira está atrás da casa”, como na Figura 25 abaixo, utilizada por Obert (2019, p. 98) para exemplificar a rotação do Quadro de Referência Intrínseco.

**Figura 25** - Representação da rotação do Quadro de Referência Intrínseco



### 5.2.1 Quadro de Referência Intrínseco: *F atrás de G*

Muitas línguas utilizam expressões contendo nomes de partes do corpo no Quadro de Referência Intrínseco. Assim também a língua wapixana demonstra a relação *F atrás de G* por meio de dois termos de localização: *baray* ‘costa’ e *dikin* ‘sombra’, e de três posposições: *ii*, *iti nap*, -’*u*, combinadas entre si.

O termo *baray* ‘costa’ é o mais usado em wapixana, de acordo com os dados coletados nesta pesquisa. O estudo de Bowden (1992), que analisou 104 línguas oceânicas, constatou que a maior recorrência para se referir à relação *F atrás de G* é o nome dado à parte do corpo *costa*, assim também como a preferência da língua wapixana.

Dessa forma, os exemplos (176) e (177) mostram o uso dos termos *baray* ‘costa’ e *dikin* ‘sombra’, ambos co-ocorrendo com a posposição de localização *ii* e indicando a relação

*F atrás de G.* Ao observarmos esses dados, não notamos nenhuma diferença semântica entre o uso dos termos.

- (176) *kuty'yz kabayn baray ii*  
 pássaro casa costa LOC  
 ‘O pássaro está atrás da casa.’



- (177) *kainha'a kuty'yz sud kabayn dikin ii*  
 EXIST pássaro pequeno casa sombra LOC  
 ‘Existe pássaro pequeno atrás da casa.’



Como foi dito, o termo mais usual para se referir à localização *F atrás de G* é *baray* ‘costa’. Entretanto, esse termo aparece com outras posições além de *ii*. Assim, temos exemplos com a construção *baray iti nap*<sup>49</sup>, usada com Fs e Gs específicos, como as representações de F *kuraidaunaa* ‘criança’ e G *jeep* ‘carro’.

- (178) *kuraidaunaa jeep baray iti nap*  
 criança jeep costa POSP TCL:localização  
 ‘A criança está atrás do jeep.’



Além das posições mencionadas acima, (179) mostra o termo de localização *barayia'u* ‘atrás’, que ocorre nos dados em menor proporção em relação à forma *baray ii*, visto em (176). Assim, ao observarmos o termo de localização em (179), percebemos que -*u*<sup>50</sup> é tratado por Nunes (2016) e Santos (2006) como adjetivador. Além disso, Santos (2006) e Pinho (2021) sugerem que esse morfema tem a função de intensificador de privação quando relacionado ao sufixo privativo *ma-*.

- (179) *kuty'yz kabayn baray -ia- 'u*  
 pássaro casa costa-EP-POSP  
 ‘O pássaro está atrás da casa.’



<sup>49</sup> Essa construção também é encontrada na língua wapixana como uma palavra com morfemas presos, como *barayitanap*. Entretanto, acreditamos que há apenas o acréscimo de um epêntese: *baray-it-a-nap* (costa-POSP-EP-TCL:localização).

<sup>50</sup> Esse sufixo teve ocorrência nos dados apenas de uma colaboradora da pesquisa.

A posposição apresentada em (181) teve pouquíssimas ocorrências nos dados coletados, apresentando-se apenas com F representado por *bola* e G *roda de carro*. A forma *maunap* ‘perto’ apareceu várias vezes na relação *F ao lado de G*, entretanto, a posposição *ida* não teve ocorrência nesse tipo de relação topológica, apenas na relação *F atrás de G*. A hipótese é que a forma circular de F (*bola*) e G (*roda*) possam ter influenciado o uso da posposição *ida*.

- (180) *kainha'a bola maunap jeep weeling ida*  
 EXIST bola perto jeep roda POSP  
 ‘Existe bola perto da roda do jeep’



A tabela 7 representa a relação topológica *F atrás de G*. Observa-se que a posposição *ii* pode se combinar com dois termos da língua: *baray* ‘costa’ e *dikin* ‘sombra’. O termo *baray* ‘costa’ é o mais utilizado com todas as posposições, exceto *ida*, que se combina exclusivamente com o termo *maunap* ‘perto’.

**Tabela 7** - Termos de localização da língua wapixana (*F atrás de G*)

<i>F atrás de G</i>				
TERMOS DE LOCALIZAÇÃO	POSPOSIÇÕES			
	<i>ii</i>	<i>iti nap</i>	<i>- 'u</i>	<i>ida</i>
<i>baray</i> ‘costa’	X	X	X	
<i>dikin</i> ‘sombra’	X			
<i>maunap</i> ‘perto’				X

Fonte: elaborado pela autora.

### 5.2.2 Quadro de Referência Intrínseco: *F está em frente a G*

A relação espacial horizontal *F em frente a G*, que utiliza o Quadro de Referência Intrínseco, é uma das menos complexas da língua wapixana. Os dados de todos os contribuintes da pesquisa concordam quanto ao uso do termo de localização *kanap* ‘frente’, revelando que esse elemento coocorre com a posposição livre *ii*, conforme podemos perceber em (181).



- (183) *kainha'a* *bola* *maxapan* *atamyn* *urud-'a*  
 EXIST *bola* *morar-CONT-EP-MI* *árvore* *calcanhar-POSP*



‘Tem uma bola embaixo da árvore.’ (Singular)

Percebemos que o único G representado por esse Q.R. é a árvore, possivelmente por ser localizado no próprio solo e também ser alongado e estático (no que se refere a não ser móvel). Nesse sentido, os wapixana utilizam o termo de localização *urud* ‘calcanhar’, parte do corpo, para representar a parte mais baixa (tronco ou raiz). Em contraste, ao observarmos a Figura 26, na qual temos uma árvore na horizontal, ou seja, na sua posição não canônica, obtivemos a resposta em (184).

**Figura 26** - Imagem de uma árvore em uma posição não canônica<sup>51</sup>



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/esqueleto-de-mil-anos-encontrado-embaixo-de-arvore-gigante-derrubada-na-irlanda-17497589>. Acesso em: 25 de junho de 2023

- (184) *daunaiura* *auwynny-t-p-a-n* *atamyn* *itixiba-'u*  
 homem *olho-VR-CONT-EP-MI* *árvore* *raiz-LOC*

‘O homem está olhando na raiz da árvore.’

<sup>51</sup> Essa imagem foi retirada de um site e a seta vermelha foi inserida na imagem para indicar F.

Observamos que em (184) não é utilizado o termo *urud* ‘calcanhar’, mas o termo *itixiba’u* ‘raiz’. Nesse sentido, por mais que mude o termo de localização, não há mudança no que concerne à posição *F está embaixo de G*, como podemos perceber, já que o homem ainda continua na parte inferior da árvore, raiz da árvore.

Dessa forma, percebemos que as relações espaciais horizontais, *F na frente de G*, *F atrás de G* e *F ao lado de G*, são representadas na língua wapixana através do Quadro de Referência Intrínseco somente quando G possui características canônicas e intrínsecas, assim como a relação espacial vertical *F embaixo de G*.

Além disso, em wapixana, as expressões espaciais que mencionam partes do corpo – *baray* ‘costa/atrás’ e *urud* ‘calcanhar’ – são usadas pelo Q.R. Intrínseco. Isso faz sentido, haja vista que as partes do corpo humano são relacionadas com as partes de G (objeto com características canônicas).

### 5.3 QUADRO DE REFERÊNCIA RELATIVO

Finalmente, consideramos o Quadro de Referência Relativo em wapixana. Ele difere dos Q.R.s Absoluto e Intrínseco no que se refere ao sistema utilizado. Enquanto estes dois utilizam o sistema binário, considerando apenas F e G, aquele utiliza o sistema ternário, o qual considera as coordenadas de um terceiro elemento, o Falante (ou visualizador).

**Figura 27** - Quadro de Referência Relativo de Admiraal (2016)



Relativo

A bola está à direita da árvore.

A bola está à esquerda da árvore.

(Admiraal, 2016, p.6 adaptado pela autora).

Em wapixana, a grande diferença do uso do Q.R. Intrínseco e do Q.R. Relativo deve-se às características de G. Assim, se G for considerado assimétrico e com características canônicas, em que frente, lado, trás, em cima e embaixo são claros, o Q.R. utilizado é o

Intrínseco. Em contraste, se G for considerado simétrico, o Q.R. utilizado é o relativo, assim como observaremos nos tópicos a seguir.

### 5.3.1 Quadro de Referência Relativo: *F atrás de G e F em frente a G*

A relação espacial *F atrás de G* é utilizada tanto pelo Quadro de Referência Intrínseco quanto pelo Quadro de Referência Relativo. Ao observarmos o exemplo (185), percebemos que F é representado por um menino e G por uma mesa. As características canônicas da mesa são verticais, ou seja, a parte de cima, na qual podem ser apoiados alimentos ou louças, e a parte de baixo da mesa. No entanto, o objeto *mesa* possui simetria quando observada horizontalmente. Nesse caso, o Quadro de Referência utilizado é o Relativo, já que a localização de F é relativa à localização do falante (visualizador).

Em (185) e (186), observamos que F continua na mesma localização em relação à mesa. Nesse caso, se tivéssemos um Q.R. Intrínseco, teríamos algo como ‘o menino está do lado da mesa’ nos dois casos. Entretanto, em (185) percebemos que G (mesa) está entre o falante (V) e F (menino), já no exemplo (186), F (menino) é que está entre o falante (V) e G (mesa).

(185) *pidian kadixicha-p-a-n table baray iti nap*  
 pessoa em.pé-CONT- mesa costa POSP TCL:localização  
 EP-MI



‘A pessoa está em pé atrás da mesa.’

(186) *kainha'a daunaiura kadixicha-p-a-n misa ka-nap-y*  
 EXIST menino em.pé-CONT- mesa frente-  
 EP-MI TCL:localização  
 -POSP



‘Tem um menino em pé em frente da mesa.’

Da mesma forma, quando temos G sendo representado por uma árvore, temos as respostas em (187), (188) e (189). Observa-se nosso paralelo entre os exemplos com o menino F e mesa G, e estes com F representado por uma bola e G por um coqueiro. Por mais que a imagem seja a mesma, temos respostas diferentes quando a localização do falante

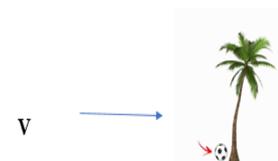
(visualizador) muda.

Em (187), G está entre o falante e F, portanto, temos a resposta *bola coconut baray ii* ‘a bola está atrás do coqueiro’. Já em (188), em que F está entre o falante e G, temos a resposta *bola coconut kanapy* ‘a bola está em frente do coqueiro’. Por fim, em (189), o visualizador se coloca em frente aos dois objetos e temos a resposta *bola coconut dazab’a* ‘a bola está perto do coqueiro’.

- (187) *bola coconut baray ii*  
 bola coqueiro costa POSP  
 ‘A bola está atrás do coqueiro.’



- (188) *bola coconut ka-nap-y*  
 bola coqueiro frente-TCL:localização-POSP  
 ‘A bola está na frente do coqueiro.’



- (189) *bola coconut dazab-’a*  
 bola coqueiro perto- POSP  
 ‘A bola está perto do coqueiro.’



Por fim, considerando a relação espacial *F atrás de G*, por mais que o termo de localização *baray* ‘costa’ caracterize uma parte do corpo e que esses termos geralmente sejam associados ao Q.R. Intrínseco, no exemplo (187) temos um Q.R. relativo. Isso mostra que o uso de um tipo de Q.R. ou outro depende totalmente das características de G, pois quando G é simétrico como um coqueiro, a sua *frente*, *lado* e *atrás* são determinados pela posição do visualizador.

### 5.3.2 Quadro de Referência Relativo: *F ao lado de G*

Uma das primeiras observações que fizemos ao analisar os dados da língua wapixana

sobre a relação *F ao lado de G* é que, quando há um G com formato mais horizontal (galhos, folhagem), como na imagem de (190), os falantes parecem priorizar a orientação vertical de F (acima/embaixo). Ou seja, eles privilegiam a parte superior da árvore e não o caule, possivelmente porque as características canônicas das árvores sejam suas raízes, que estão localizadas no chão indicando a direção ‘para baixo’, e suas folhagens indicando ‘para cima’. Assim, os falantes preferem falar que *F está embaixo de G*, em vez de dizer *F está ao lado de G*. Então, temos respostas do tipo visto em (190).

- (190) *bola atamyn waran ii*  
 bola árvore embaixo POSP  
 ‘A bola está embaixo da árvore.’



Diferentemente do tipo de G do exemplo (190), o tipo de G do exemplo (191) mostra-se mais vertical (sem a proporção de folhas e galhos da imagem anterior). Nesse caso, a preferência dos falantes é pela relação topológica horizontal *F ao lado de G* ou *F perto de G* e não a relação vertical *F embaixo de G* ou *F acima de G*.

- (191) *kainha'a makinhaunii coconut dazab- 'a*  
 EXIST brinquedo coqueiro perto-  
 POSP  
 ‘Tem brinquedo perto do coqueiro.’



Algo interessante ocorre quando F é um objeto – nesse caso, um ser não vivo (bola). Em wapixana, não é necessário identificar seu tamanho, a posição em que se encontra e nem o estado, diferentemente de quando F configura-se em um ser vivo, como um animal ou humano. Podemos perceber essa discrepância nos exemplos (192), (193) e (194).

- (192) *kainha'a kuty'yz sud coconut dazab- 'a*  
 EXIST pássaro pequeno coqueiro perto-  
 POSP  
 ‘Tem pássaro pequeno perto do coqueiro.’



- (193) *kainha'a arimerak dan sud sakan-t-p-a-n*  
*a*  
 EXIST cachorro filho pequeno sentado-VR-CONT-EP-MI  
*mesa dazab- 'a*  
 mesa perto- POSP  
 ‘Tem filhote pequeno perto da mesa.’



- (194) *kainha'a arimerak auwynny-t-p-a-n maunap*  
*a*  
 EXIST cachorro olho-VR-CONT-EP-MI perto  
*mesa dazab- 'a*  
 mesa perto-  
 POSP  
 ‘Tem cachorro olhando perto da mesa.’



Observamos que o exemplo (192) especifica somente o tamanho de F (pássaro). A hipótese é que o pássaro está em sua posição habitual e que por isso não é preciso sinalizar que ele está em pé. Por outro lado, nos exemplos (193) e (194) é indicado, além do tamanho, a posição de F, *em pé* e *sentado*, respectivamente. Já no exemplo (194), apesar de não haver especificação física de tamanho e/ou posição, existe o verbo *auwynnytpan* ‘olhando’, que indica a ação de F. Assim sendo, parece que o wapixana faz certas diferenças e exigências quando se trata de figuras viventes ou não viventes, tais como: 1) se a figura for um ser não vivo, não é necessário especificar tamanho (grande ou pequeno) e posição (em pé, sentado ou deitado); 2) se a figura for um ser vivo, é necessário especificar tamanho se ele for considerado pequeno ou grande demais em relação ao tamanho habitual de um animal adulto e também indicar posição/estado (em pé, sentado ou deitado).

Santos (2006) afirma que o verbo existencial *kainha'a* ‘existe’ possui outras funções semânticas além de indicar existência, como posse – *atamyn kanazuu kainha'a maba yriwyn inazu'ii* ‘a árvore oca tem mel dentro’. Esse verbo pode ser encontrado em muitas construções locativas de relações topológicas da língua wapixana, como podemos observar nos exemplos (192) a (194). Neles, o verbo existencial *kainha'a* está sem flexão de tempo, assim como

geralmente aparece nas sentenças da língua. Destacamos que, por mais que esse verbo tenha outras funções, nas construções de relações analisadas aqui, apresenta-se somente como existencial, indicando a existência de F. No mais, seu uso não é obrigatório, ou seja, pode aparecer ou não nas construções sem mudar o sentido da sentença.

### 5.3.3 Quadro de Referência Relativo: Relação de proximidade e lateralidade na língua wapixana

Outra característica interessante observada nos dados é a relação de proximidade entre F e G. Os wapixana observam se F está perto ou longe de G, sem especificar o lado (direito ou esquerdo). Por exemplo, ao mostrarmos as Figuras 28 e 29, não houve mudança alguma na construção da sentença *pidian missa dazab'a* ‘a pessoa está perto da mesa’.

**Figura 28** - Garoto (F) ao lado direito da mesa (G)



Fonte: elaborado pela autora.

**Figura 29** - Garoto (F) ao lado esquerdo da mesa (G)



Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, parece que a relação bilateral é evidenciada somente quando há necessidade de especificar ao ouvinte o lado de que se trata, como em (195). Assim, percebemos que os falantes distinguem a proximidade e não a lateralidade ao estabelecer uma relação espacial entre F e G.

- (195) *ungary ka'y diwauran kaziwe-'u*  
 1S mão direita dor-ADJR  
 ‘Minha mão direita dói.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 1994)

Percebemos também que, além de *dazaba'a* ‘perto’, o wapixana inclui *maunap* ‘perto’ em algumas construções espaciais, como em (196). Apesar de serem usados de forma

similar, *maunap* ‘perto’ e *dazab*<sup>52</sup> ‘perto’, apresentam ordem sintática diferente. Enquanto *maunap* apresenta ordem F + *maunap* + G + POSP, *dazab* possui ordem F + G + *dazab* + POSP. Além disso, observamos que o uso dos dois termos em uma única construção é possível, como no exemplo (196), tornando-se uma espécie de redundância, já que ambos possuem a mesma intenção de significar aproximação.

- (196) *arimerak maunap misa dazaba-’a*  
cachorro perto mesa perto-POSP  
‘O cachorro está perto da mesa.’



- (197) *kainha’ a kuty’yz sud coconut dazaba-’a*  
EXIST pássaro pequeno coqueiro perto-POSP  
‘Tem passarinho perto do coqueiro.’



- (198) *pidian maunap kabayn ii*  
pessoa perto casa LOC  
‘A pessoa está perto da casa.’



Notamos que o uso exclusivo de *dazaba’ a* ‘perto’, exemplo (197), ocorreu com mais frequência que o uso do termo *maunap* ‘perto’, exemplo (198), e o primeiro termo apareceu com diversos tipos de Gs e Fs. Além do mais, o segundo termo ocorreu apenas com G sendo representado por *kabayn* ‘casa’, como no exemplo (198). Entretanto, *maunap* aparece também em construções que incluem o termo de localização *uruda’ a* ‘embaixo’, com combinações de F (pássaro, cobra) e G (coqueiro), como em (199).

- (199) *kuty’yz maunap coconut urud-a-’a*  
pássaro perto coqueiro calcanhar-EP-POSP  
‘O pássaro está perto e embaixo do coqueiro’



Ao coletarmos os dados desta pesquisa, buscamos observar se a forma geométrica de G influencia as construções linguísticas de espaço; então, usamos as Figuras 30 e 31.

<sup>52</sup> Outra observação que fazemos é que *dazab* ‘perto’ é um termo aparentemente usado quando o falante inclui um segundo participante na comunicação, algo do tipo ‘você está vendo, tem uma pessoa perto da casa’.

Entretanto, observamos que não houve mudanças nas formas de construções espaciais na língua wapixana.

**Figura 30** - Garoto (F) ao lado de uma mesa quadrada (G)



Fonte: elaborado pela autora.

**Figura 31** - Cachorro (F) ao lado de uma mesa redonda (G)



Fonte: elaborado pela autora.

- (200) *kainha 'a daunaiura sud kadixicha-p-a-n*  
 EXIST homem pequeno em.pé-CONT-EP-MI  
 maunap **mesa** dazaba-'a  
 perto mesa perto-POSP  
 'Tem um menininho em pé perto da mesa.'

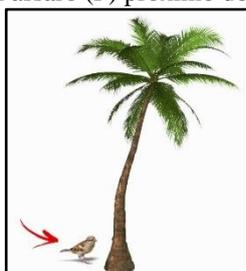


- (201) *arimerak maunap missa dazaba-'a*  
 cachorro perto mesa perto-POSP  
 'O cachorro está perto da mesa.'



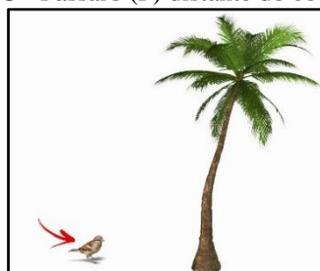
Além da diferença de forma de G mostrada nas Figuras 30 e 31, nas quais há, respectivamente, uma mesa na forma geométrica quadrada e uma mesa redonda, buscamos perceber se a distância entre F e G influencia a forma linguística espacial usada pelos wapixana. Utilizando as Figuras 30 e 31, obtivemos as respostas em (200) e (201), nas quais não há diferenças entre as formas geométricas de G. No entanto, em relação à distância entre F e G, há algumas observações que vemos a partir das Figuras 32 e 33 e respectivas respostas (202), (203) e (204).

Figura 32 - Pássaro (F) próximo do coqueiro (G)



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 33 - Pássaro (F) distante do coqueiro (G)



Fonte: elaborado pela autora.

- (202) *bai mynap coconut urud ai*  
 pato longe coqueiro calcanhar POSP.DIST  
 ‘O pato está longe e embaixo do coqueiro.’



- (203) *kainha'a makinhaunii maskayda'y y-mynap-um*  
 EXIST brinquedo pouco 3-longe-pouco  
*coconut ai*  
 coqueiro POSP.DIST  
 ‘Existe um brinquedo um pouco longe do coqueiro.’



- (204) *kainha'a kuty'yz sud mynap-zaa*  
 EXIST pássaro pequeno longe-muito  
*coconut ai*  
 coqueiro POSP.  
 DIST  
 ‘Existe pássaro pequeno longe do coqueiro.’



A frase em (202) possui o termo *mynap* ‘longe’ juntamente com *urud* ‘calcanhar’ indicando a posição embaixo, enquanto que em (203) *mynap* ‘longe’ aparece com o morfema adjetivador *-u* e em (204) possui um sufixo *-zaa*. Esse sufixo até então não possui classificação, e percebemos que ele aparece com representações de F (pássaro e cobra) e G (coqueiro), enquanto *mynapu* ‘longe’ sem o sufixo aparece com representações de F (cadeira e bola) e G (casa e coqueiro). Assim, uma hipótese é que o sufixo *-zaa* só se apresenta quando F for a representação de um ser vivo.

Outra observação que fazemos é em relação à posposição utilizada em todos os dados que tiveram a presença do termo de proximidade *mynap* ‘longe’, a posposição *ai* ‘POSP.DIST’, classificada aqui como posposição de distância, que discutiremos melhor na seção 5.6.

#### 5.4 DÊITICOS ESPACIAIS DA LÍNGUA WAPIXANA

A partir da interação humana com o espaço, geramos orientação e percepção quanto a esse mesmo espaço. Nesse sentido, cada língua tem uma certa dependência do ambiente espacial em que seus falantes se encontram. Vale dizer assim que os dêiticos<sup>53</sup> são encontrados facilmente quando tratamos de sistema espacial, já que onde se diz algo é um dos centros dêiticos mais importantes no que se refere a espaço.

Os dêiticos encontrados<sup>54</sup> em relação a espaço estático em wapixana são os demonstrativos. Eles geralmente servem para evidenciar e localizar F, como podemos observar nos exemplos (205) e (206).

- |       |                  |                  |               |                   |
|-------|------------------|------------------|---------------|-------------------|
| (205) | <i>ta-wyry'y</i> | <i>midikykyu</i> | <i>wiizei</i> | <i>aru-ta-'u.</i> |
|       | DIST-DEM         | serra            | lugar         | veado-INTS-POSP   |

‘Aquele serra é um lugar onde tem muitos veados.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.208).

- |       |               |                      |                |
|-------|---------------|----------------------|----------------|
| (206) | <i>wyry'y</i> | <i>kiwiichipa-'u</i> | <i>axabaru</i> |
|       | DEM           | primeiro-ADJR        | esquerda       |

‘Este primeiro à esquerda.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.57).

Os demonstrativos *tawyry'y* ‘aquela/aquele’ e *wyry'y* ‘este/esta’ na língua wapixana são utilizados para localizar tudo que não evidencie os termos *zynab* ‘mulher’ e *daunaiura* ‘homem’, pois essas palavras possuem termos específicos para evidenciá-los, como *auru'u*

<sup>53</sup> Entendemos dêiticos como pistas que, fornecidas pelas línguas, localizam um evento de fala e seus participantes no espaço e no tempo (Engelenhoven, 2010).

<sup>54</sup> Por se tratar de dêiticos (algo mais pragmático), esta pesquisa sugere mais investigações, haja vista que os dados não foram coletados nas comunidades wapixana, devido ao período de pandemia de COVID-19.

*zynab* ‘aquela mulher’ e *arawy’y daunaiura* ‘aquele homem’. Além disso, o termo *wyry’y* ‘este’ é um demonstrativo que, junto com o morfema *ta-*, forma o demonstrativo que indica distância *tawyry’y*.

Outro dêitico que evidencia espaço é o termo *da’aa* ‘aqui’. Esse dêitico, observado em (207), diferente dos demonstrativos acima, evidencia G; ou seja, F está sendo representado por *waynau* ‘nós’ e G sendo representado pelo dêitico *da’aa* ‘aqui’. Observamos também que o padrão da língua wapixana, que indica preferência por apresentar primeiramente F e depois G, foi quebrado nesse exemplo.

(207) *da’aa* (G)    *waynau* (F)

aqui            nós

‘Estamos aqui.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.32).

Os dêiticos *ytanap* ‘do lado de cá’, em (208), e *ichanap* ‘do lado de lá’, em (209), são utilizados para evidenciar tanto F (no caso, a pessoa referencial) quanto G (o igarapé). Em (208), em que temos o termo *ytanap*, F é representado por *kaaty* ‘areia’ e G é representado por *ywa’uz* ‘igarapé’, assim como no exemplo seguinte, em que F é representado por *ungary* ‘eu’ e G é também representado por *ywa’uz* ‘igarapé’. Possivelmente, a diferença de uso dos dois termos se dá por características ambientais do igarapé.

(208) *kaaty*            *ywa’uz*            *y-ta-nap*

areia            igarapé            3SG.M-DIST-TCL:localização

‘Do lado de cá do igarapé dá areia.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.163).

(209) *ungary*            *maxaa-p-a-n*            *ywa’uz*    *i-cha-nap*  
1SG            morar- CONT-EP-MI    igarapé    3PL-outro-TCL:  
localização

‘Eu estou morando do outro lado do rio.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p.209).

Por fim, nos dois termos dêiticos, é evidenciada a presença do morfema *-nap*, sufixo cujo uso percebemos estar extremamente ligado a características espaciais e ao qual daremos mais evidência na seção seguinte.

### 5.5 MORFEMA *-nap*: TERMOS DE CLASSE OU CLASSIFICADORES

Algo que chamou atenção na análise foi o morfema *-nap*. Esse morfema foi encontrado nos termos de distâncias anteriores, como *maunap* ‘perto’ e *mynap* ‘longe’, além de várias palavras que indicam espaço, como podemos perceber nos exemplos (210), (211), (212) e (215). Neles, o morfema *-nap* é um sufixo presente somente na formação de palavras que indicam algum tipo de localização. Em (213), por exemplo, o termo *diwiauran* ‘direita’, por estar se referindo à mão direita, não possui o morfema *-nap*. O mesmo ocorre em (214), que apresenta a palavra *axabaru* ‘canhoto/esquerda’, de forma que não é necessário o morfema *-nap*. Entretanto, o sufixo se encontra em uma palavra ao lado: *antanap* ‘esquerda’. Por sua vez, no exemplo (212), o termo de localização *direita* encontra-se com *-nap*, por se tratar da localização em que o carro irá ultrapassar.

- (210) *pidian kadixicha-p-a-n table barayi-ta-nap*  
 pessoa em.pé.VR-EP-MI mesa costa-DIST-  
 TCL:Localização  
 ‘A pessoa está em pé atrás da mesa.’



- (211) *daunai kadixicha-p-a-n misaba ka-nap-y'y*  
*ura*  
 menino em.pé.VR-EP-MI mesa AT-TCL:Localização-POSP  
 ‘O menino está em pé na frente da mesa.’



- (212) *un wazutakan nii tarara un-diwiauran-ta-nap*  
 1SG ultrapassar NPRS carro 1SG-direita-DIST-  
 TCL:Localização  
 ‘Eu vou ultrapassar o carro pela direita.’

- (213) *ungary ka'y diwiauran kaziwe-'u*  
 1SG mão direita dói-ADJR  
 ‘Minha mão direita dói.’

(Silva; Silva; Oliveira, 2013, p. 194)

- (214) *ungary wazuutan tarara axabaru an-ta-**nap***  
 1SG ultrapassar carro esquerda ?-DIST-TCL:  
 Localização  
 ‘Eu vou ultrapassar o carro pela esquerda.’

Para resumir as situações de ocorrência do morfema *-nap*, criamos a Tabela 8, que mostra a formação de termos de localização em wapixana com glosas correspondentes. Entendemos que, por mais que *-nap* seja um classificador de localidade/espço, na maioria das derivações não se sabe qual o significado das raízes dos termos de localização. Sendo assim, esse sufixo é visto como algo opaco.

**Tabela 8** - Morfema *-nap* na língua wapixana

TERMOS DE LOCALIZAÇÃO	GLOSA	TRADUÇÃO DA LOCALIZAÇÃO
<i>ta-nap</i>	DIST-TCL	‘lado de cá’
<i>icha-nap</i>	outro-TCL	‘lado de lá’
<i>ka-nap</i>	AT-TCL	‘frente’
<i>baray-i-ta-nap</i>	costa-NPOSS- DIST-TCL	‘atrás’
<i>mau-nap</i>	PROX-TCL	‘perto’
<i>my-nap</i>	DIST-TCL	‘longe’
<i>diwe-a-ran-ta-nap</i>	alto-EP-?-DIST- TCL	‘direita’
<i>an-ta-nap</i>	?-DIST-TCL	‘esquerda’
<i>dy-nap-u</i>	?-TCL-ADJR	‘caminho’

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observarmos a Tabela 8 com mais atenção, percebemos que os morfemas dos quais se derivam os termos de localização não constituem a gênese do léxico, ou seja, não possuem significado lexical, a não ser por *baray* ‘costa’ e *diwe* ‘alto’. Isso, de acordo com

Santos (2006), é um elemento essencial para se designar um termo de classe, como nos exemplos (215) e (216), retirados do trabalho de Santos (2006, p. 116).

(215)	<i>maba-dap</i> abelha-TCL:habitação 'Casa da abelha.'	(216)	<i>ungary dap</i> 1SG CL:habitação 'Minha casa.'
-------	--	-------	--

Nesses exemplos, o autor afirma que *-dap* 'casa' é um termo de classe por fazer parte da gênese da palavra, assim como *maba* 'abelha', sendo uma parte mais geral de seu significado. Além disso, o aspecto morfológico sempre é preso, nunca ocupando a primeira posição na palavra. Por outro lado, no exemplo (216), temos o mesmo *dap*, mas como classificador, pois o referido elemento não constitui a gênese do léxico e a troca com a posse não deriva nova palavra, apenas indica um novo possuidor de *dap* 'casa'.

Levando em consideração o que compreendemos da diferença entre termos de classe e classificadores que Santos (2006) propõe, mostra-se um pouco nebulosa nossa classificação de *-nap* 'localização', já que esse sufixo, assim como os classificadores, não se constitui como gênese do significado lexical do termo de localização. Então, a princípio, *-nap* não poderia ser um termo de classe, já que, de acordo Grinevald (2000, p. 59), esses termos são considerados "morfemas classificadores de origem transparentemente lexical, que operam na geração do léxico de uma língua, de forma semelhante aos processos de derivação e composição, no nível da palavra".

No entanto, *-nap* ajuda na formação de novas palavras, assim como os termos de classe. Santos (2006, p. 117) explica que a diferença entre termos de classe e classificadores é relacionada ao tipo de ambiente morfossintático que ambos ocupam: "especificamente, 'classificadores' ocorrem em certos tipos de construções envolvendo quantificação, posse, dentre outras; enquanto 'termos de classe' constituem processos de formação de palavras". Considerando isso, analisamos que *-nap* pode ser considerado um termo de classe.

## 5.6 AS POSPOSIÇÕES NAS RELAÇÕES DE ESPAÇO DA LÍNGUA WAPIXANA

Como explicamos no Capítulo 2, que descreve a estrutura do wapixana, essa língua possui posposições. Almeida (2017) faz um estudo que detalha os papéis semânticos de algumas posposições, inclusive citando exemplos que trazem noção de espaço, como *ii*

(locativo) e *an* (via), presentes na Figura 34, abaixo, que a autora fez com intuito de resumir sistematicamente o resultado de sua pesquisa.

**Figura 34** - Papéis semânticos das posposições da língua wapixana

<b>iki</b>	Origem
<b>ii</b>	Locativo
<b>iti</b>	Objetivo, Meta
<b>tym</b>	Companhia
<b>at</b>	Alvo, Benefactivo
<b>ai</b>	Causa, Fonte
<b>idi</b>	Instrumento
<b>idia'an</b>	Instrumento (meio de transporte)
<b>an</b>	Via

**Fonte:** Almeida (2017, p. 74).

Entretanto, encontramos mais algumas posposições que não foram mencionadas pela autora nem por Santos (2006), na gramática do wapixana, como *-a* e *-'u*. Na relação horizontal (*F ao lado de G*), que mostra relação espacial de proximidade, ou seja, F está perto de G, encontramos dois termos de proximidade, *dazab* ‘perto’ e *maunap* ‘perto’, e o uso de três posposições, *ii*, *-a* e *-u*’.

Em (217), temos a posposição locativa *ii*. Em (218) e (219), temos a posposição *-'a*. Já em (220), temos a posposição *-'u*. Todos os exemplos possuem o mesmo sentido de proximidade ‘perto’. Entretanto, no exemplo (219), temos dois termos de localização, *maunap* ‘perto’ e *dazab* ‘perto’. Assim, a estrutura como um todo em (219) indica certa redundância ou maior intensidade de proximidade ‘muito perto’. O termo *dazab* ‘perto’ foi relacionado às posposições *ii*, *-'a* e *-u* sem demonstrar nenhuma relação de diferença de sentido entre os exemplos.

- (217) *bola coconut **dazab ii***  
 bola coqueiro perto LOC  
 ‘A bola está perto do coqueiro.’



- (218) *pidian *misa* **dazab-'a***  
 pessoa mesa perto-POSP  
 ‘A pessoa está perto da mesa.’



- (219) *kainha 'a kuty'yz sud maunap*  
 EXIST pássaro pequeno perto  
*kabayn dazab-a-'a*  
 casa perto-EP-  
 POSP



‘Existe passarinho perto da casa.’

- (220) *bola atamyn dazab-a-'u*  
 bola árvore perto-EP-POSP  
 ‘A bola está perto da árvore.’



A posposição *ii*, a menos recorrente nos dados analisados, foi encontrada apenas em combinações dos Gs ‘casa’ e ‘coqueiro’ com os Fs ‘pássaro’, ‘bola’ e ‘pessoa’. Essa posposição, como sugerem Almeida (2017) e Santos (2006), representa o lugar em que F se encontra, sendo assim um locativo. Ela também é encontrada com o termo *maunap* ‘perto’ isoladamente, como no exemplo (221).

- (221) *kuty'yz maunap kabain ii*  
 pássaro perto casa POSP  
 ‘O pássaro está perto da casa.’



Em resumo, observamos que *maunap* ‘perto’, de forma isolada, aceita apenas a posposição *ii*, e que *dazab* ‘perto’ aceita os três tipos de posposições (*ii*, *-a* e *-u*). Já os dois termos juntos aceitam apenas a posposição *-a*. Assim como os termos de proximidade, também observamos aqueles que indicam distância, como *mynap* ‘longe’, visto em (222) e (223).

- (222) *kainha 'a kuwazaz mynap -zaa coconut ai*  
 EXIST cobra longe-muito coqueiro POSP  
 ‘Existe cobra longe do coqueiro.’



- (223) *kainha'a wa-tap masakayda'y y- mynap -un kabayn*  
 EXIST 1PL- pouco 3-longe- casa  
 cadeira pouco



*ai*

POSP

‘Existe nossa cadeira um pouco longe da casa.’

O termo *mynap* ‘longe’ acompanhado com o sufixo *-zaa*, como em (222), aceita somente a posposição *ai*. Já em (223), o acompanhante de *mynap* ‘longe’ é o sufixo *-un*. Ainda não temos como precisar as diferenças semânticas das posposições que ocupam esse termo. Santos (2006) classifica a posposição *ai* como posse e causativa, exemplificadas respectivamente em (224) e (225).

- (224) *yryy y-aiap wa-'ai baru*  
 3M 3M-precisar 2P-POSS machado  
 ‘Ele precisa do nosso machado.’

(Santos, 2006, p. 223)

- (225) *uruu aunaa taria-n kuazaza ai*  
 ela NEG assustar-MI cobra CAUS  
 ‘Ela não tem medo de cobra.’

(Santos, 2006, p. 154)

Almeida (2017) também verifica que *ai* possui função de determinar causa, mas não verifica a função de posse indicada por Santos (2006). Para a autora, a posposição estabelece uma função de fonte, como podemos observar nos exemplos (226) e (227).

- (226) *aru dim-e-n arimeraka ai*  
 veado correr-EP-MI cachorro CAUS  
 ‘O veado campestre corre do cachorro.’

(Almeida, 2017, p. 77)

- (227) *ungary zamat-a-n-nii saribei zynaa ai*  
 1S pegar-EP-MI-NPRES lápis menina FONT  
 ‘Eu vou pegar da menina o lápis.’

(Almeida, 2017, p. 77)

Nesse sentido, *ai* é uma posposição que indica causa ou fonte/posse. Mas, em nossos dados, essa foi uma posposição presente somente em construções que mostravam distância de F em relação a G, sem demonstrar nenhuma das classificações acima, como podemos perceber nos exemplos (226) e (227). Assim, observamos que, além das funções que os autores mencionam, essa posposição apresenta uma função relacionada ao espaço, mais especificamente à distância.

Para melhor visualização, a Tabela 9 resume as semelhanças e diferenças entre as formas linguísticas da língua wapixana que se apresentam na noção topológica *F ao lado de G*:

**Tabela 9** - Termos de localização da língua wapixana (*F ao lado de G*)

<i>F ao lado de G</i>					
		POSPOSIÇÕES			
TERMOS DE LOCALIZAÇÃO	INTENSIDADE	PROXIMIDADE			DISTÂNCIA
		<i>ii</i>	- 'a	- 'u	<i>ai</i>
<i>maunap</i>	'perto' (+)	X			
<i>dazab</i>	'perto' (+) incluindo 2ª pessoa	X	X	X	
<i>maunap + dazab</i>	'perto' (+) (+)		X		
<i>mynap-zaa</i>	'longe' (+) (+)				X
<i>mynap-un</i>	'longe' (+)				X

**Fonte:** elaborado pela autora.

De modo geral, ao observarmos a Tabela 9, temos uma visão bem clara de que as posposições são usadas de maneira bem delimitada em relação à proximidade e à distância. Ou seja, os termos *maunap* 'perto' e *dazab* 'perto', que indicam proximidade, têm uma variação maior de combinações com as posposições *ii*, - 'a e - 'u. A posposição *ii* pode ser combinada com ambos os termos de forma individual, enquanto - 'u só pode ser combinada ao termo *dazab* 'perto'. Dos dados coletados, também percebemos que houve maior ocorrência da posposição - 'a.

Sobre o termo usado para indicar distância, a saber *mynap* 'longe', ele aceita apenas a posposição *ai*, que já foi analisada por Almeida (2017), mostrando que possui papel semântico de causa ou fonte. Entretanto, neste trabalho, observamos que, além disso, essa

posposição demonstra distância entre F e G. Sobre os sufixos *-zaa* e *-un*, que são adicionados a *mynap* ‘longe’, até o presente momento, não sabemos classificá-los, mas temos a hipótese de que *-zaa* seja o responsável por estabelecer intensidade de distância maior, assim como *-un* seja o encarregado por diminuir essa intensidade. Assim, sugerimos como proposta para futuras pesquisas verificar esse cenário. Essa é uma conjectura baseada nos estudos de Santos (2006) e de Pinho (2021), que observam o nível de intensidade causado pelos sufixos *-chi* e *-’u*, que se relacionam com o prefixo de privação *ma-*. Pinho (2021) mostra isso em seu trabalho de forma bem detalhada.

No exemplo (228), há a intensificação da privação da mulher, causada pelo uso do morfema *-chi*. Ele evidencia essa privação, ao contrário de *-’u*, em (229), que instancia a possibilidade de a mulher ter esposo. Isso é muito mais evidente nas palavras *ma-daku-’u* (PRI-dente-ADJR) ‘aquele que não tem dente, mas tem a possibilidade dos dentes crescerem’, usada para bebês; e, *ma-daku-chi* (PRI-dente-ADJR) ‘aquele que não tem dente e sem possibilidade de nascer’, usada para pessoas idosas que perderam os dentes.

- (228) *zyn-aba*                    *ma-y-daia-ry-chi*  
mulher-TCL:F    PRI-?-cônjuge-M-ADJR  
‘Mulher que nunca teve esposo.’ (que não tem possibilidade de ter  
esposo)

(Pinho, 2021, p. 190)

- (229) *zyn-aba*                    *ma-y-daia-ry-’u*  
mulher-TCL:F    PRI-?-cônjuge-M-ADJR  
‘Mulher solteira.’ (que ainda não teve esposo)

(Pinho, 2021, p. 190)

Percebemos que os sufixos *-un* e *-zaa*, assim como os sufixos *-chi* e *-u*, podem funcionar como “relativizadores” de intensidade, mostrando que o wapixana mantém um padrão de relativização codificado por meio de alguns sufixos, podendo ainda haver outros na língua.

A fim de compreendermos, de modo geral, como as posposições se manifestam nas relações espaciais topológicas, fizemos a Tabela 10, que traz todas as posposições apresentadas nesta análise, mostrando quais são as mais recorrentes nas relações topológicas, além das combinações com os termos de localização.

Tabela 10 - Termos de localização e posposições da língua wapixana

TERMOS E POSPOSIÇÕES EM USOS ESPACIAIS DA LÍNGUA WAPIXANA															
DIREÇÕES	RELAÇÃO ESPACIAL	TERMOS DE LOCALIZAÇÃO		GLOSA	POSPOSIÇÕES										
		GERAL	ESPECÍFICO		GERAL		ESPECÍFICO								
	F embaixo de G				ti	- 'a	- 'u	- 'y	iki (F vindo em direção do falante)	iti (F se afastando do falante)	avi (F é líquido não contido)	di it	ida	ai	
	F em cima de G														
VERTICAL		geral		'embaixo'	X	X	X	X	X		X		X		
			urud (G árvore)	'calcanhar'		X									
			zuway (G grande escala)	'cabeça/topo'	X										
			pau/pawa	'em cima'	X	X	X					X			
			dūku (distante do falante)	'alto'	X				X			X			
			(quando G é chão não é usado termo de localização)		X	X	X								
		F dentro de G	nazu	'dentro'	X										
				'dentro'	X		X			X		X			
		F em meio a G	dānun	'meio'	X										
				'beta'	X										
			'meio' (G árvores)	X											
			'meio' (G casas)	X											
	F encaixado a G		(usado sem termo de localização)									X			
	F fora de G	panibi	'fora'		X										
	F atrás de G	baray	'costa'		X		X			X					
		dikin	'sombra'		X										
	F em frente a G	kānap	'frente'		X										
	F ao lado de G	maunap	'perto'		X										
		dazab	'perto'			X									
		mynap	'longe'											X	
	Termos dêticos	yitanap	'lado de cá'												
		ic.kanap	'lado de lá'												

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da Tabela 10 e das análises realizadas anteriormente, podemos perceber que:

- O termo de classe *-nap* está distribuído somente nos termos topológicos da direção horizontal *F ao lado de G*, *F atrás de G* e *F em frente de G*. Inclusive, esse morfema está presente na posposição *iti nap*. A posposição *iti* é mencionada por Almeida (2017), que mostra que ela tem valor remetente a objetivo ou meta. Entretanto, observamos que esse papel semântico não fica evidenciado nos dados que coletamos. Pode ser que *-nap*, por ter uma força relacionada à localização/espço, influencie de alguma forma ou, ainda, que *iti* tenha outro papel semântico quando evidenciado em construções topológicas.
- A posposição *ii* é a mais recorrente nos dados coletados da língua wapixana. Apresenta-se tanto na direção horizontal como na vertical e em todas as relações topológicas, mostrando-se um locativo básico e padrão, em concordância com o que Almeida menciona em seu estudo (2017).
- Apesar de *-’u* e *-’a* aparecerem praticamente com a mesma frequência nos dados coletados e *-’y* ser menos recorrente, esses morfemas parecem não provocar diferenças de sentido, aparentando tratar-se de uma variação, ficando optativo o uso de acordo com o falante. Entretanto, são necessárias mais pesquisas no que refere a essas posposições.
- As posposições *ai*, *ida* e *iki* apresentam-se em pouca frequência, todas fazendo parte apenas de uma relação topológica, respectivamente: *F ao lado de G*, *F atrás de G* e *F embaixo de G*. As posposições *ai* e *iki* são mencionadas no trabalho de Almeida (2017). De acordo com a autora, a primeira tem papel semântico relacionado à causa ou fonte. No caso do nosso estudo, *ai* só é usado quando F está longe ou um pouco distante de G. Já a segunda tem sentido semântico relacionado à origem, muito referente a verbos de movimento como *chegar* e *sair*. Pode ser que os colaboradores tenham visto a imagem da aranha descendo da mesa pela teia e tenham concluído que havia movimento, sendo a mesa o ponto de origem da descida.
- A posposição *an* apresenta-se exclusivamente na direção vertical *F embaixo de G* e *F em cima de G*, somente em situação específica: quando o referente de F era *água* e essa água não estava contida em nenhum objeto, ou seja, os falantes têm uma tradução do tipo *água*

*derramada*. Almeida (2017) também menciona o papel semântico de *an*, referindo-se a uma via pela qual uma pessoa ou objeto chega ao seu destino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos sempre tiveram interesse pelo tema espacial, já que buscaram entender esse assunto através de diversas áreas de estudo, inclusive a linguística. A codificação do espaço através das línguas possibilitou a compreensão de que há características de descrição que pertencem a todas as línguas e, com isso, permitiu acesso à percepção de mundo de seus falantes.

Neste trabalho, apresentamos a descrição de como os wapixana percebem o espaço estático. Ao longo de cinco capítulos, descrevemos a Construção Locativa Básica da língua wapixana, as descrições topológicas para descrever o espaço não angular da língua e Quadros de Referências utilizados para descrever o espaço angular.

Primeiramente, discorremos sobre os caminhos que a pesquisa tomou, ou seja, a metodologia utilizada, os objetivos da tese, as características dos colaboradores da pesquisa, os procedimentos para a construção dos instrumentos de coleta de dados, a realização da coleta de dados, os métodos utilizados para fazer as análises e algumas dificuldades no percurso da pesquisa.

Depois, focamos em algumas das principais discussões sobre as correntes teóricas que norteiam o tema espacial até chegarmos à teoria que utilizamos na pesquisa, a Semântica Cognitiva e Esquemas Imagéticos. Também nos concentramos nas definições de espaço, nas perguntas-Onde das línguas, nos tipos de estratégias semânticas utilizadas pelas línguas para responder às perguntas-Onde e nas classes de palavras que são geralmente utilizadas para codificar o espaço nas línguas naturais.

Seguidamente, demos enfoque a algumas características gramaticais da língua wapixana, com o intuito de conhecer melhor a língua e compreender alguns aspectos que geralmente são mais utilizados para codificar o espaço em línguas naturais, tais como as posições, os demonstrativos, o verbo existencial, posicional e de posição.

A análise dos dados foi apresentada nos dois últimos capítulos da tese. O primeiro trata das relações espaciais topológicas, ou seja, de como a língua wapixana codifica o espaço não angular. Nesse capítulo, expusemos as características básicas utilizadas pelos wapixana para descrever o espaço estático, como a utilização do verbo existencial *kainha'a* e alguns verbos de postura presentes em construções espaciais quando F é representado por um elemento animado, a exemplo do verbo *sakantapan* 'sentar'. Notamos também que alguns objetos da cultura wapixana entram nesse grupo de animados, como *bairii* 'flecha', sugerindo que este não é um item qualquer para os wapixana, mas algo com um valor cultural maior que

os outros objetos.

A Construção Locativa Básica da língua wapixana é expressa no sintagma nominal através da estrutura: (F + G + Termo de Localização + POSP). Já no sintagma verbal, observamos quatro tipos de estruturas: a) a que é expressa por meio de um verbo existencial e sem o Termo de Localização: ((EXIST) + F + G + POSP); b) a que é expressa por meio de um verbo existencial e também com um Termo de Localização: ((EXIST) + F + G + Termo de Localização + POSP); c) a que é expressa por meio de ausência do verbo existencial, mas que utiliza o verbo de posição (somente para animados): (F + Verbo de Posição + G + TL + POSP); e d) a que é expressa por meio de verbo existencial e verbo de posição: ((EXIST) F + VP + G + TL + POSP). Portanto, a CLB da língua wapixana leva em consideração F, G e posposição, como elementos obrigatórios.

As relações topológicas descritas em wapixana foram *F embaixo de G*, *F em cima de G*, *F dentro de G* (*F em meio a G*; *F encaixado em G*) e *F fora de G*. A codificação das relações espaciais topológicas leva em consideração dois termos de localização – *waran* ‘baixo’ e *urud* ‘calcanhar’ – para codificar a relação *F embaixo de G*. O primeiro é mais recorrente nos dados e o segundo é usado somente para G quando personificado, como *atamyn* ‘árvore’. Já na relação *F em cima de G*, temos primeiro que distinguir G, se ele é de maior ou menor escala. Se for de maior escala e F estiver no ponto mais alto de G, então será usado o termo *zuway* ‘topo’ (e somente nesses casos será usado esse termo). Mesmo se G for de grande escala, caso F não esteja no ponto mais alto, será usado *pawa/pau* ‘cima’. Para codificar a relação espacial *F dentro de G*, é necessário levar várias questões em consideração, por exemplo, se G está em estado líquido, se G é um contêiner em que não há abertura ou se G é um contêiner em que há abertura; ou ainda qual posição do falante em relação a F e a G quando F indica algum tipo de movimento. No que se refere à última relação espacial descrita no capítulo, aparentemente os wapixana não percebem F sempre dentro de algum espaço, por exemplo, eles não reconhecem um cachorro do lado de fora da casa, mas percebem o cachorro *no* quintal de casa, ou seja, para eles, o cachorro (F) está dentro do quintal (G).

Observamos que uma quantidade razoável de termos de localização foi evidenciada nesta pesquisa. Entretanto, o que chamou a atenção foi a quantidade de posposição presente nas relações espaciais da língua wapixana. Constatamos que a posposição *ii* é o locativo padrão do wapixana, assim como afirma Almeida (2017). Em relação às posposições -'u, -'a e -'y, há a hipótese de que elas não se diferenciam semanticamente, podendo ser uma variação e ficando optativo o uso de acordo com o falante.

Já as posposições *ai*, *ida*, *iti*, *iki* e *an* apresentam-se em pouca frequência: *ai* é usado somente para referir-se a F quando este se encontra longe ou um pouco distante de G; *ida* é utilizado quando F possui um formato arredondado; *iki* e *iti* levam em consideração as características de F em relação ao falante, mas evidenciando o movimento de F em relação ao falante, sendo assim considerados elativo e alativo; *an* apresentou-se somente em uma situação específica: quando o referente de F era água e essa água não estava contida em nenhum objeto, ou seja, os falantes têm uma tradução do tipo ‘água derramada’.

Outra questão muito interessante nos estudos da codificação de espaço nas línguas naturais é a maneira como elas personificam os objetos e os espaços. Assim, é muito comum a utilização de partes do corpo para indicar relações topológicas. Bowden (1992) fez um estudo com 104 línguas oceânicas e constatou as preferências desse conjunto. Apesar de a língua wapixana não pertencer ao grupo oceânico, alguns termos de localização que possuem como referência partes do corpo são dos mais utilizados pelas línguas que aparecem no estudo de Bowden (1992), como *zuway* ‘topo’, que possivelmente é uma referência ligada a *zuay* ‘cabeça’, a parte do corpo mais utilizada para indicar a relação topológica *F em cima de G*. O termo *baray* ‘costa’ é uma das partes favoritas da relação *F atrás de G*. Por sua vez, *urud* ‘calcanhar’, que, apesar de não ser ‘pé’, a parte do corpo mais utilizada nas línguas oceânicas para indicar a relação *F embaixo de G*, é uma parte do corpo específica localizada no pé e amplamente utilizada em wapixana. Nenhuma das línguas analisadas por Bowden (1992) se referiu a essa relação topológica por meio de ‘calcanhar’.

Já no que concerne aos Quadros de Referência utilizados na língua wapixana para descrição do espaço, a língua parece ser mais clara em seus usos e escolhas por quadros. O Q.R. Absoluto é o menos usado em relação aos outros quadros e costuma ser empregado quando G é considerado de grande escala. O Q.R. Intrínseco é utilizado quando F possui características canônicas, assimétricas, ao contrário do uso do Q.R. Relativo, que ocorre quando F não possui características canônicas, portanto, simétricas.

Por fim, este estudo contribui para a discussão do tema evidenciado aqui, haja vista que permitiu visualizar a codificação do espaço em uma língua indígena aruák, grupo sobre o qual os trabalhos a respeito do tema *espaço* ainda são incipientes. Assim, a partir dessa análise, podemos tirar algumas conclusões, mas, principalmente, criar hipóteses e dúvidas. No mais, esta pesquisa pode ser utilizada como base para outras mais aprofundadas sobre a temática ou até mesmo servir para comparações com outras línguas que possuam estruturas de respostas para pergunta-*Onde* similar (ou não) à língua wapixana, ajudando a compreender de forma mais global o pensamento espacial e sua estrutura linguística.

## REFERÊNCIAS

- ADMIRAAL, F. **A Grammar of Space in Baure**: A study on the linguistic encoding of spatial reference. Utrecht: LOT, 2016.
- AIKHENVALD, A. Y. Classifiers in Tariana. *In: Anthropological Linguistics*. 36. ed. 9. Indiana University: Bloomington, 1994. p. 407-465.
- AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. *In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (orgs.) The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- AIKHENVALD, A. Y. **Classifiers**: a typology of noun categorization devices. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000.
- ALMEIDA, M. N. P. **Aspectos sintáticos das posições em Wapixana (Aruák)**. 2017. 106p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2017.
- ARAÚJO, P. J. P. **Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições para e em na fala de comunidades quilombolas**. 2008. 117 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BATORÉO, H. J. Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy. *In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L (eds.) Linguística Cognitiva: pensamento, linguagem e cultura*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017. Vol. I.
- BOWDEN, J. **Behind the preposition**: Grammaticalisation of locatives in Oceanic languages. Canberra: Australian National University, 1992.
- BOWERMAN, M.; PEDERSON, E. Topological relations picture series. *In: LEVINSON, S. C. (ed.) Space stimuli kit 1.2*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 1992.
- BRANDÃO, A. P. A incorporação de nomes e classificadores em Paresi-Haliti (Aruák). **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, 16(2), 271–283, 2016.
- BRANGEL, L. M.; MIRANDA, F. V. B. Sobre a Semântica Cognitiva e suas possíveis contribuições para a geração de paráfrases explanatórias em dicionários de tipo 2. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 13 (4), dez 2013.
- BROWN, P. A sketch of the grammar of space in Tzeltal. *In: LEVINSON, S. C.; WILKINS, D. P. (eds.) Grammars of Space: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 230-271.
- CABLITZ, G. H. **Marquesan**: A Grammar of Space. New York: Mouton de Gruyter, 2006.

CADETE, C. M. **Dicionário wapixana-português português-wapixana**. São Paulo: Loyola, 1990.

CARNEIRO, J. J. **A morada dos wapixana**: Atlas toponímico da região indígena Serra da Lua- RR. 2007. 189p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, B. **Uapixana vocabulário e modo de falar dos Uapixanas**. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, 1936.

CIENKI, A. **Spatial Cognition and the Semantics of Prepositions in English, Polish, and Russian**. Munich: Sagner, 1989.

CIRINO, C. A. M. **A “boa nova” na língua indígena**: contornos da evangelização dos Wapixana no século XX. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

CLARCK, E. Locational: Existential, locative, and possessive constructions. *In*: GREENBERG, J. H. (ed.). **Universals of human language**, Vol. IV: Syntax (pp. 85–126). Stanford, CA: Stanford University Press, 1978.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DERBYSHIRE, D. C.; PAYNE, D. L. Noun Classification Systems of Amazonian Languages. *In*: PAYNE, D. L. (ed.). **Amazonian Linguistics**. Studies in Lowland South American Indian Languages. Austin: University of Texas Press, 1990.

DRYER, M. S. Word order. *In*: SHOPEN, T. **Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description**. Vol. 1, pp. 61-131. Second Edition. Cambridge University Press, 2007.

ENGELHOFEN, A. V. Deixis. *In*: HOGAN, P. C. **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**. pp. 247-248, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FARABEE, W. C. **The Central Arawaks**. University museum—Anthropological Publications, vol. 9. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia, 1918.

FARAGE, N. **As flores da fala**: práticas retóricas entre os Wapixana. 1997. 307p. Tese (Doutorado em Estudos comparados em Literatura de língua portuguesa ) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1.ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_.; SOARES, C. Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte-e-costura em construções transitivas. **SOLETRAS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN. Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Número 41 (jan.-jun. 2021).

FRANCHETTO, B. **Levantamento sócio-lingüístico nas malocas Napoleão (Makuxi) e Taba Lascada (Wapichana)**. Boa Vista: [s.ed.], 1988.

FREEZE, R. Existentials and other locatives. *Language*, 68(3): 1992, pp. 553–95.

FREITAS, M. F. P. de; FACUNDES, S. da S. Considerações sobre a posse nominal em Apurinã (Aruák). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 13, n. 3, p. 645-662, set.-dez. 2018.

GIOVANNETTI, M.; BASSO, R. M. Presuppositional negation in Wapishana. *In: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas 9*. Apresentação oral na Universidade da Califórnia, Santa Cruz em 6 a 8 de mai. de 2016.

GIOVANNETTI, M.; VICENTE, H. **On the count/mass distinction**: aspects of the quantifier system of Wapishana. Livro de resumos, Nominals – Recife, 17 e 18 de março, 2016. p. 15-16.

GIVON, T. **Syntax**: A functional-typological introduction. Volume I. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GOMES, A. S. **Introduction of a Wapishana–English Bilingual Education Programme: An Evaluation of the Early Stages**. 2022. 616p. Tese (Doutorado em Linguística) – Leiden University Centre for Linguistics (LUCL), Faculty of Humanities, Leiden University. Marurana, 2022.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In: GREENBERG, J. H. (ed.). Universals of Language*. London: MIT Press, pp. 73-113, 1963.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. *In: SENFT, G. (ed). Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 50- 92.

GRINEVALD, C. The expression of static location in a typological perspective. *In: HICKMAN, M.; ROBERT, S. (eds.). Space in Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 29 – 58.

HEINE, B. Adpositions in African languages. *Linguistique Africaine*, New York, vol. 2. n.54, p.77- 127, Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEINE, B.; REH, M. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

ISA – Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil – Wapichana**, 2022. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana>. Acesso em: 6 ago. 2022.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind**: the Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KLEIN, W. Keine Känguruhs zur Linken – Über die Variabilität von Raumvorstellungen und ihren Ausdruck in der Sprache. *In: HANS, J. K.; GRABOWSKI, J.; ALLWIN, R. M. (eds.)*.

**Sprache und Kognition. Perspektiven moderner Sprachpsychologie.** Heidelberg: Spektrum Akademischer Verlag, 1994. p.163-182.

LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas?. **Cognitive Linguistics**. n. 1, v. 1, 1990. p. 39-74.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things:** what categories reveal about the mind. University of Chicago Press, Chicago, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason:** A field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANES, E. J. Ordem e desordem de constituintes em Wapichana. *In:* CARVALHO, F. A. (org.). **Estudos de Linguagem e Cultura Regional**. 1. ed. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014. p. 93-106.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEANDRO, W. M. **Um instrumento de testagem para investigar o conhecimento linguístico de crianças bilíngues em comunidades indígenas**. 2017. 113p . Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2017.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Tradução de D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LEVINSON, S. C. Primer for the field investigation of spatial description and conception. **International Pragmatics Association**, v. 2, n. 1, p. 5-47, janeiro, 1992.

LEVINSON, S. C. **Space in Language and Cognition:** Explorations in Cognitive Diversity. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LEVINSON, S.C. The background to the study of the language of space. *In:* LEVINSON, S.C.; WILKINS, D. P. (Eds.). **Grammars of Space**. Explorations in Cognitive Diversity. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p.1-22.

LEWIN, K. **Principles of Topological Relations**. New York/London: McGraw-Hill Book Company. 1936.

LICHTENBERK, F. Posture verbs in Oceanic. *In:* NEWMAN, J. (ed.). **The Linguistics of Sitting, Standing and Lying**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 269 – 314.

LYONS, J. A note on possessive, existential and locative sentences. **Foundations of Language**, vol. 3, 1967, pp. 390–6.

MACHADO, A. **Tyzytaba’u:** trançadores de palavras e coisas. 1. ed. – Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2022.

MACHADO, A; BUENAFUENTE, S. M. F. Fortalecimento e expansão das línguas indígenas macuxi e wapichana em Roraima/Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 129-153, março de 2020.

NEISSER, U. The control of information collection in selective search. *In*: GIBSON, E. J. **Perception and its development**. 1. ed. Psychology press, 1979.

NEWMAN, J. A cross-linguistic overview of the posture verbs ‘sit’, ‘stand’, and ‘lie’. *In*: NEWMAN, J. (ed.) **The Linguistics of Sitting, Standing and Lying**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 1 – 24

NUNES, V. N. **A ordem do adjetivo no Sintagma Nominal em Wapixana**. 2016. 97p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa em Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.

OBERT, K. **The linguistic encoding of space in Dâw**. 2019. 339 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, 2019.

PATTE, M. F. –n, localisateur general dans la langue arawak des Guyanes. **Ameríndia**, v.25, p.25-47. 2000.

PAYNE, D. L. Some morphological elements of maipuran arawakan: agreement affixes and the genitive construction. **Language Sciences**, v. 9, n 1, p. 57-75, 1987.

PAYNE, D. L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. *In*: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. **Handbook of Amazonian languages**. Berlin/New York, 1991. Mouton – De Gruyter, v. 3:355-499.

PINHO, T. M. S. **Aspectos da negação morfológica na língua wapixana: o morfema privativo ma-**. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, 2019.

\_\_\_\_\_. O Privativo ma- na Língua Wapixana. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 177-197, jan. 2021.

REIMER, N. **Introducing Semantics**. New York: Cambridge University Press, 2010.

ROCK, I. Comment on Asch and Witkin’s ‘Studies in space orientation II. **Journal of Experimental Psychology: General**. (4), pp. 121, 1992.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras** - para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANCHEZ-MENDES, L. A distinção contável-massivo em Wapixana: aparente desafio tipológico. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 138-162, MESES 2016.

SANTOS, A. J. **Roraima** – História geral. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.

SANTOS, E. V. **Produção de livros digitais (e-books) como ferramenta de apoio no ensino e na divulgação da língua Wapichana em Roraima**. 2019. 87p. Dissertação (Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) – Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

SANTOS, M. G. **Os sons e a sílaba da língua Wapichana**: Uma perspectiva não-linear. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 1995.

SANTOS, M. G. Onde há fumaça há fogo: resquícios de classificadores em Wapichana – os classificadores, numeral, genitivo, de concordância e demonstrativo em Wapichana. 51 **Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, Vol. XXXII, Taubaté, mai. 2003. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci151.htm>. Acesso em: 03 de mar. de 2017.

SANTOS, M. G. Considerações sobre a Posse Nominal em Wapichana. **Estudos Linguísticos XXXIV**, Campinas, 2005. p. 539-544. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/consideracoes-sobre-a-posse-1225.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

SANTOS, M. G. **Uma Gramática do Wapixana (Aruák)** - Aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. 2006. 299p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SANTOS, M. G. Termos de classe em Wapixana (Aruák). **Revista Moara, Estudos Linguísticos**, Pará, ed. 43, v. 2, 14p., jul./dez. 2015.

SENF, G. **Referring to Space**: Studies in Austronesian and Papuan Languages. Oxford: Clarendon Press, 1997.

SILVA, B.; SILVA, N. S.; OLIVEIRA, O. **Paradakaryurudnaa**: dicionário Wapichana/Português, Português/Wapichana. Boa Vista: EDUFRR, 2013.

STOLZ, C.; BOHNEMEYER, J. Spatial reference in Yukatek Maya: a survey. *In*: LEVINSON, S. C.; WILKINS, D. P. (eds.). **Grammars of Space**: Explorations in Cognitive Diversity. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 273-309.

SVOROU, S. **The Grammar of Space**. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

TALMY, L. How language structures space. *In*: PICK, H. L.; ACREDOLO, L. P. **Spatial Orientation**: Theory, Research, and Application. New York: Plenum Press, 1983. p. 225-320.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science**, 1988, 2, p.49-100.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. 2. vol. Cambridge: MIT Press, 2000.

THIERING, M. Categorization of Topological Spatial Relations. *In*: **TOPOI** – Towards a

Historical Epistemology of Space. Max-Planck-Institute for the History of Science, Preprint, 2009.

TRACY, F. V. Wapishana phonology. *In*: GRIMES, J. E. (ed.). **Languages of the Guianas**. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.

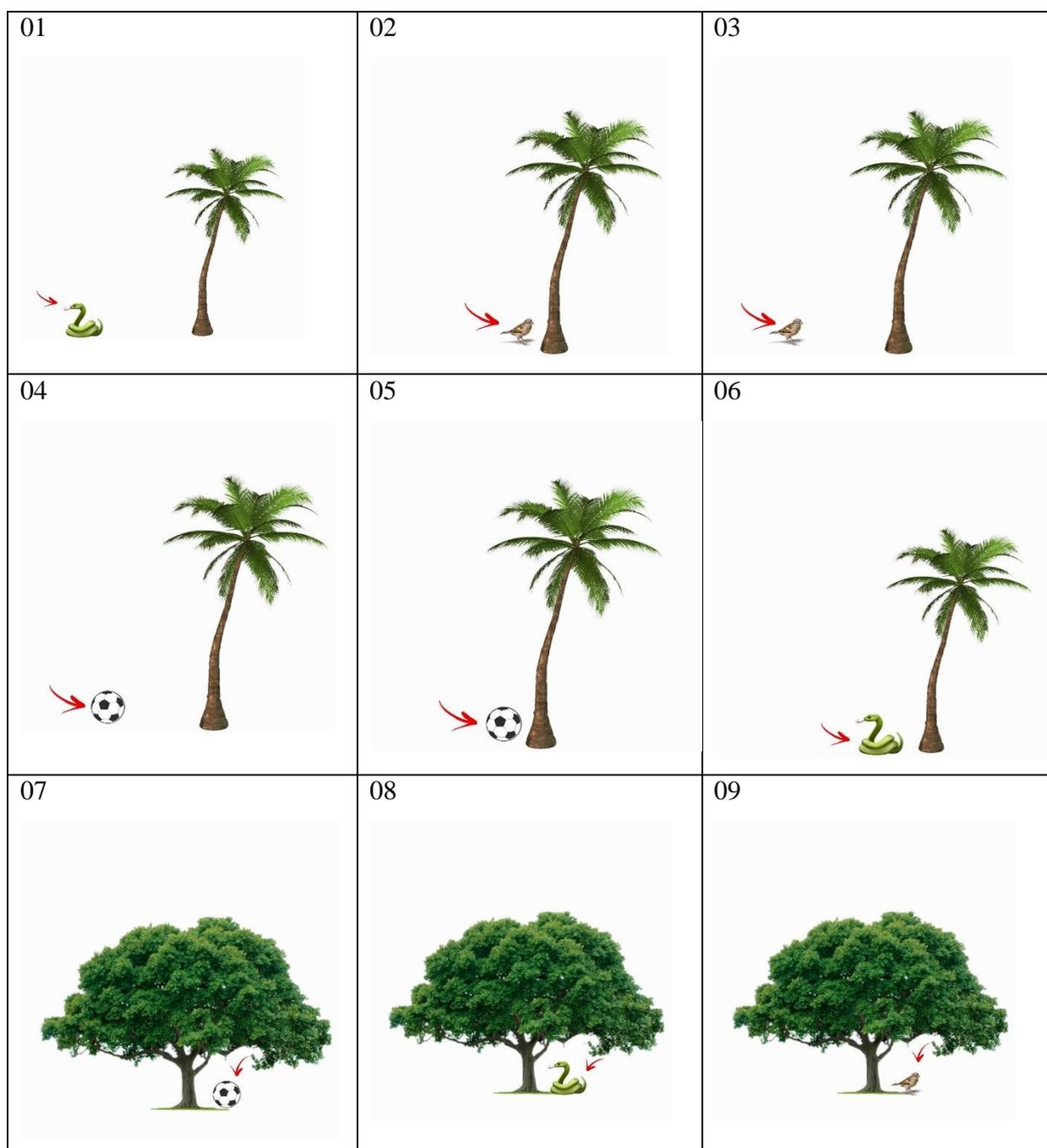
TRACY, F. V. An introduction to wapishana verb morphology. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 40, n. 2, 120-125p, 1974.

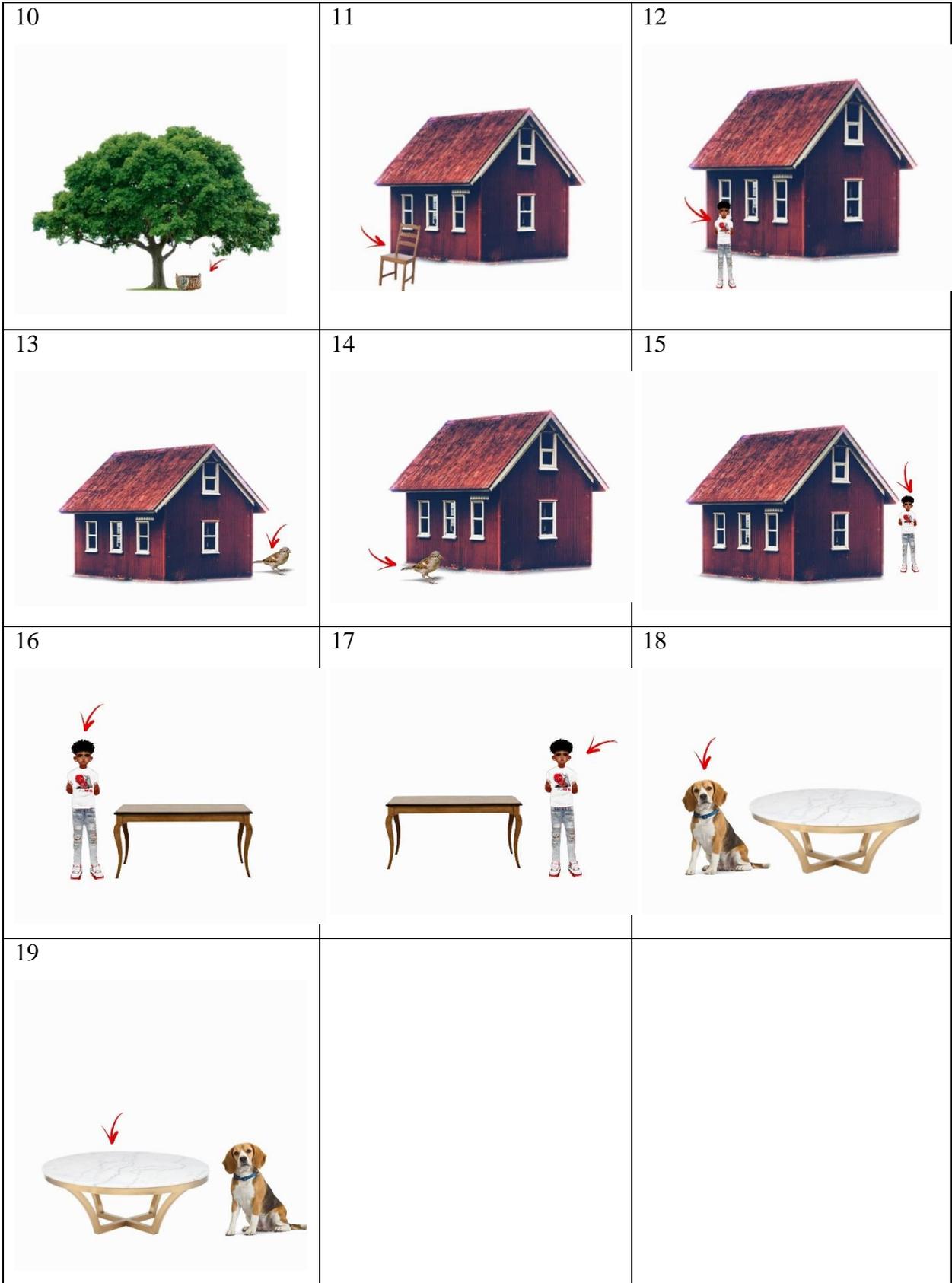
VAN GEENHOVEN, V.; WARNER, N. **Max-Planck Institute for Psycholinguistics: Annual report 1999**. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 1999.

VATER, H. **Einführung in die Sprachwissenschaft**. München: Fink, 1996.

WILKINS, D. P. Towards an Arrernte grammar of space. *In*: LEVINSON, S. C.; WILKINS, D. P. (eds.). **Grammars of Space: Explorations in Cognitive Diversity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 24-62.

## ANEXO

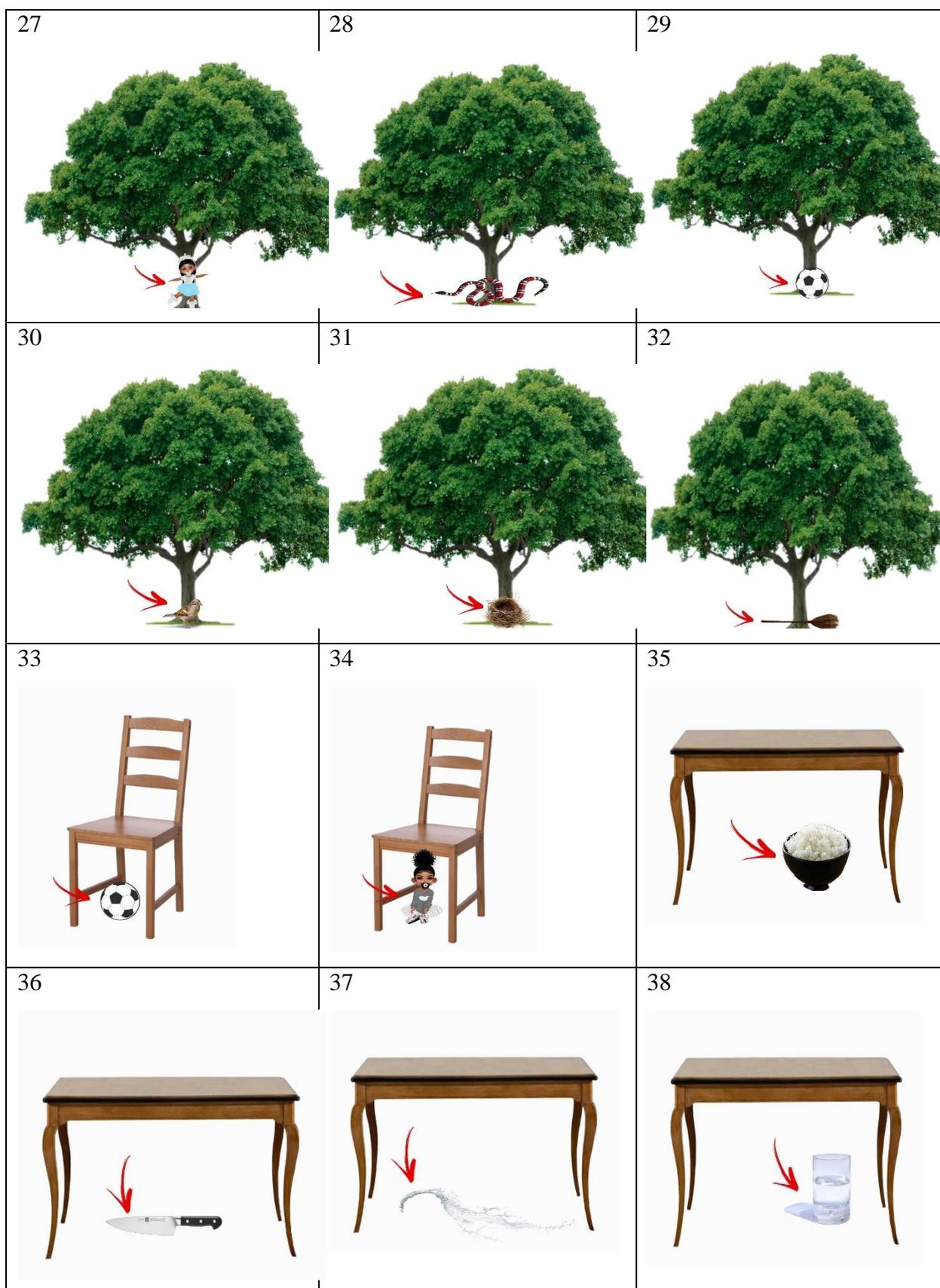
Relação especial: *F ao lado de G*

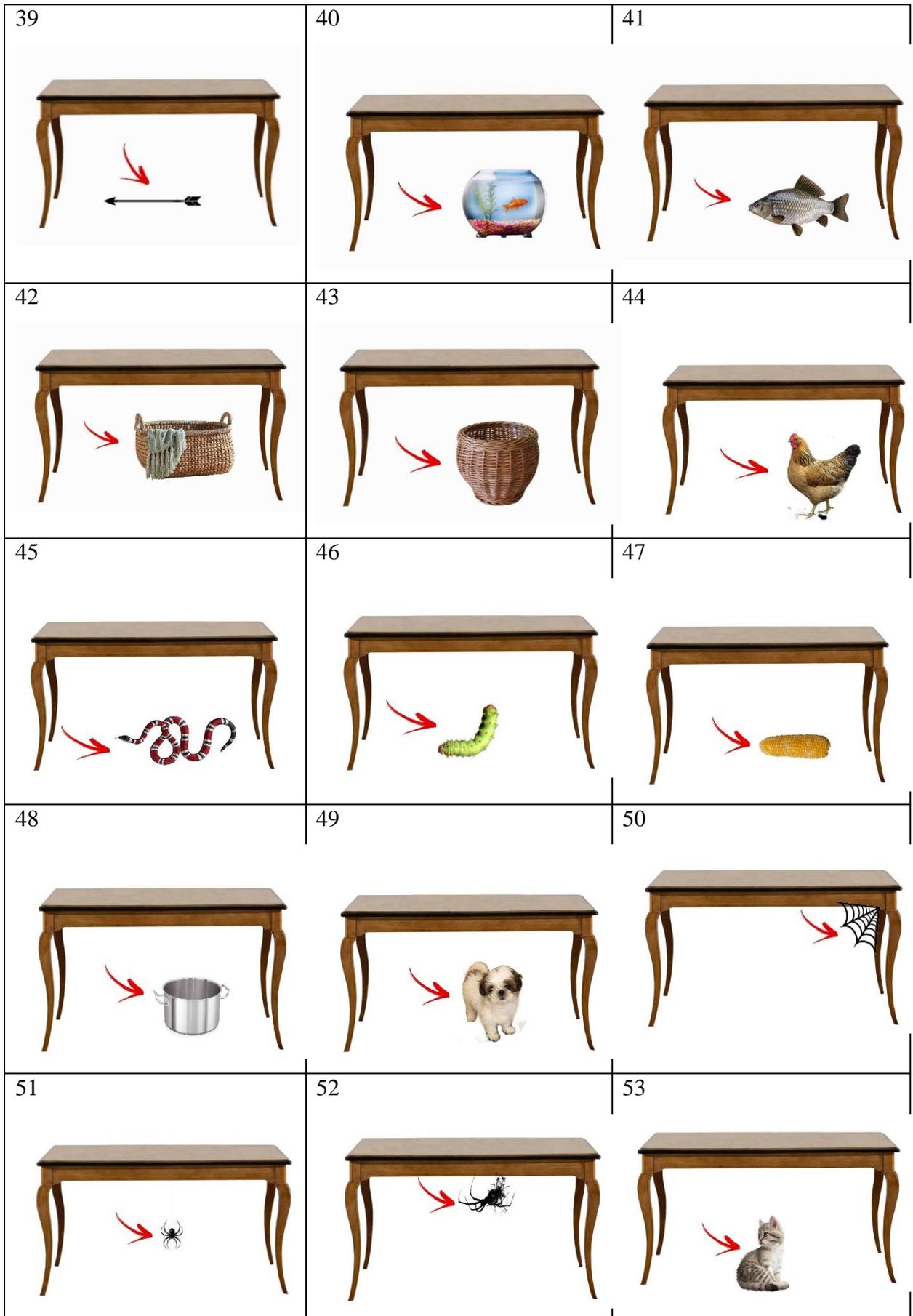


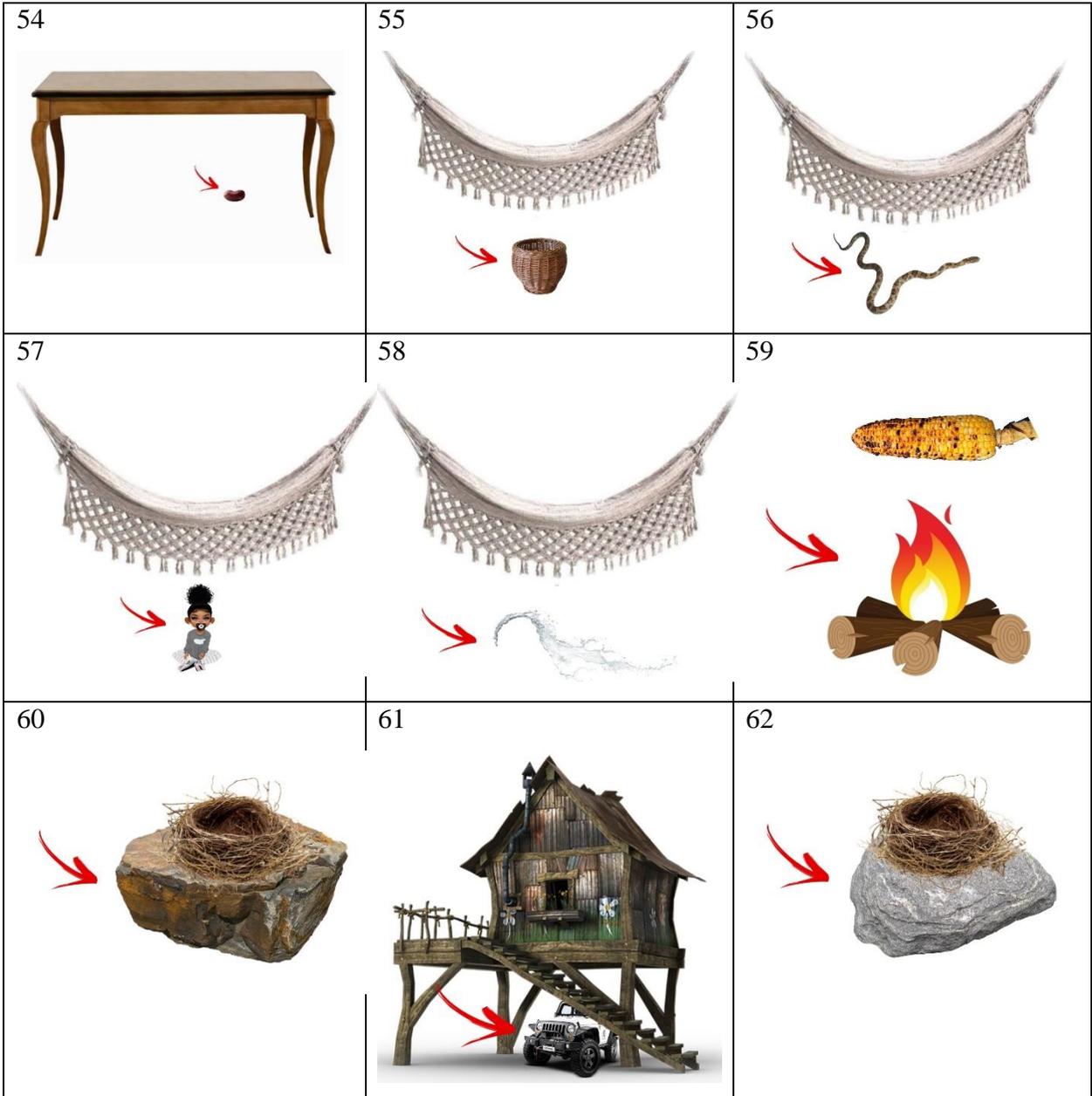
Relação especial: *F atrás de G*

20 	21 	22 
23 	24 	25 
26 		

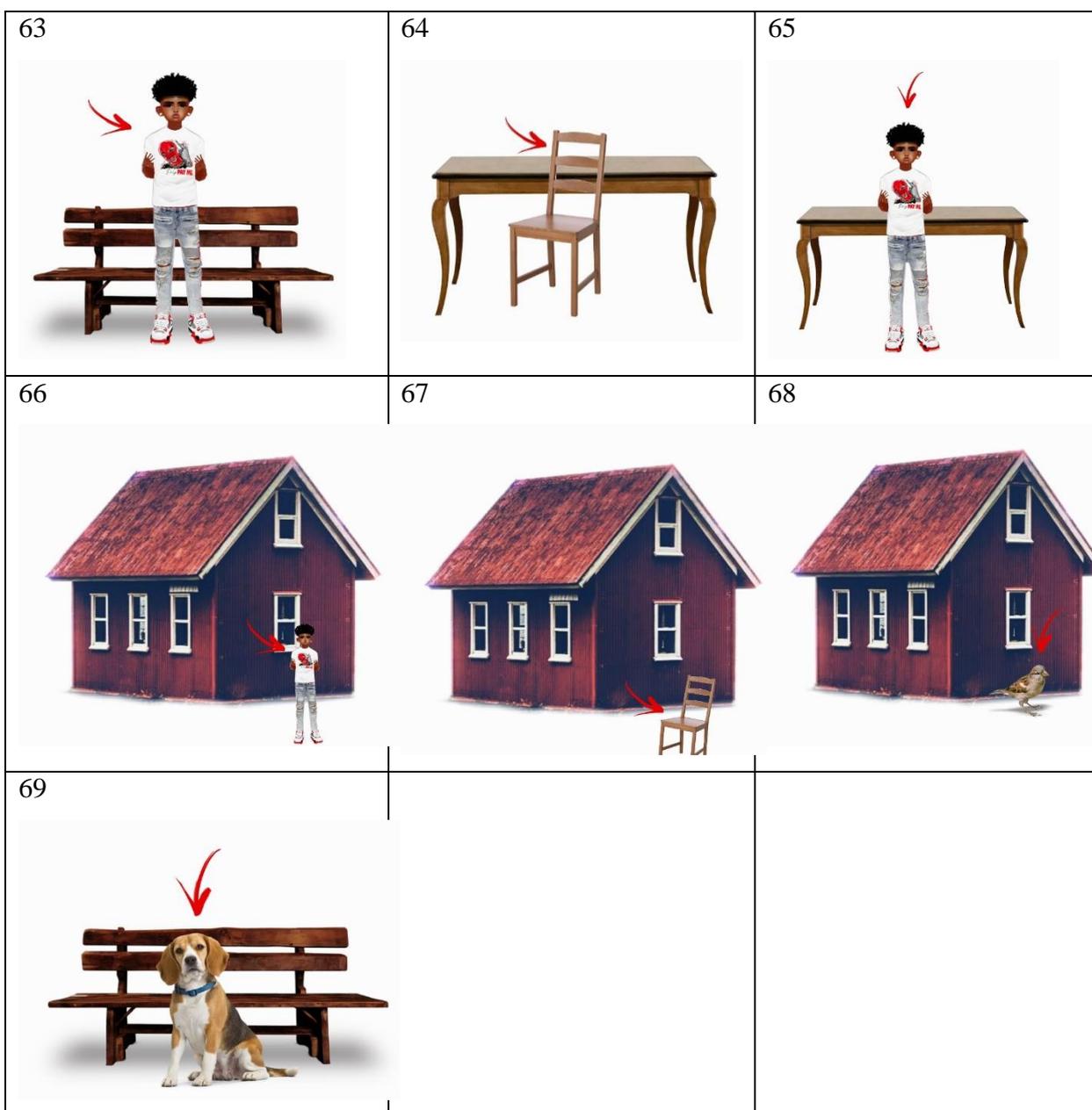
Relação especial: *F em baixo de G*



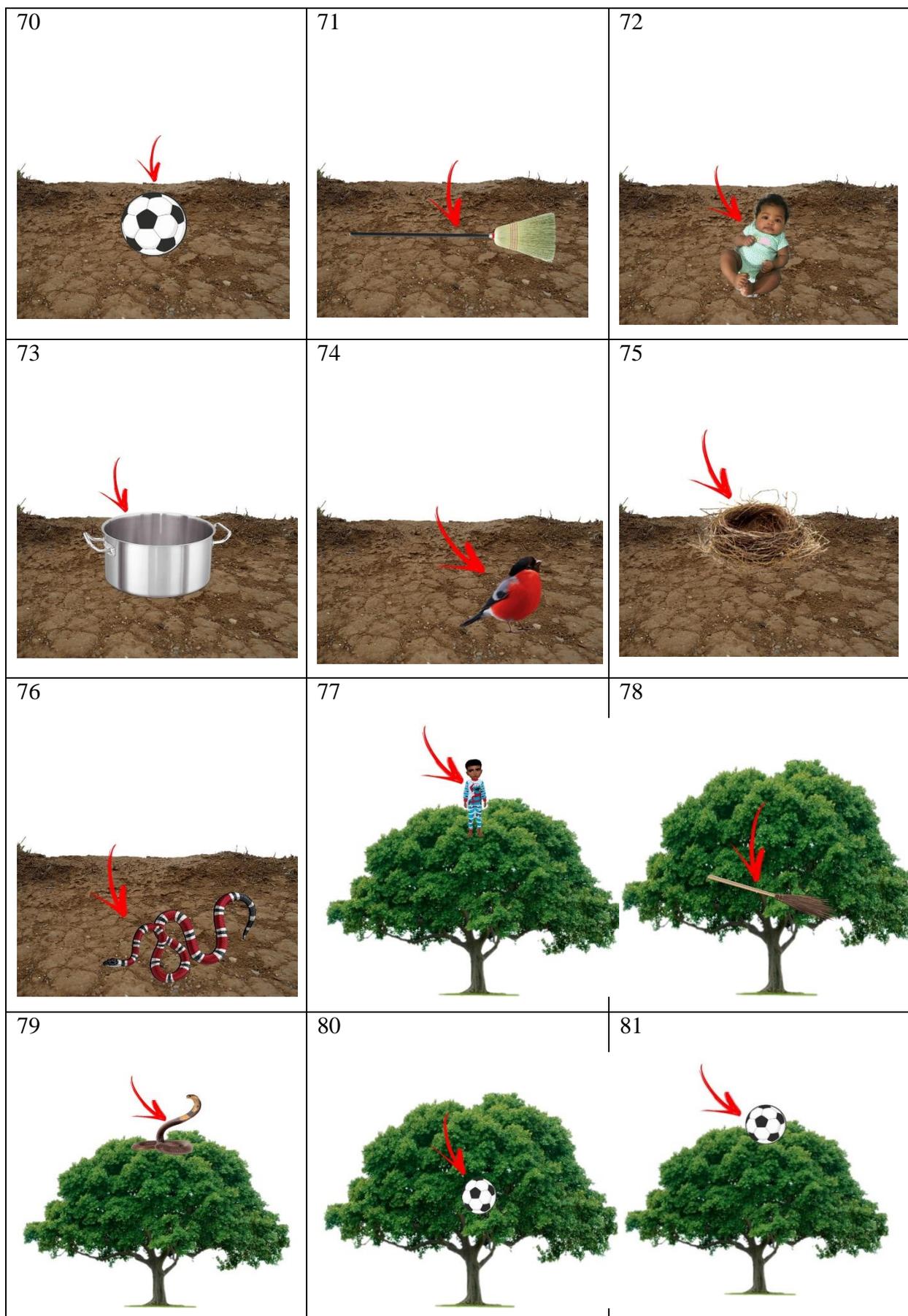


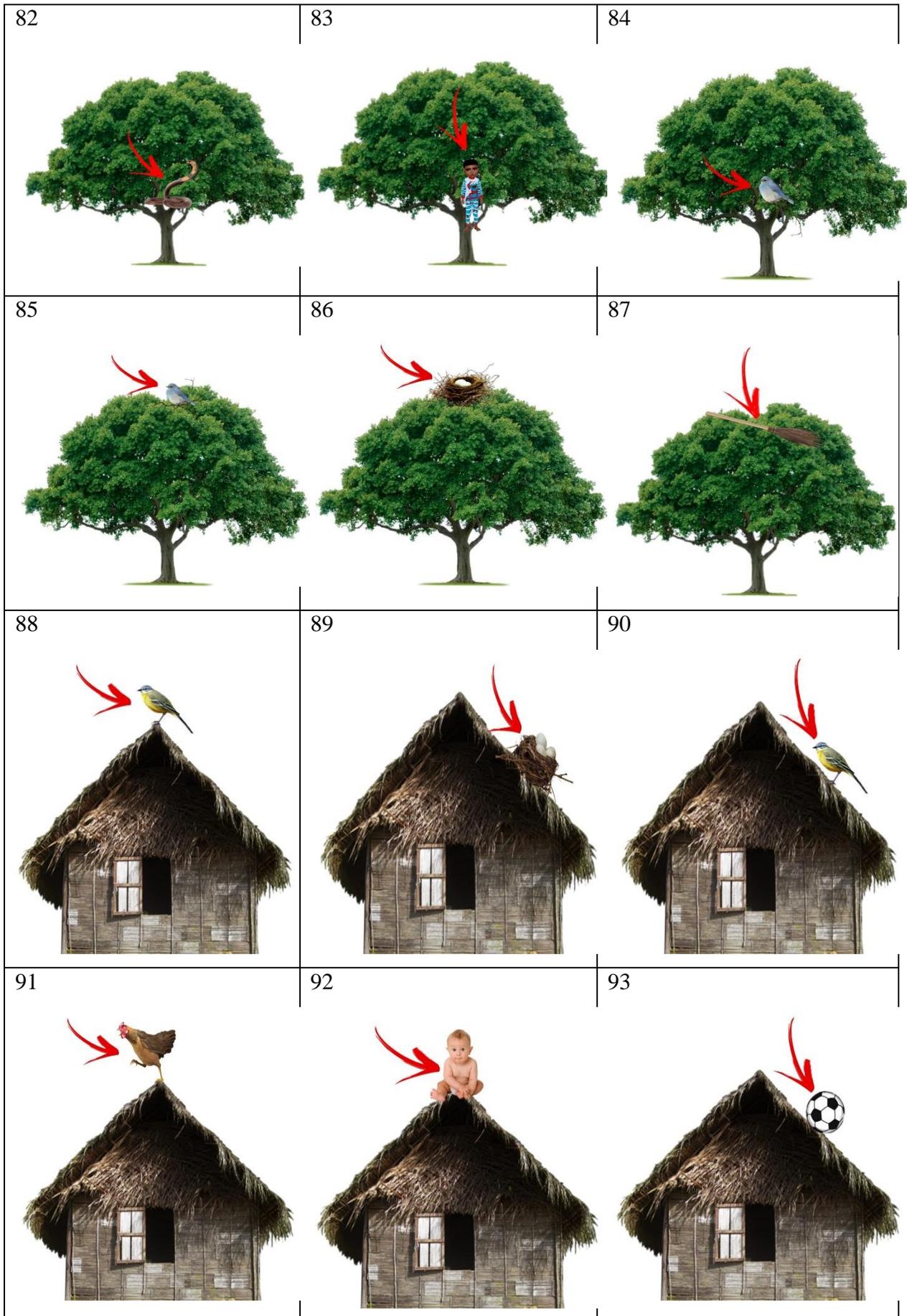


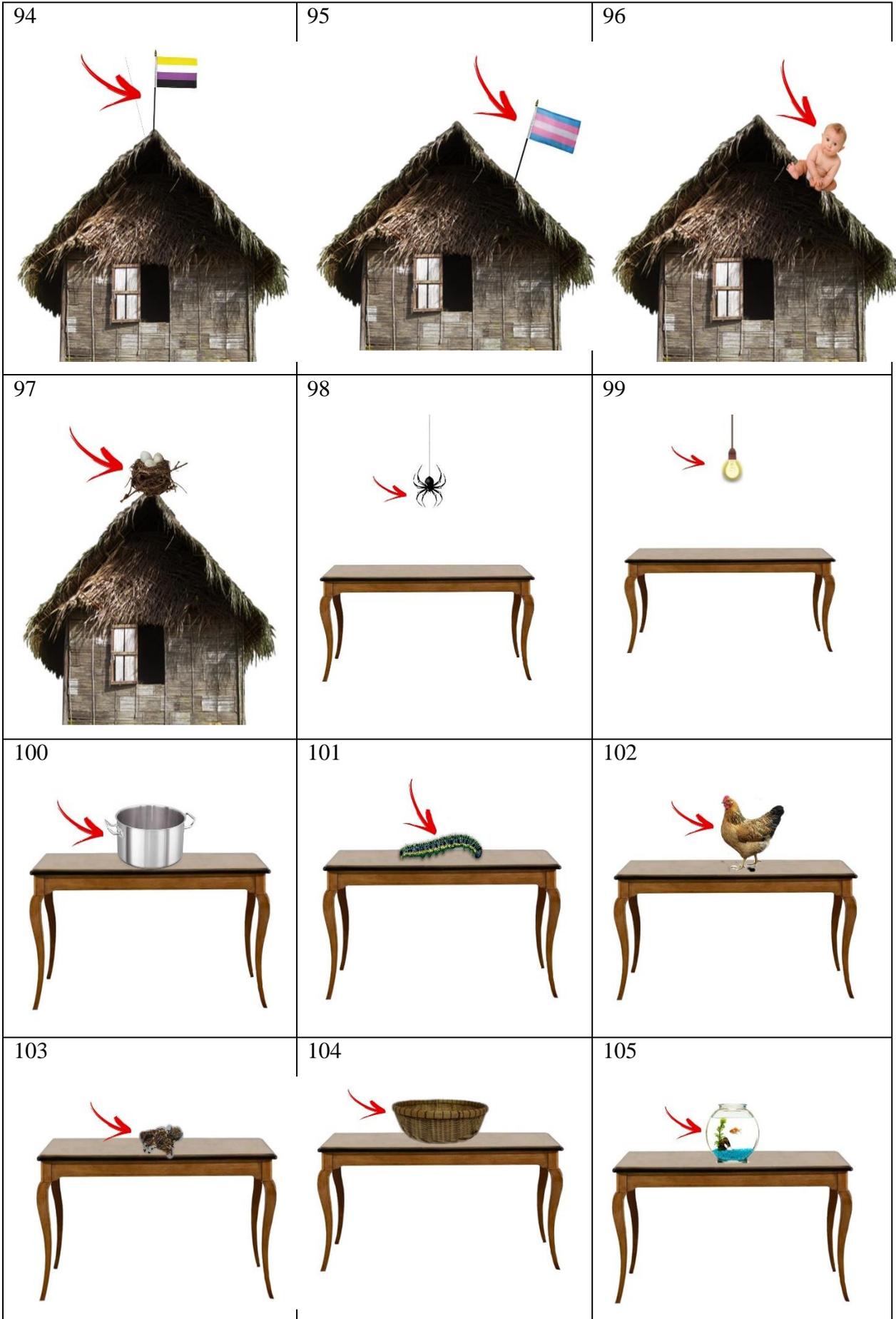
Relação especial: *F em frente a G*

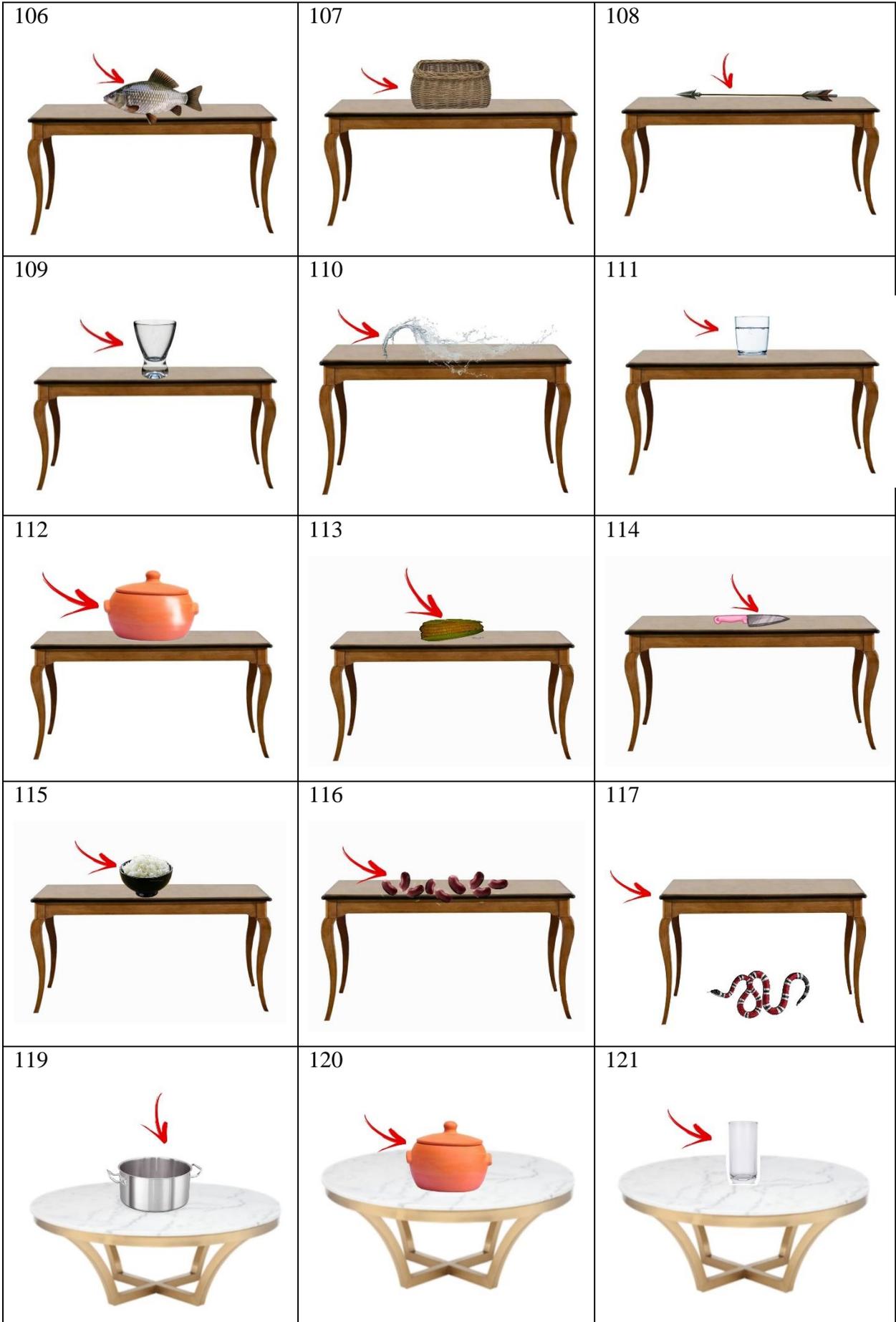


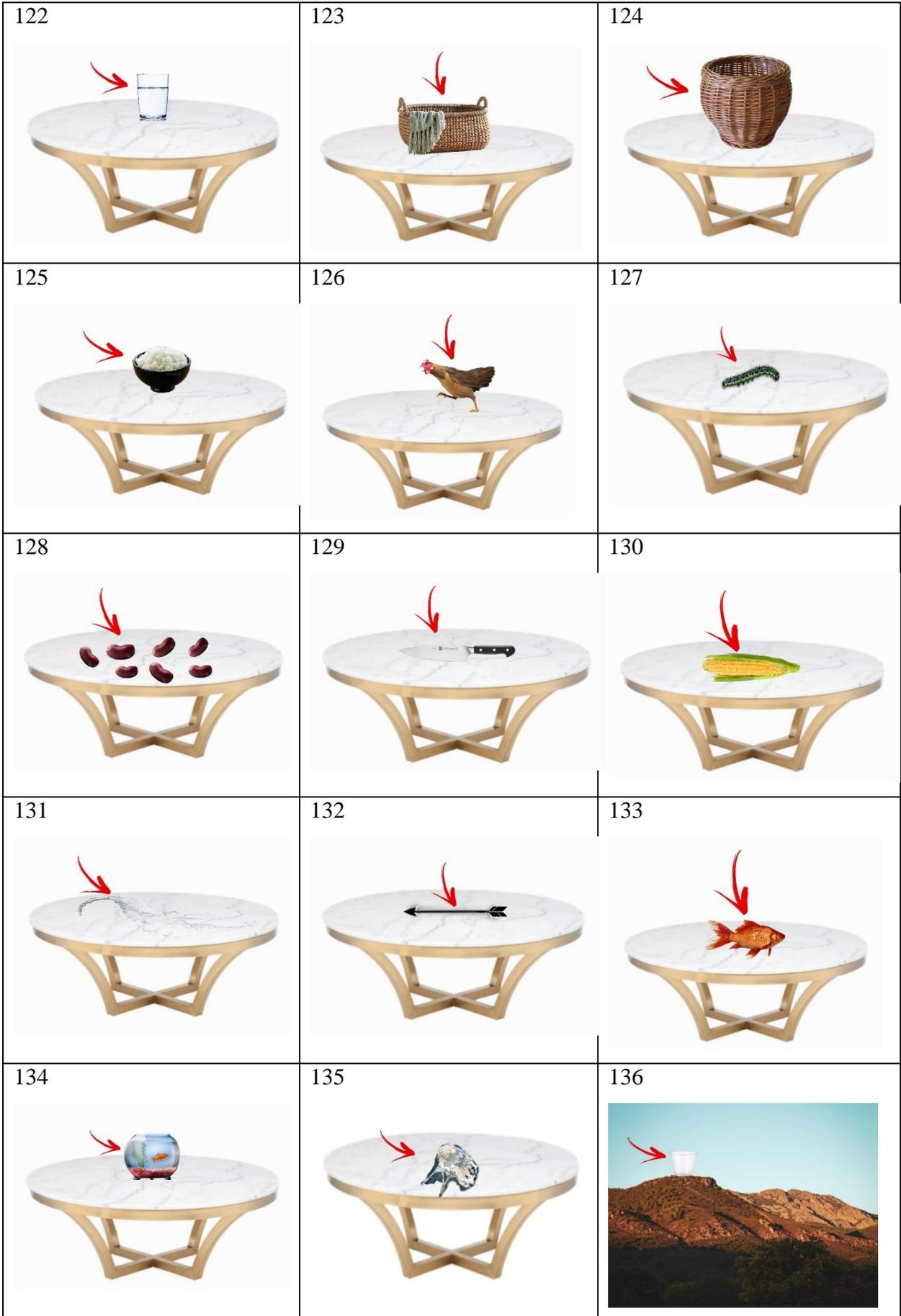
Relação especial: *F em cima de G*

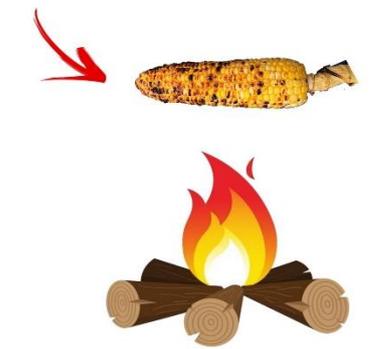




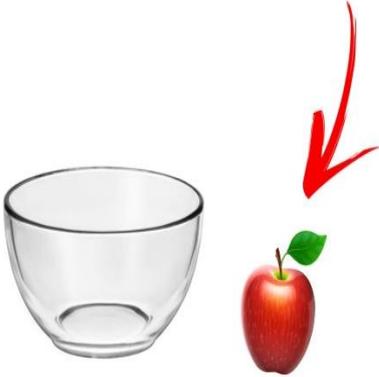


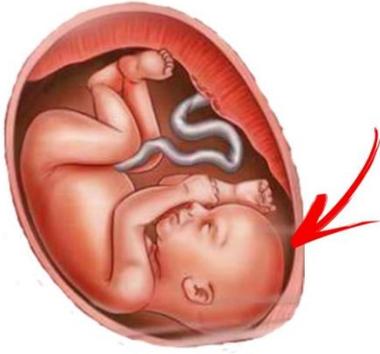
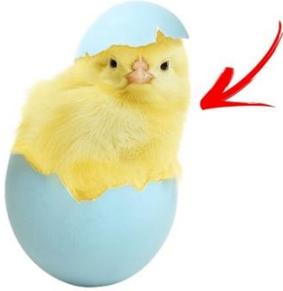
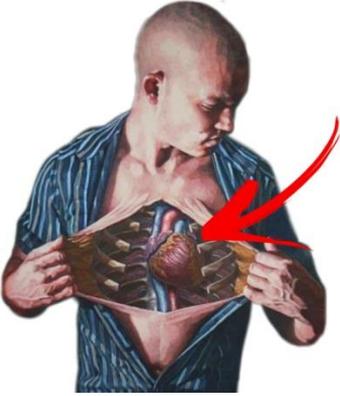
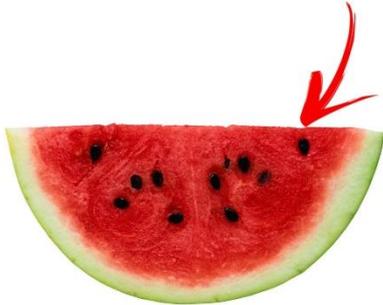




<p>137</p> 	<p>138</p> 	<p>139</p> 
<p>140</p> 	<p>141</p> 	<p>142</p> 
<p>143</p> 	<p>144</p> 	<p>145</p> 
<p>146</p> 		

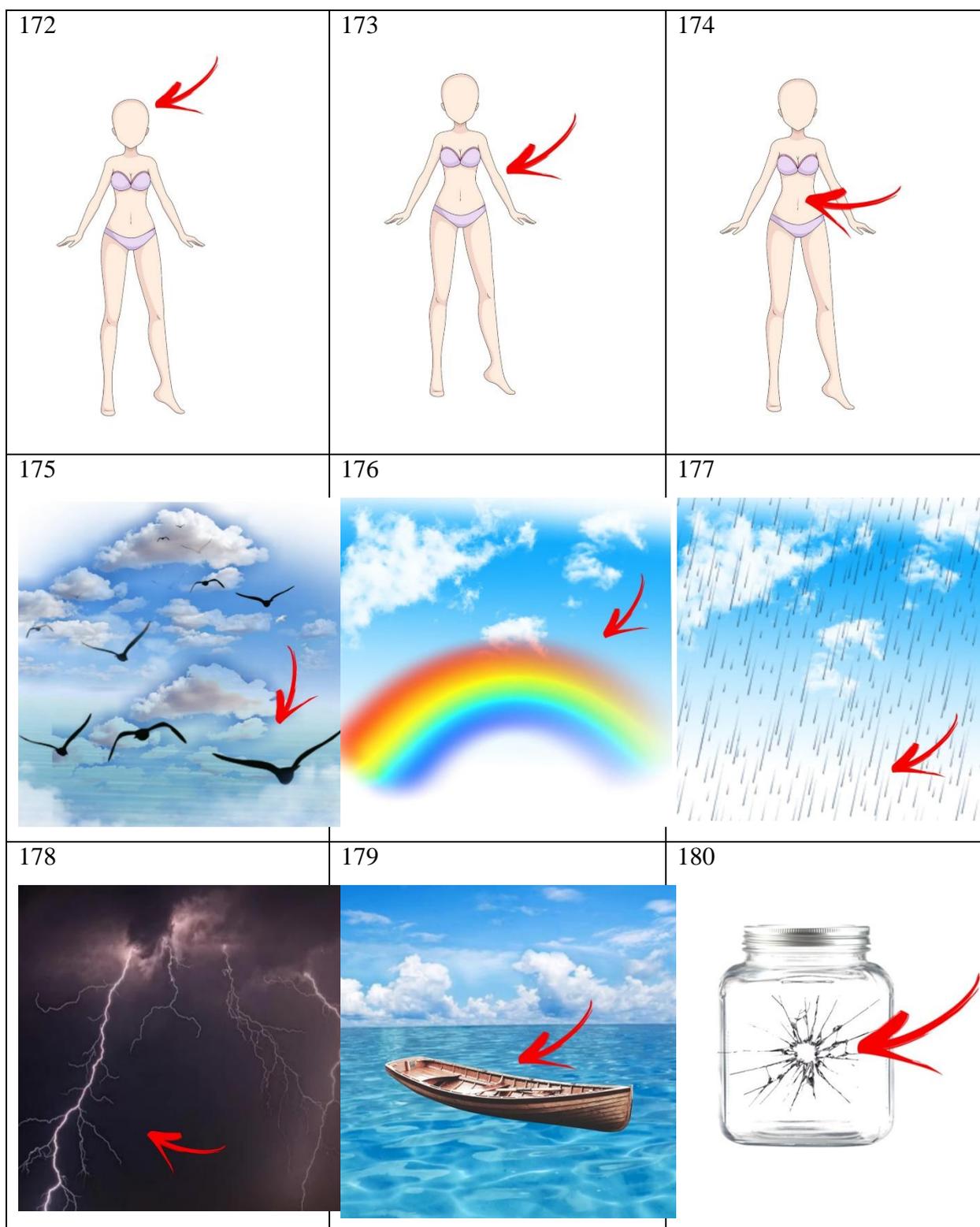
## Relações espaciais complexas: F dentro e fora de G

147 	148 	149 
150 	151 	152 
153 	154 	155 

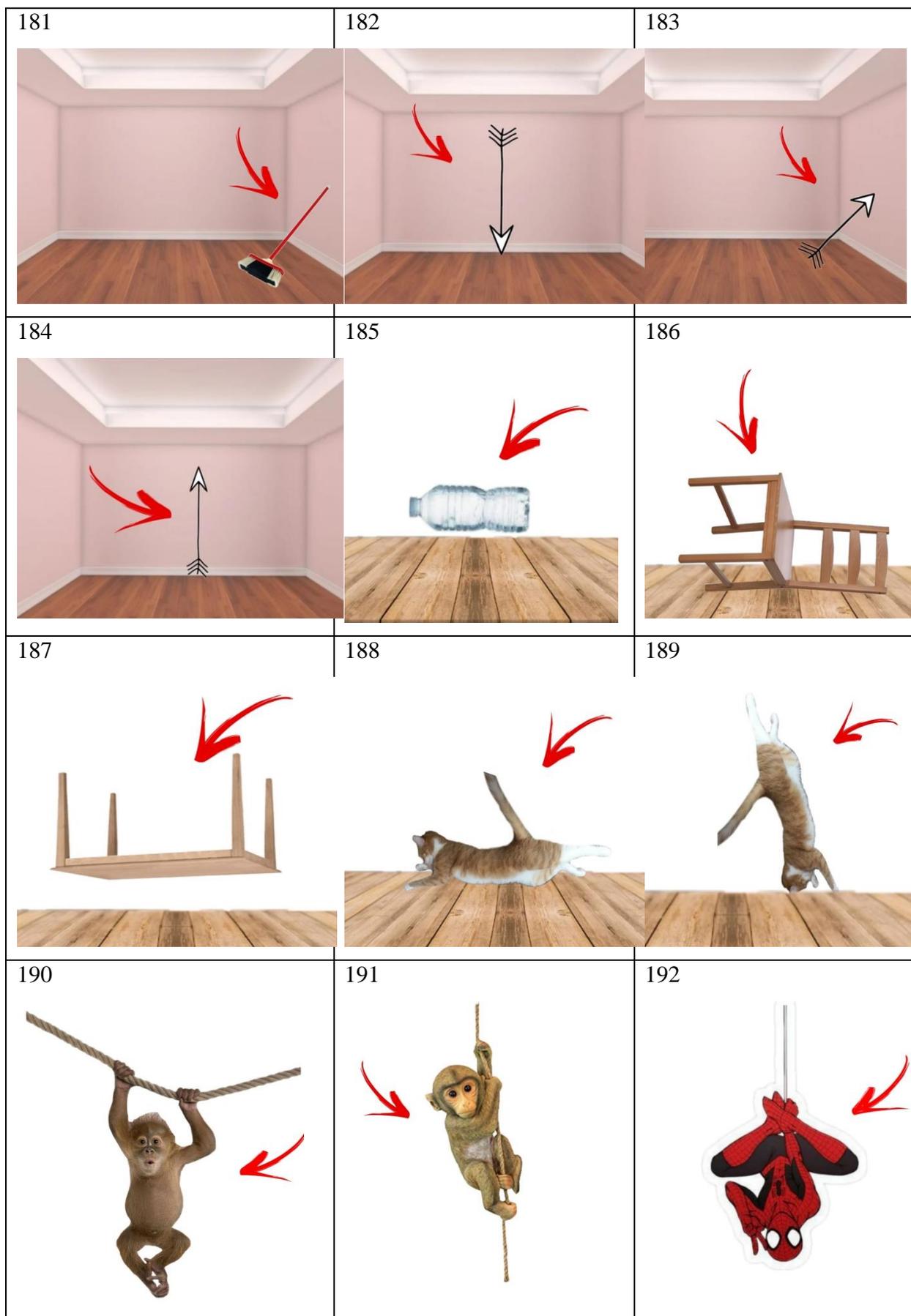
<p>156</p> 	<p>157</p> 	<p>158</p> 
<p>159</p> 	<p>160</p> 	<p>161</p> 
<p>162</p> 	<p>163</p> 	<p>164</p> 
<p>165</p> 	<p>166</p> 	<p>167</p> 

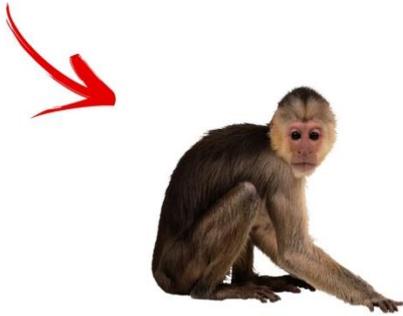
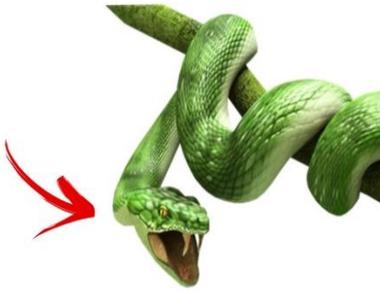
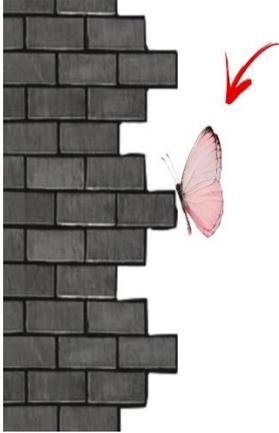
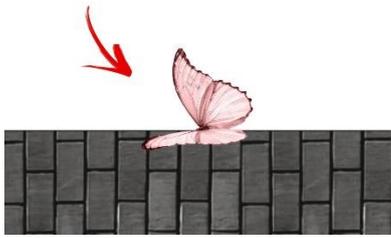
<p>168</p> 	<p>169</p> 	<p>170</p> 
<p>171</p> 		

## Outras relações espaciais complexas



Relações espaciais complexas: *posturas e posições*



<p>193</p> 	<p>194</p> 	<p>195</p> 
<p>196</p> 	<p>197</p> 	<p>198</p> 
<p>199</p> 	<p>200</p> 	<p>201</p> 
<p>202</p> 	<p>203</p> 	<p>204</p> 

